



Seminário Teológico Presbiteriano
Rev. Ashbel Green Simonton

SEMENTES

DOSSIÊ “EM ESPÍRITO E EM
VERDADE”: ARTE, MÚSICA E CULTO

E-ISSN: 2764-9296

REVISTA CIENTÍFICA DE TEOLOGIA
VOL. 2 | Nº 2 | 2023

www.revistasementes.com.br



e-ISSN: 2764-9296 Vol. 2 - N° 2 - 2023

SEMINÁRIO TEOLÓGICO PRESBITERIANO REV.
ASHBEL GREEN SIMONTON

SEMENTES

Revista Científica de Teologia

DOSSIÊ "EM ESPÍRITO E EM VERDADE": ARTE,
MÚSICA E CULTO



Rio de Janeiro
Dezembro de 2023



Seminário Teológico Presbiteriano Reverendo Ashbel Green Simonton

Diretoria

- Diretor - Rev. Sergio T. L. Kitagawa
- Capelão - Rev. Adelino Barros
- Gerente Administrativa - Danielly Coelho
- Coordenador do Curso de Teologia – Rev. João Batista Borges
- Coordenador do Núcleo de Pós-Graduação – Rev. Jackson William Marques Fonseca
- Orientadora Pedagógica – Simone Xavier de Lima

S471d Sementes: Revista Científica de Teologia [recurso eletrônico]. Dossiê em Espírito e em Verdade: arte, música e culto – v. 2. 2023. – Rio de Janeiro, RJ: Seminário Teológico Presbiteriano Rev. Ashbel Green Simonton.

102 f.

Recurso on-line [PDF] 256 Kb. Disponível em: www.revistasementes.com.br

Publicação contínua a partir de 2022.

e-ISSN: 2764-9296.

Título, resumos e textos em português.

Inclui referências.

1. Teologia – Estudo e ensino. 2. Vida cristã. 3. Vocação ministerial. 4. Igreja Presbiteriana – Doutrinas. I. Título. II. Revista Científica de Teologia. III. Faculdade Presbiteriana Mackenzie. IV. Seminário Teológico Presbiteriano Rev. Ashbel Green Simonton.

CDD 285.098105

JURET- JUNTA REGIONAL DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA DO RIO DE JANEIRO

Diretoria

- Presidente - Rev. Sandro Moreira de Matos (SBF)
- Vice-Presidente - Presb. Pascoal da Silva Filho (SOR)
- Secretário - Rev. Arivelton Peisini (SCS)

Titulares

- Rev. Sandro Moreira de Matos (SBF)
- Presb. Pascoal da Silva Filho (SOR)
- Rev. Arivelton Peisini (SCS)
- Rev. Márcio José da Silva Ciríaco (SCX)
- Presb. Antônio José Rosa (SSF)

Suplentes

- Rev. Lael Viana de Alcântara (SLF)
- Rev. Lourival Marciano dos Santos (SRJ)
- Rev. Edson Arantes Ferreira (SGB)
- Presb. Dorvy da Silva Correia (SRF)
- Presb. Cláudio Roberto Quaresma Machado (SOF)

JET - JUNTA DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA DA IPB

Diretoria

- Presidente: Rev. Leonardo Sahium
- Vice Pres.: Rev. Alfredo Ferreira de Souza
- Secretário: Pb. Flávio Heringer
- Tesoureiro: Rev. Alexandre Lessa

Titulares

- Rev. Leonardo Sahium (DF)
- Rev. Alfredo Ferreira de Souza (RR)
- Rev. Alexandre Ribeiro Lessa (BA)
- Rev. José Sidério dos Santos (SP)
- Rev. Juliano Balbino (GO)
- Pb. Flávio Heringer (DF)
- Pb. Hildemar Rodrigues Falcão Júnior (MG)
- Pb. Paulo Mendes Júnior (RJ)
- Pb. Ítalo Fittipaldi (PB)



Expediente

Equipe Editorial

Editor-Chefe

- Prof. Dr. Rev. Sergio T. L. Kitagawa - STPS

Editores Adjuntos

- Prof. Rev. Adelino Barros - STPS
- Prof. Dr. Rev. Junio Cesar Rodrigues Lima - PPGH/UERJ - STPS

Conselho Editorial

- Prof. Me. Rev. Jackson William Marques Fonseca - STPS
- Prof. Me. Rev. Ivo César Mozart - STPS
- Prof. Me. Rev. Eduardo Machado - PFI/UFF -STPS
- Prof. Me. José Mirabeau Paes Barreto Neto - STPS
- Prof.^a Me. Simone Xavier de Lima - STPS
- Prof.^a Esp. Tânia Brizon - STPS

Conselho Consultivo

- Prof.^a Dr.^a Alessandra Serra Viegas - STPS
- Prof.^a Dr.^a Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk – UFRJ - STPS
- Prof.^a Dr.^a Vânia de Cássia de Araujo Dutra - STPS

Equipe Técnica

- Prof. Me. Rev. André Luis Barros Monteiro - STPS
- Prof. Dr. Rev. Junio Cesar Rodrigues Lima - PPGH/UERJ - STPS

Diagramação e Editoração Eletrônica

- Equipe Técnica da Revista Sementes



Contato

Endereço Postal

Rua Isolina, 151, Méier, Rio de Janeiro - RJ - CEP: 20710-080

Contato Principal

Equipe Editorial da Revista Sementes / Seminário Teológico Presbiteriano

Reverendo Ashbel Green Simonton

Rua Isolina, 151, Méier, Rio de Janeiro – RJ - CEP: 20710-080

Tel. +55 (21) 2201-6734 - E-mail: revistasementes@gmail.com

Site: www.revistasementes.com.br

Contato para Suporte Técnico

Equipe Editorial da Revista Sementes

E-mail: revistasementes@gmail.com

Todos os textos são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a posição da editoria ou da instituição responsável por esta publicação.



Sumário

EDITORIAL

ABRIR A ALMA, TOCAR A ALMA, SENTIR A ALMA

Sergio Tuguo Ladeira Kitagawa, 8

DOSSIÊ

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A TEOLOGIA NO CANTO CONGREGACIONAL

Anuacy Fontes, 13

"EM ESPÍRITO E EM VERDADE": ARTE, MÚSICA E CULTO

Jairo de Souza Santos Junior, 17

A VOZ DA ALMA: EXPRESSANDO O INEXPRIMÍVEL

José Mirabeau Paes Barreto Neto, 28

O CULTO A DEUS E O LAÇO MATRIMONIAL EM OSEIAS

Ely Costa Júnior, 42

ARTIGOS

REFLEXÕES SOBRE A PARÁBOLA DO FARISEU E DO PUBLICANO

Lander de Assis Macedo, 60

A COMPREENSÃO DA DOCTRINA DA PROVIDÊNCIA

Otávio Augusto Freitas da Silva, 80

RESENHAS

COMUNICAÇÃO QUE TRANSFORMA: ENSINAR PARA IMPACTAR VIDAS

Luan Andrade Pena, 100



Editorial

ABRIR A ALMA, TOCAR A ALMA, SENTIR A ALMA

Rev. Dr. Sergio Tuguio Ladeira Kitagawa¹

Como esquecer das músicas cantadas na Escola Bíblica de Férias da Congregação Presbiteriana em que fui criado? Ainda me lembro da Prof.^a Salete Maciel no teclado, programado com o som de *Pipe Organ*, tocando os clássicos “Ele vive, vive, vive!”, “Posso ser um missionariozinho”, “As crianças devem crer” e tantos outros que marcaram minha infância. Desde cedo fui atraído pela música na Igreja. Quando ganhei meu primeiro hinário, andava de um cômodo para o outro da casa, cantando aquelas músicas que me identificavam com o povo com o qual eu me reunia todos os domingos, ainda que, naquela época, eu não entendesse bem o porquê e o para quê.

Cresci. E fui instruído quanto ao que é o culto e qual a sua motivação e fundamento. E na transição da infância para adolescência fui premiado com aulas de teclado, que posteriormente se tornaram aulas de piano, gentil e visionariamente patrocinadas – depois eu fiquei sabendo – por um irmão de nossa congregação. Aprendi a tocar os hinos “Tuas obras de coroam” e “Louvamos-te ó Deus”, que durante muito tempo foram os únicos que eu sabia tocar, a ponto de uma regente de outra igreja do Presbitério fazer registrar em público a sua alegria quando me viu, já adolescente, tocar acompanhando o coral. Ela até citou os números dos únicos hinos que eu tocava quando comecei².

¹ Doutor em História pela FFP/UERJ. Diretor do Seminário Presbiteriano Rev. Ashbel Green Simonton.

² Dedico este texto aos amados irmãos que tanto marcaram minha trajetória como cristão e músico: Salete Maciel – que descobri ter sido a primeira professora de Música do então Seminário Presbiteriano do Rio de Janeiro, hoje

A música sensibiliza. Figuradamente podemos afirmar que a música abre alma, toca a alma, sente a alma. Sou grato a Deus por me permitir servir a ele também nessa área e hoje, celebro o privilégio de ter acesso ao conhecimento teológico que fundamenta esse ministério. Esse é o principal objetivo da presente edição de nossa revista teológica.

O dossiê temático “Em espírito e em verdade – arte, música e culto” celebra a Semana Teológica de mesmo tema realizada nos dias 26, 27 e 28 de setembro de 2023, na sede de nosso Seminário Teológico Presbiteriano Rev. Ashbel Green Simonton. O evento foi realizado em parceria com o Conselho de Hinologia, Hinódia e Música da Igreja Presbiteriana do Brasil (CHHM/IPB). Os palestrantes foram o Rev. Anuacy Fontes, presidente do Conselho, que abordou os temas “*A Teologia no Canto Congregacional*” e “*A Arte que dá Sentido ao Texto*”; o Rev. Guilherme Iamarino, do Projeto Sola, que nos falou sobre o “*Equilíbrio Entre os Valores Musicais Antigos e a Contextualização dos Novos Formatos de Canto*”; o Rev. José Mirabeau que palestrou sobre a “A Voz da Alma: Expressando o Inexprimível” e o Rev. Ely Costa que abordou os “Princípios Norteadores do Legado Musical de Martinho Lutero para a Igreja Contemporânea” e o “Canto Congregacional-Problemas e Soluções”.

Você pode acessar as palestras através da *playlist* abaixo:

https://youtube.com/playlist?list=PLICAFI_6S9ILCynWR5SWUYD9sKWaIP15j&si=7GkbjfrjhioDPle-

O dossiê é aberto com a apresentação de Anuacy Fontes, presidente do CHHM/IPB, sob o título “*Uma breve reflexão no canto congregacional*”. Forma, estética e ética compõem o cerne da expressão confessional musicada pelo povo de Deus.

A seguir, Jairo de Souza Santos Júnior, professor do Seminário Presbiteriano Brasil Central e membro do CHHM/IPB, depura o tema com o artigo que dá nome ao dossiê. Ele visa acentuar o teocentrismo na adoração cristã tomando o cuidado de refletir sobre o caráter temporal e contextual da arte litúrgica.

Por sua vez, José Mirabeau de Paes Barreto Neto, professor do Seminário Presbiteriano Simonton e membro do CHHM/IPB, brinda-nos com “*A voz da alma: exprimindo o inexprimível*” em que a precisa exegese do Salmo 150 dialoga com sólida fundamentação teológica demonstrando que a música é um instrumento autorizado e

Seminário Simonton – ; Marcos Cardozo, meu professor de piano e primeiro regente; Rev. Cid Pereira Caldas, que me inspirou a não deixar de ser pastor-músico; Mídia Pacheco Junger (*in memoriam*), a regente que guardou os números dos hinos que eu tocava no início de minha carreira musical; Silas Sias (*in memoriam*) que me fez definitivamente regente de coral e Áulio Costa (*in memoriam*), meu mecenas.

incentivado por Deus para que o homem atenda ao seu chamado essencial: o glorificar a Deus.

Fechando o dossiê temático, Ely Costa Júnior, professor do Seminário Presbiteriano Simonton e secretário-executivo do CHHM/IPB, examina a identidade do adorador à luz da Teologia da Aliança no artigo “*O culto a Deus e o laço matrimonial em Oséias*”, buscando no estudo do profeta Oséias elementos que definam a adoração como algo que está para além dos ritos, mas que está assentada em uma relação de amor e intimidade para com o Deus que adorado.

A atual edição conta ainda com duas contribuições fruto do labor acadêmico de nosso Núcleo de Pós-Graduação, mais especificamente do Curso de Pós-Graduação em Estudos do Novo Testamento: Em “*Reflexões sobre a Parábola do Fariseu e do Publicano*” Lander de Assis Macedo argumenta que a principal lição da parábola não está na condenação do fariseu, mas essencialmente na valorização da ação do publicano. Por sua vez, Otávio Augusto Freitas da Silva reflete sobre “*A compreensão da doutrina da Providência*”, abordando um dos textos mais marcantes do Novo Testamento que fundamentam as reflexões sobre essa doutrina: Romanos 8.28-30. Nossa Graduação em Teologia também produz bons frutos, como demonstrado na resenha do livro “*Comunicação que transforma: ensinar para impactar vidas*” de autoria de Luan Andrade Pena.

Estou certo de que a leitura do material aqui publicado enriquecerá espiritual e academicamente aqueles que dele desfrutarem. Porque teologia do culto é teologia para vida. E por isso não posso deixar de citar um fato marcante: no dia em que abrimos nossa Semana Teológica que deu origem ao dossiê temático desta edição, nos despedimos de um dos nossos professores, o querido Rev. Evaldo Beranger. Em respeito à sua memória (um apaixonado por eventos teológicos) e aos palestrantes já convidados e vindos de fora do Estado, não cancelamos nossa programação. E ali, em meio à saudade, a arte da música foi mais uma vez instrumento de Deus para nosso conforto, na medida em que, conduzidos pelo Rev. Anuacy Fontes, juntos, professores, alunos e visitantes, cantamos:

*Lá está o meu tesouro
Lá onde não há choro
Onde todos cantaremos juntos
Glórias ao Senhor, Salvador!*

*Aleluia, aleluia
Aleluia, aleluia
Hinos de louvor ao Senhor*

E ainda, num segundo momento, cantamos:

*Se paz a mais doce me deres gozar,
Se dor a mais forte eu sofrer,
Oh! Seja o que for, tu me fazes saber
Que feliz com Jesus sempre sou!
Sou feliz com Jesus,
Sou feliz com Jesus, meu Senhor!
(...)
A vinda eu anseio do meu Salvador,
Em breve virá me levar
Ao céu, onde eu vou para sempre morar
Com remidos na luz do Senhor!*

Estou certo de que o amigo, colega, o nosso professor Evaldo, hoje desfruta de forma plena, completa e perfeita o significado de adorar em espírito e em verdade. No conforto e na certeza de que em breve nos juntaremos a ele em perfeito louvor, oro ao Deus da graça e misericórdia para que abençoe você, prezado leitor, conduzindo-o a adorá-lo em espírito e em verdade: com a arte da música e poesia de seu culto comunitário dominical tanto quanto com o pulsar diário de sua vida pública.

Orando por e com você,

*Rev. Sergio Kitagawa
Diretor do STPS*

DOSSIÊ EM ESPÍRITO E
EM VERDADE

ARTE MÚSICA E CULTO

WWW.REVISTASEMENTES.COM.BR

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A TEOLOGIA NO CANTO CONGREGACIONAL

Rev. Anuacy Fontes¹

RESUMO

A música vem absorvendo sutilmente o conteúdo filosófico da sociedade. Positiva e negativamente ela dá forma a estes pensamentos validando-os artisticamente, os quais são transmitidos de maneira própria, para a igreja. Cabe a nós filtrarmos essas influências, sem perdermos de vista a caminhada do progresso, tendo consciência de nos apegarmos cada dia mais ao conteúdo e discutirmos equilibradamente a forma.

PALAVRAS-CHAVE: Teologia do Culto; Canto Congregacional; Música; Liturgia.

ABSTRACT

Music has subtly absorbed the philosophical content of society. Positively and negatively, it gives form to these thoughts by artistically validating them, which are then transmitted in their own way to the church. It's up to us to filter out these influences, without losing sight of the path of progress, being conscious of sticking more and more to the content and discussing the form in a balanced way.

KEYWORDS: Theology of Worship; Congregational Singing; Music; Liturgy.

A música no culto deve ser um elemento de expressão devocional consciente, como ferramenta adequada que visa externar verdades dos conteúdos litúrgicos. Tendo estes princípios bem discernidos, e aplicados nos trabalhos devocionais, o canto migrará de simples expressão artística de um povo, para ser a declaração poética das convicções teológico espirituais da igreja

O canto congregacional é um elemento litúrgico claramente descrito, orientado na bíblia. Conforme L Michael Morales comenta em seu livro "Quem Subirá ao Monte do Senhor" da Ed. Cultura Cristã, que logo depois de ver a libertação feita por Deus ao Seu

¹ Pastor da Igreja Presbiteriana do Calhau, São Luís do Maranhão. Presidente do CHHM - Conselho Nacional de Música da IPB.

povo pelo mar, a primeira atitude de Moisés é dirigir, conduzir o povo em uma canção de adoração descrita em Êxodo 15:11 11 “Ó SENHOR, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas?”, talvez a mais antiga canção registrada nas escrituras.

É importante saber que quando vamos ao culto, estamos atendendo à convocação santa do Senhor. Nós vamos movidos pelo agir do Seu Espírito que opera em nós conforme nos diz a carta de Paulo aos Filipenses 2:13 - “porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.”

Esse "efetuar" no original grego ἐνεργέω *energeo* (atuar, produzir, ajudar, dar forças), é como um despertar que Deus provoca em nós para efetuar, cumprir a Sua vontade

A música no culto é um elemento muito importante, essencial, pois pavimenta o caminho por onde as expressões afetivas de louvor, adoração, confissão e consagração, são manifestas diante de Deus e para Deus. Mesmo com grande importância, precisamos entender que o canto congregacional não é um sacramento, a exemplo do batismo e da santa ceia que representam em si mesmo, o selo e a nova aliança. A música, quando utilizada como ferramenta, meio de comunicação, se torna condutora de ideias, conceitos que contribuem para a formação de pensamentos que inevitavelmente irão influenciar na conduta daqueles que a apreciam, que a absorvem.

Quando a música veicula mensagens, ela desenha no coração daqueles que a praticam, um cenário apropriado, criativo, para a fixação do conteúdo que ela mesmo transmite. Conforme o teólogo Louis Berkhof, “Deus criou o homem de tal maneira, que ele obtém conhecimento particularmente pelas avenidas dos sentidos da visão e da audição. A Palavra está adaptada aos ouvidos e os sacramentos aos olhos. E, desde que os olhos são mais sensíveis que os ouvidos, pode-se dizer que Deus, ao acrescentar os sacramentos à Palavra, vem em auxílio do pecador. A verdade dirigida aos ouvidos através da Palavra está representada nos sacramentos para os olhos. Deve-se ter em mente, porém, que, enquanto a Palavra pode existir e é completa sem os sacramentos, os sacramentos nunca são completos sem a Palavra. Há pontos de semelhança e de diferença entre a Palavra e os sacramentos”.

O canto congregacional não é apenas uma manifestação afetiva do povo de Deus, ele é um elemento importante no exercício devocional, sendo uma ferramenta básica na expressão teológica da adoração e louvor comunitários a Deus. Este canto, ou seja, expressão musical, tem seu valor descrito pelo conteúdo que ele transmite. As

combinações rítmicas e melódicas que viabilizam este conteúdo, devem estar perfeitamente harmonizadas com a intenção devocional do culto.

O canto congregacional se torna indiscutivelmente a expressão confessional de um povo no momento do ajuntamento solene, na devoção cúltica. O que cantamos e como cantamos devocionalmente, deve ser orientado pela palavra de Deus. Verbalizações melódicas que afirmam e confirmam o exercício de nossa fé, precisam seguir a instrução bíblica apresentada nas narrativas devocionais do povo de Deus. Estas narrativas apontam o caminho seguro das manifestações afetivas, descrevendo os atributos de Deus aplicados na vida do seu povo, e a resposta deste mesmo povo ao cuidado de Deus. O reconhecimento de sua incapacidade, pecado e busca de perdão manifestos em súplica diante de Deus são externados de forma melódica, servindo como didática para o aperfeiçoamento em forma de canto congregacional.

Sim, o canto congregacional é uma expressão confessional teológica do povo para Deus. Esta expressão deve ter como base o conhecimento da pessoa de Deus expressa em seus atos na revelação bíblica, e efetivada na resposta do servo para com o Senhor, representando assim o exercício da responsabilidade do homem na relação com o Senhor, que é configurada em uma aliança estabelecida pelo próprio Deus na vida dos seus eleitos, ou seja, o compromisso do homem diante da parte que lhe cabe nesta relação, nesta aliança. Esta aliança consiste em um pacto de graça promovido pelo próprio Deus como expressão do seu amor. Portanto, compreender o que se canta e porque cantar, é responder afetivamente ao propósito para o qual fomos criados e chamados para ter uma relação íntima de servos com o Senhor da glória.

A música vem absorvendo sutilmente o conteúdo filosófico da sociedade. Positiva e negativamente ela dá forma a estes pensamentos validando-os artisticamente, os quais são transmitidos de maneira própria, para a igreja. Cabe a nós filtrarmos essas influências, sem perdermos de vista a caminhada do progresso, tendo consciência de nos apegarmos cada dia mais ao conteúdo e discutirmos equilibradamente a forma.

Quando se discorre a respeito da música na igreja, devemos ter em mente a orientação bíblica do salmista: Sl. 33:3 “Entoai-lhe um novo cântico, tangei com arte e com júbilo.”. A arte, qualquer que seja, obrigatoriamente constitui-se de adjetivos que são comuns a todas elas, tais como: apresentação do material, seja visível como um quadro ou invisível como o som, tenho aí a FORMA; forma versus a intenção, encontro a ESTÉTICA; a intenção com aplicação chego à ÉTICA. Temos assim três elementos didáticos: a FORMA, que é a livre expressão a partir da inspiração; a ESTÉTICA, que é

a técnica calculada em função da intenção, e a ÉTICA, que é a aplicação, ou aproveitamento da criação. Na igreja, o canto congregacional deve ter estes mesmos elementos, mas tudo em função da mensagem a ser dita. A FORMA que melhor pode expressar uma mensagem bíblica específica deve ter uma ESTÉTICA bem definida para sua intenção, aplicando-se uma ÉTICA perfeita para um aproveitamento total da obra, visando o crescimento da igreja para a glória de Deus.



“EM ESPÍRITO E EM VERDADE”: ARTE, MÚSICA E CULTO

Rev. Jairo de Souza Santos Junior¹

RESUMO

O propósito do presente artigo, é o esclarecimento quanto à verdadeira adoração teocêntrica. A adoração em espírito e em verdade é o apontamento dado pelo Senhor Jesus à maneira como Deus deve ser adorado. Deus não está restrito a um lugar: Ele é o Deus onipresente. No decorrer da história, não são poucas as vezes que tentaram restringir a adoração ao Deus único e verdadeiro a um lugar restrito. O Tabernáculo, o Templo e o Monte Gerizim não podem constituir-se como lugares exclusivos de adoração, assim como as construções a partir da Idade Média chamadas de “Templos”, restringem a adoração teocêntrica. Da mesma forma, a música e a arte não podem ter uma representação única na manifestação de adoração ao Senhor. A adoração em Espírito e em Verdade, seja na arte musical ou na arte litúrgica, se expandirão no tempo e no espaço com uma única finalidade: a adoração ao único que é digno de receber toda honra, toda glória e todo louvor.

PALAVRAS-CHAVE: Culto; Adoração; Música; Liturgia.

ABSTRACT

The purpose of this article is to provide clarification regarding true theocentric worship. Worship in spirit and in truth is the indication given by the Lord Jesus to the way God should be worshiped. God is not restricted to one place: He is the omnipresent God. Throughout history, there have been many times when attempts have been made to restrict the worship of the one true God to a restricted place. The Tabernacle, the Temple, and Mount Gerizim cannot constitute an exclusive place of worship, just as constructions from the Middle Ages called “Temples” restrict theocentric worship. In the same way, music and art cannot have a single representation in the manifestation of worship to the Lord. Worship in Spirit and Truth, whether in musical art or liturgical art, will expand in time and space with a single purpose: the worship of the only one Who is worthy of receiving all honor, all glory, and all praise.

KEYWORDS: Cult; Worship; Music; Liturgy

¹ Mestre em Teologia Pastoral: Faculdade Teológica Batista de Brasília (FTBB); licenciado em Música: Universidade Federal de Goiás (UFG); graduado em Piano: Universidade Federal de Goiás (UFG); e Professor de Música e Teologia do Culto: Seminário Presbiteriano Brasil Central (SPBC). E-mail: jsajunior@gmail.com

INTRODUÇÃO

Não são pequenas as divergências experimentadas nas mais variadas igrejas evangélicas quanto ao uso de instrumentos musicais, estilos de culto e formas de adoração para o culto a Deus. O homem, não raramente, em desobediência às Sagradas Escrituras, inverte a posição de adorador e assume a de ser adorado. Em boa parte das celebrações congregacionais de adoração, insurge um antropocentrismo musical. Deus é lançado à periferia do culto enquanto o homem ocupa o seu lugar ao centro. O estudo da música Cristã e sua relação com as Sagradas Escrituras perscrutam o ministério levítico no velho testamento. Os levitas foram escolhidos, dentre as tribos de Israel, para auxiliarem o trabalho de manutenção do santuário. Esse era um trabalho muito honroso que exigia santidade. É preciso considerar as festas de Israel e sua dinâmica cültica envolvendo abundância musical especialmente por meio do canto do “HALLEL”, acompanhado ao som de diversos instrumentos. A seguinte análise, discute os elementos contidos no culto teocêntrico e analisa a identidade da adoração em Espírito e em Verdade, juntamente com a arte musical vocal e instrumental e a arte litúrgica. Somente quando os parâmetros bíblicos norteiam a música, a arte em geral e a liturgia, estas poderão ser consideradas genuinamente cristãs.

1. A ADORAÇÃO EM ESPÍRITO E EM VERDADE

Senhor, disse-lhe a mulher, vejo que és profeta. Nossos pais adoravam neste monte; vós, entretanto, dizes que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar. Disse-lhe Jesus: mulher, podes crer-me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores.²

*“Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade.”*³. O encontro de Jesus com a mulher samaritana traz à luz o verdadeiro significado da adoração. Eles se encontraram junto ao poço de Jacó e o monte referido é Gerizim, local das bênçãos deuteronomicas.

² João 4.

³ João 4:19 a 24.

Abraão e Jacó adoraram neste monte; e não apenas adoraram, mas construíram altares nesta região.

*“Os samaritanos defendiam que muitos outros acontecimentos significativos durante o período patriarcal estavam associados ao monte Gerizim.”*⁴ De acordo com a tradição samaritana, um templo fora construído nesse lugar no quinto século A.C e derrubado por João Hircano e pelos judeus em 120 A.C⁵. Sempre houve uma disputa entre judeus e samaritanos sobre o lugar correto para a adoração. E agora, neste diálogo, Jesus esclarece a natureza da verdadeira adoração a Deus: uma adoração irrestrita a um lugar físico; feita a um Deus onipresente. Ele é espírito e a adoração a Ele é em espírito e em verdade... *“Mulher, podes crer-me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai”*. Com base nesta verdade, a Confissão de Fé de Westminster no capítulo XXI, ao tratar sobre princípio regulador do culto, afirma:

Agora, sob o Evangelho, nem a oração, nem qualquer outro ato do culto religioso é restrito a um certo lugar, nem se torna mais aceito por causa do lugar em que se ofereça ou para o qual se dirija, mas, Deus deve ser adorado em todo o lugar, em espírito e em verdade - tanto em famílias diariamente e em secreto, estando cada um sozinho, como também solenemente em assembleias públicas, que não devem ser descuidadas, nem voluntariamente desprezadas nem abandonadas, sempre que Deus, pela sua providência, proporciona ocasião.

Os termos usados para a adoração, no Antigo e no Novo Testamento, respectivamente, são: *bhōdhā* e *latreia* que originalmente se referem ao trabalho dos escravos, numa atitude de se prostrar com reverência, temor e respeito.

A adoração genuína é uma resposta à verdade divina. É ardente porque surge do nosso amor a Deus. Mas, para ser adoração verdadeira, precisa surgir de uma completa compreensão da lei de Deus, de sua justiça, de sua misericórdia e do seu Ser. A adoração verdadeira reconhece Deus como Ele se revelou em sua Palavra. Sabemos pelas Escrituras, por exemplo, que somente Ele é a fonte perfeita, santa, onipotente, onisciente e onipresente da qual fluem bondade, misericórdia, verdade, sabedoria, poder e salvação. Adorar significa atribuir glória a Ele por causa dessas verdades. Significa adorá-lo pelo que Ele é, pelo que Ele fez e pelo que Ele prometeu⁶ (MACARTHUR, 2014, p. 38 e 39).

Portanto, a adoração teocêntrica está intrinsecamente ligada ao Culto prestado ao Deus único e verdadeiro.

⁴ MACDONALD, 1964, p. 327-33.

⁵ BEALE, G.K. e CARSON, D.A. Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 552, São Paulo: Vida Nova, 2014.

⁶ MACARTHUR, John. Adoração, a prioridade suprema, p. 38 e 39, São Paulo: Editora Hagnos, 2014.

Calvino (2009, p. 396) diz que: “*Há inerentemente em todos os homens uma forte e indelével convicção de que devem cultuar a Deus*”⁷. A Confissão de Fé de Westminster (2019, pg.153) expressa com muita clareza e evidência, no capítulo XXI, o tratado sobre o Culto Religioso:

A luz da natureza mostra que há um Deus que tem domínio e soberania sobre tudo, que é bom e faz bem a todos, e que, portanto, deve ser temido, amado, louvado, invocado, criado e servido de todo o coração, de toda a alma e de toda a força; mas o modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por Ele mesmo tão limitado pela Sua vontade revelada, que não deve ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens ou sugestões de Satanás nem sob qualquer representação visível ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras” e “O Culto religioso deve ser prestado a Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo e só a Ele; não deve ser prestado nem aos anjos, nem aos santos, nem a qualquer outra criatura; nem, depois da queda, deve ser prestado a Deus pela mediação de qualquer outro senão Cristo.”⁸

A Lei Moral, em seus quatro primeiros mandamentos, traz a ordem e prescrição do próprio Deus, a respeito do Culto e Adoração à Sua pessoa. Portanto, o culto é a manifestação do adorador ao Ser adorado, em obediência às Suas ordens e prescrições.

2. A ARTE MUSICAL NO CONTEXTO LITÚRGICO

E aqui se faz presente a liturgia, que é o conjunto dos elementos e práticas do Culto Religioso. E dentre esses elementos, a arte e a música. A música no contexto Vétero e Neo Testamentário, é ricamente mencionada nas formas vocal e instrumental. O canto é uma arte musical requerida aos servos e adoradores do Deus Altíssimo. O Salmo 81 conclama o homem a adorar musicalmente a Deus, segundo a ordem e prescrição d’Ele: “*Cantai de júbilo a Deus, força nossa; celebrai o Deus de Jacó. Salmodiai e fazei soar o tamboril, a suave harpa com o saltério tocai a trombeta na Festa da Lua Nova, na lua cheia, no dia da nossa festa. É preceito para Israel, é prescrição do Deus de Jacó.*”⁹ O verbo é conjugado na forma imperativa, estabelecendo, assim, uma ordem divina a ser obedecida. A primeira menção do canto registrada nas Escrituras, é encontrada no livro do Êxodo capítulo 15 versículos 1 a 19: O cântico de Moisés. Cântico de adoração e reconhecimento ao Deus que É e que pode todas as coisas. No Antigo Testamento os remidos entoam o chamado “Cântico de Moisés”; no Novo Testamento os remidos

⁷ CALVINO, João. Salmos. Vol. 2. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2009.

⁸ O Catecismo Maior de Westminster. São Paulo, SP. Cultura Cristã, 2019.

⁹ Salmo 81: 1 a 4.

entoam o “Cântico do Cordeiro”. O “Cântico de Moisés” aponta para o “Cântico do Cordeiro” numa celebração máxima do povo de Deus, sobre a vitória da escravidão; a vitória da libertação; a vitória sobre a morte:

Vi no céu outro sinal grande e admirável: sete anjos tendo os sete últimos flagelos, pois com estes se consumou a cólera de Deus. Vi como um mar de vidro, mesclado de fogo, e os vencedores da besta, da sua imagem e do número do seu nome, que se achavam em pé no mar de vidro, tendo harpas de Deus; e entoavam o cântico de Moisés, servo de Deus e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo Poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das Nações! Quem não temerá e não glorificará o Teu nome, ó Senhor? Pois só Tu és Santo; por isso todas as nações virão e adorarão diante de ti, porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos.¹⁰

3. A MÚSICA VOCAL E INSTRUMENTAL

Nas Escrituras sagradas a música vocal é encontrada sob três formas: solo, canto coral e pelo canto do povo em geral.

Todas as três formas da música vocal surgem nas Escrituras com estilos diferentes, mas com o mesmo propósito: a adoração ao Único e verdadeiro Deus pelo que Ele é: o Deus Soberano e Todo Poderoso; o Deus Perdoador, Misericordioso e Gracioso; o Deus Santo e Salvador. O canto solo foi entoado por Ana, numa expressão plena de exaltação ao Senhor (I Samuel 2: 1 a 10). Davi, com o mesmo reconhecimento da soberania e graça de Deus, sola o cântico de Gratidão a Deus, após ter sido livrado das mãos de Saul e de todos os seus demais inimigos. O solo é longo e revela o tamanho de sua gratidão bem como a extensão da luta enfrentada por um único homem diante da ira invejosa de quem não reconhecia o poder de Deus. (II Samuel 22: 1 a 51). Outro canto solado que não se pode deixar de citar é o “Cântico de Maria”, também conhecido por “Magnificat”. Após ter tomado consciência do propósito de Deus para sua vida, Maria expressa neste solo, o reconhecimento em ser apenas uma serva humilde diante de um Deus Santo e Poderoso a quem ela servia:

A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador, porque contemplou na humildade de sua serva. Pois, desde agora, todas as gerações me considerarão bem-aventurada, porque o Poderoso me fez grandes coisas. Santo é o seu nome. A sua misericórdia vai de geração em geração sobre os que o temem. Agiu com o seu braço valorosamente; dispersou os que, no coração, alimentavam pensamentos soberbos. Derrubou do seu trono os poderosos e exaltou os humildes. Encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos. Amparou a Israel, seu servo, a fim de lembrar-se da

¹⁰ Apocalipse 15: 1 a 4.

sua misericórdia a favor de Abraão e de sua descendência para sempre, como prometera aos nossos pais.¹¹

Outra forma de música vocal encontrada nos templos bíblicas, era o canto coral formado por cantores levitas. O coro de levitas, segundo o relato encontrado no primeiro livro das Crônicas, era numeroso, contabilizando quase trezentos cantores. O capítulo vinte e cinco deste livro, descreve com muita clareza, a logística e a função dos cantores. E especificamente, os versículos seis e sete:

Todos estes estavam sob a direção respectivamente de seus pais, para o canto da Casa de Deus, estando Asafe, Jedutum e Hemã debaixo das ordens do Rei. O número deles, juntamente com seus irmãos instruídos no canto do Senhor, todos eles mestres, era de duzentos e oitenta e oito¹².

Após o cativeiro Babilônico, há possibilidades de que os coros passaram a ser formados não apenas por vozes masculinas, mas também femininas (DOUGLAS, 1988, VOL2, 1079). *“Toda esta congregação junta foi de quarenta e dois mil trezentos e sessenta, afora os seus servos e as suas servas, que foram sete mil trezentos e trinta e sete; e tinham duzentos cantores e cantoras”*¹³. E a terceira forma apresentada nas Escrituras, é o Canto Congregacional. Essa arte é uma expressão de celebração do povo de Deus. Não é sem razão que o justo canta e regozija. Os que foram justificados pela fé têm prazer em cantar ao Senhor. Ainda que esteja experimentando uma situação adversa, o povo de Deus não perde o desejo em cantar louvores ao Deus Único. Os Cânticos de Romagem, registrados nos Salmos 120 a 134, exemplificam bem o Canto Congregacional de louvor e adoração a Deus. De forma simples e pessoal, Lucas registra Paulo e Silas cantando ao Senhor e louvando independente das circunstâncias:

E depois de lhes darem muitos açoites, os lançaram no cárcere, ordenando ao carcereiro que os guardasse com toda segurança. Este, recebendo tal ordem, levou-os para o cárcere interior e lhes prendeu os pés no tronco. Por volta da meia noite, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus, e os demais companheiros de prisão escutavam¹⁴.

E ainda numa expressão de canto congregacional, o registro de Cristo com seus discípulos cantando logo após a instituição da Ceia do Senhor: *“E, tendo cantado um hino, saíram para o Monte das Oliveiras”*¹⁵.

¹¹ Lucas 1: 46 a 55.

¹² I Crônicas 25: 6 e 7.

¹³ Esdras 2: 64 e 65.

¹⁴ Atos 16: 23 a 25.

¹⁵ Mateus 26:30.

As Escrituras Sagradas revelam que a música foi também utilizada pelo povo de Deus em ocasiões distintas, como: nos cortejos sagrados; na consagração do Templo; na coroação do rei; na celebração das vitórias; nas cerimônias fúnebres. Tão rica como a arte musical vocal, está também a arte instrumental; lembrando que muitos instrumentos musicais foram inventados por Davi: “*Que cantais à toa ao som da Lira e inventais, como Davi, instrumentos musicos para vós mesmos*”¹⁶. A Bíblia registra uma variedade de instrumentos musicais, feitos de madeira, de bronze, de prata e de chifres. A representatividade dos instrumentos de corda, sopro e percussão se encontra nas Sagradas Escrituras, como respectivamente: a Harpa; o Saltério; a Cítara; a Flauta; as Trombetas; os Címbalos; os Tamboris; os Adufes. E na inauguração do Templo, a arte musical cantada e tocada, se fez presente; e Deus ali se manifestou em Sua glória.

4. A INFLUÊNCIA DA REFORMA PROTESTANTE

A arte musical permeia as páginas das Sagradas Escrituras. Estas revelam que a música é amada por Deus. Conquanto a música, seja tocada e cantada pelo povo de Deus desde sua origem, e tal fato seja extensamente relatado nas escrituras, há de se questionar os rumos tomados pela música e pelos músicos cristãos atualmente. Deus continua sendo o centro da adoração? Os cultos prestados tem sido verdadeiramente teocêntricos? A música tem servido de instrumentalidade à verdadeira adoração?

Quando o movimento da Reforma Protestante surgiu no cenário europeu, houve alterações na ordem do Culto. Entre as mudanças ocorridas, percebe-se um novo tratamento à questão musical. O povo volta a cantar congregacionalmente. Os cultos ganham os hinos cantados no idioma dos adoradores; e estes, deixam de ser meros espectadores e passam ao serviço de adoração ao Deus Único e Verdadeiro. Surgem os salmos metrificados, esforço feito por João Calvino, no sentido de fazer os cristãos cantarem exclusivamente os Salmos da Bíblia em poesia métrica.

O salmo protestante é uma paráfrase em língua vulgar dos salmos de Davi. Enquanto os católicos os cantavam em latim, os protestantes os cantavam em sua própria língua. A pedido de Calvino, Clament Marot e Thacadore de Beze traduzem para o francês, os cento e cinquenta salmos, numa obra que ficaria conhecida como Saltério Huguenote¹⁷. (STEHMAN, 1980)

¹⁶ Amós 6:5.

¹⁷ STEHMAN, Jacques História da Música Europeia das origens aos nossos dias. Difusão Europeia do livro, LTDA, 1980.

Essa tomada de posição feita por Calvino, talvez se justifique pela preocupação com o surgimento do humanismo, o qual surgiu na Itália do século XIV, no final da Idade Média, durante o período do renascentismo cultural. O humanismo é justamente o sistema de inversão de papéis e valores em que o homem é colocado no centro; que, de acordo com o original latim *humanitas*, que significa “humanidade”, o é de natureza humana, próprio dos sentimentos humanos (CHAMPLIN, 2001, p. 178)¹⁸. O humanismo coloca o homem no centro do Universo e das preocupações filosóficas. Assim, “*o termo humanismo é usado para fazer contraste com o teísmo. O homem aparece como a base de todos os valores e toda a existência, bem como o objeto de todas as atividades*”¹⁹. E infelizmente é o que está em voga em tantas Igrejas Evangélicas. A sociedade atual é marcada pelo antropocentrismo, o qual achou lugar na música, nas artes e no culto cristão. Adoradores, cheios de vaidade, prontos para receber a glória, o brilho e os aplausos. O púlpito transformando-se em palco; o louvor e a adoração musical, em show e a pregação da Palavra, em stand-up. A adoração da criatura em lugar do Criador; a vaidade no lugar da humildade em servir. É o uso dos dons e talentos, dados por Deus, em causa própria.

5. A ARTE LITÚRGICA

A arte litúrgica teocêntrica, passa a ser expressada pelos cristãos protestantes, tendo como base única a Bíblia e suas prescrições. Entre tantos exemplos de ordem litúrgica contidos nas Sagradas Escrituras, observa-se, no livro de Isaías 6:1 a 8, o chamado de Deus para proclamar a Sua Palavra.

¹ No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo. ² Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobria o rosto, com duas cobria os seus pés e com duas voava. ³ E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória. ⁴ As bases do limiar se moveram à voz do que clamava, e a casa se encheu de fumaça. ⁵ Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos! ⁶ Então, um dos serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; ⁷ com a brasa tocou a minha boca e disse: Eis que ela tocou os teus lábios; a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado. ⁸ Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim.²⁰

¹⁸ CHAMPLIN, Russel Norman. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. São Paulo: Editora Hagnos, 2001.

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Isaías 6:1 a 8.

É notória a arte litúrgica expressa, desde a visão até a audição que esse servo teve do Deus o qual ele servia. A partir da visão que ele teve do Senhor assentado sobre um alto sublime trono, segue-se a sequência litúrgica natural de um Culto Teocêntrico. Deus em um de seus atributos: total santidade. O Deus que é Santo, santo, santo; o Senhor dos Exércitos. Mediante a adoração que é o reconhecimento daquilo que Deus é, o servo e adorador é capaz de reconhecer o seu pecado e necessidade do perdão. Perdoado do seu pecado, ele louva pelo reconhecimento da ação misericordiosa e graciosa de Deus sobre sua vida. E isto redundava no anúncio da Palavra Revelada pelo Deus adorado. Isto é Culto. Isto é liturgia. E os elementos do Culto irão acompanhar cada passo desta arte (chamada liturgia). A Palavra; a Música; a Oração; os Sacramentos; os Votos; os Juramentos e os Jejuos solenes.

Sim, é preciso observar que, tendo a Bíblia como única regra de Fé e prática, todos os elementos cúltricos precisam entrar em total ordem e obediência às prescrições feitas por ela. O lugar do homem em um culto teocêntrico, é o de servo e adorador obediente à Palavra. Os elementos apontam para o Deus adorado, refletindo em edificação para o adorador. Quando o Apóstolo Paulo instrui a Igreja em Colossos ao verdadeiro louvor, ele fala da importância do habitar da Palavra de Cristo naqueles corações. É a Palavra dando o discernimento e a compreensão a respeito do louvor, e aqui especificamente, da música: *“Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos e cânticos espirituais, com gratidão em vosso coração”*²¹. Cristo é o centro.

A arte musical, litúrgica, sensorial e olfativa, foi intrínseca nos cultos no Tabernáculo e no Templo, cultos estes, apontando para Cristo.

Deus, quando num ato de misericórdia e graça, mata um animal para fazer a vestimenta do homem, cobrindo a sua vergonha e nudez lá no Éden, mostra exatamente como Ele deveria ser adorado. O cordeiro sacrificado. O sangue derramado, apontando para o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. Esta é a base do culto agradável a Deus, a qual culmina quando o *“Verbo se fez carne e habitou entre nós cheio de graça e de verdade”*²². O Antigo Testamento apontando para Cristo; o Novo Testamento se voltando para Cristo. Não há como imaginar um culto que agrade a Deus que não seja Cristo cêntrico, em obediência total às prescrições e ordens divinas.

²¹ Colossenses 3:16.

²² João 1:14.

CONCLUSÃO

Em Espírito e em verdade: arte, música e culto. O Salmo 150, explicita e resume plenamente o tratado proposto. Assim diz este último hino no livro dos Salmos, A Doxologia Final:

Aleluia! Louvai a Deus no seu santuário; louvai-o no firmamento, obra do seu poder. Louvai-o pelos seus poderosos feitos; louvai-o consoante à sua muita grandeza. Louvai-o ao som da trombeta; louvai-o com saltério e com harpa; Louvai-o com adufes e danças; louvai-o com instrumentos de cordas e com flautas. Louvai-o com címbalos retumbantes. Todo ser que respira louve ao Senhor. Aleluia!.

Deus é louvado pelo que Ele é e pelo que Ele faz. E o salmista usa, com muita clareza e propriedade, os instrumentos musicais para situar onde Deus deve ser adorado. As trombetas eram usadas para conclamar e declarar vitórias na guerra; o saltério e a harpa, instrumentos caseiros e festivos; os adufes, nas festas do povo de Israel; as flautas usadas também nas ocasiões fúnebres; os címbalos de bronze, juntamente com os alaúdes, as harpas e as trombetas sendo tocados em adoração diante da Arca da Aliança, como é registrado no capítulo 15 do Primeiro Livro das Crônicas. Seja na guerra; seja em casa ou nas festas; nos funerais ou no culto, louve e adore o nome do Senhor. Deus não está restrito a um lugar físico. E exatamente por isso, os verdadeiros adoradores o adoram em espírito e em verdade com a arte musical cantada e tocada; e com a arte litúrgica no culto onde Deus é o centro de toda adoração. *“Deus é espírito; e importa que seus adoradores o adorem em espírito e em verdade”*²³.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEALE, G.K. e CARSON, D.A. Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 552, São Paulo: Vida Nova, 2014.

CALVINO, João. Salmos. Vol. 2. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2009.

CHAMPLIN, 2001, 178. CHAMPLIN, Russel Norman. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. São Paulo: Editora Hagnos, 2001.

DOUGLAS, J.D. Novo dicionário da Bíblia. São Paulo: Edições Vida Nova, 1988.

²³ João 4:24.

MACARTHUR, John. Adoração, a prioridade suprema, p. 38 e 39, São Paulo: Editora Hagnos, 2014.

MACDONALD, J. The theology of the Samaritans, p. 327-33, Philadelphia: Westminster, 1964.

O Catecismo Maior de Westminster. São Paulo, SP. Cultura Cristã, 2019

STEHMAN, Jacques História da Música Europeia das origens aos nossos dias. Difusão Europeia do livro, LTDA, 1980.



A VOZ DA ALMA: EXPRESSANDO O INEXPRIMÍVEL

Rev. José Mirabeau Paes Barreto Neto¹

RESUMO

Esta pesquisa se origina na percepção de certa conexão entre três diferentes elementos. De um lado, temos o entendimento de que o homem é um ser criado por Deus com vistas ao louvor de sua glória (noção cara aos cristãos de tradição protestante /reformada), sendo esta, por conseguinte, uma demanda fundamental e inerente à condição humana - um anseio profundo que clama desde o âmago de nossa existência. De outro lado, temos o reconhecimento de que a música, enquanto arte, possui destacado poder de comunicação, favorecendo a expressão de conteúdos que doutra feita dificilmente seriam comunicáveis. Por fim, temos o veemente apelo do Salmo 150, que com eloquência conclama todos os homens (“todo ser que respira”, cf. Sl 150.6) ao louvor a Deus (à sua glorificação) – e a fazê-lo, especificamente, por meio da música. O presente artigo, portanto, dialoga com material próprio da musicologia, da teologia sistemática /dogmática, da patrística e da teologia bíblica, integrando tais conteúdos, assumindo a forma de um breve ensaio e propondo na música um meio para que se atenda ao apelo da Escritura e se satisfaça ao anseio fundamental da alma humana, dando-lhe voz e permitindo-lhe exprimir o inexprimível.

PALAVRAS-CHAVE: Música; Linguagem; Westminster; Criação; Homem; Louvor; Salmo 150.

ABSTRACT

This research originates from the perception of a certain connection between three different elements. On the one hand, we have the understanding that man is a being created by God for praising his glory (an important concept to Christians of the Protestant/Reformed tradition), this being, therefore, a fundamental demand inherent to the human condition. - a deep longing that cries out from the core of our existence. On the other hand, we have the recognition that music, as an art, has an outstanding power of

¹ Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro /PUC-Rio; Membro do Grupo de Estudos Análise Retórica Bíblica Semítica (da PUC-Rio), credenciado junto ao CNPq; Ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil; Membro do Conselho de Hinódia, Hinologia e Música da Igreja Presbiteriana do Brasil; Professor do Seminário Teológico Presbiteriano Simonton, da Igreja Presbiteriana do Brasil (Rio de Janeiro /RJ). E-mail: <josemirabeau@gmail.com>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2022398515872769> e ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1953-7038>

communication, favoring the expression of contents that would otherwise be difficult to communicate. Finally, we have the vehement appeal of Psalm 150, which eloquently calls on all men (“every breathing being”, Psalm 150:6) to praise God (his glorification) – and to do so, specifically, through music. This article, therefore, dialogues with material specific to musicology, systematic/dogmatic theology, patristics and biblical theology, integrating such content, taking the form of a brief essay and proposing in music a way of responding to the call of Scripture and satisfies the fundamental desire of the human soul, giving it a voice and allowing it to express the inexpressible.

KEYWORDS: Music; Language; Westminster; Creation; Humanity; Praise; Psalm 150.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, articulando diferentes questões, deriva de uma intuição fundamental já apontada por Walter Brueggemann e William H. Bellinger Jr., segundo os quais o Salmo 150 “*traz à mente a confissão de que todo o dever do ser humano é louvar a Deus e gozá-lo*” (cf. BRUEGGEMANN, 2014, p.619). Assim sendo, na primeira seção deste artigo, intitulada DEMANDA EXISTENCIAL DO SER HUMANO, desejamos verificar a referida confissão, à luz do que a teologia cristã oferece de subsídio à noção de que há algo inerente à natureza humana que demanda ao homem o louvor a Deus; para tal, lançaremos um olhar de caráter multidisciplinar sobre o problema da destinação do homem, conjugando dados de diferentes áreas teológicas (como a antropologia bíblica, a teologia sistemática, a patrística e a dogmática protestante /reformada) a fim de estabelecer algum consenso quanto ao sentido teológico da vida humana e sua existência. Em segundo lugar, nos perguntamos quanto à viabilidade de empregar-se a música para expressão desse louvor; nesse intuito, na segunda seção do trabalho, A MÚSICA E SEU POTENCIAL EXPRESSIVO, examinaremos o fenômeno musical enquanto manifestação artística, apreciando sua capacidade de comunicação e o modo como parece favorecer a expressão de conteúdos marcados pela subjetividade (como sentimentos e sensações). Em terceiro lugar, verificamos se, segundo a Bíblia, há legitimidade no uso da música para tal finalidade; desse modo, na terceira seção, SALMO 150: UM CHAMADO AO LOUVOR, abordaremos o Salmo 150 desde uma perspectiva exegética, apreciando seu veemente apelo ao louvor a Deus, que se realiza ali especificamente por meio da música. Por fim, na última seção, chamada CONCLUSÃO, veremos como os resultados obtidos nas três seções anteriores acham-se interconectados.

DEMANDA EXISTENCIAL DO SER HUMANO

O teólogo protestante Hans Walter Wolff (1911-1993), desenvolvendo estudos no campo da antropologia do Antigo Testamento, tratou de investigar a finalidade da vida humana. Tomando-se por pressuposto fundamental a ideia de que o mundo e tudo que nele há são obras da criação divina, coloca-se a indagação acerca da razão de ser do homem: para que ele existe? Qual seria a finalidade da vida humana no grande plano da obra criadora? Por meio de seus esforços, H. W. Wolff chegou à conclusão de que a destinação fundamental do ser humano consiste em viver (não sucumbindo ao poder da morte), amar (superando todo o ódio), dominar (como um zeloso administrador do mundo, à imagem e semelhança do Criador) mas, sobretudo, louvar a Deus – e para tal louvor convergem todas as suas demais vocações, encontrando no mesmo o seu sentido e a sua plena realização (cf. WOLFF, 2008, p.335-344). O teólogo alemão Wolfhart Pannenberg (1928-2014), lançando mão do instrumental próprio da teologia sistemática e percorrendo, portanto, um caminho distinto, tratou também da questão referente à destinação da vida humana. Partindo da ideia de que tal destinação consista, fundamentalmente, em dar cumprimento à vocação para ser imagem e semelhança de Deus, W. Pannenberg concluiu que há em todos os homens uma predisposição essencial para tributar a Deus honra e gratidão – ou seja, para louvá-lo.

Se por sua criação à imagem de Deus o ser humano é instado a procurar a Deus e a honrá-lo como Deus, isto é, como o Criador e Senhor de todas as coisas, e de agradecer-lhe como ao autor de toda a vida e de toda boa dádiva, então se deve supor uma predisposição para isso na vida de todo ser humano, por mais que possa estar soterrada no caso individual. (PANNENBERG, 2009, p.329)

Vê-se que, sob certa perspectiva, as conclusões de H. W. Wolff e W. Pannenberg acham-se em sintonia com aquilo que preceituam os padrões de fé de Westminster no tocante a esta matéria. A Confissão de Fé e os Catecismos (Maior e Menor [ou Breve]) de Westminster (comumente referidos por “padrões de fé de Westminster”²) são documentos caros à tradição protestante reformada /calvinista, e tidos por símbolos de fé para a Igreja Presbiteriana do Brasil³ – presentemente, a maior denominação cristã de

² Tais documentos foram produzidos por ocasião da Assembleia de Westminster, convocada pelo parlamento britânico com a finalidade de atender a esforços de reestruturação da Igreja Anglicana, sendo realizada entre os anos de 1643 e 1653.

³ Cf. Art.1 da Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil; Art.1, §1º dos Estatutos da Igreja Presbiteriana do Brasil.

orientação reformada /calvinista em nosso país (considerando-se dados como seu número de membros, templos, etc.)⁴. Ambos os referidos catecismos, corroborando o ponto de vista do célebre teólogo alemão supracitado, já em seu primeiro ensinamento mostram-se concordes ao declarar que a principal finalidade da vida humana – ou seja, o propósito para o qual ela existe (cf. WILLIAMSON, 2013, p.24) – está na glorificação divina: “*O fim supremo e principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre*” (cf. Catecismo Maior de Westminster, pergunta nº1).⁵ Nesse prisma, tem-se que a glorificação a Deus (segundo os termos dos padrões de Westminster), ou seu louvor (nos termos de H. W. Wolff), aponta para uma demanda basilar e inerente à condição humana – o propósito essencial para o qual o homem foi criado e veio a existir.

Agostinho (354-430 d.C.), célebre bispo de Hipona, no texto de abertura de suas Confissões (certamente uma de suas obras mais conhecidas), fala de um anseio fundamental inerente ao homem criado por Deus, enfatizando sua condição enquanto criatura e sua demanda específica por louvar ao Criador:

“Grande és tu, Senhor, e sumamente louvável; grande a tua força, e a tua sabedoria não tem limite”. E quer louvar-te o homem, esta parcela de tua criação; o homem carregado com sua condição mortal, carregado com o testemunho de seu pecado e com o testemunho de que resistes aos soberbos; e, mesmo assim, quer louvar-te o homem, esta parcela de tua criação. Tu o incitas para que sinta prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti. (AGOSTINHO, 1997, p.19)

Dialogando com o saltério (cf. Sl 48.2; 96.4; 145.3; 147.5), Agostinho afirma reiteradamente o desejo humano por louvar a Deus, e chama a este desejo “inquietação”: algo, portanto, que é experimentado no âmbito daquilo que se sente (seja sentimento, seja sensação) e que, por natureza, é eivado de subjetividade. A origem de tal inquietude está em Deus mesmo, o Criador, que a colocou no homem e, agora, ela se manifesta numa espécie de pulsão, afirmando-se de dentro pra fora e demandando ao homem satisfação – a realização de algo sem o qual o seu coração permanecerá inquieto.

Os dados reunidos acima, hauridos de diferentes campos do saber teológico (antropologia bíblica; teologia sistemática; dogmática; patrística), convergem para um consenso, e este concerne à inquietante necessidade, que clama desde o âmago da alma

⁴ Dados numéricos /estatísticos (coletados a partir de fontes como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística /IBGE, Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Pesquisa DataFolha, etc.) referentes a esta questão acham-se reunidos /consolidados e disponíveis na Internet: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_denomina%C3%A7%C3%B5es_protestantes_no_Brasil_por_n%C3%BAmero_de_membros (acesso em 15 de setembro de 2023).

⁵ Disponível em: https://ipb.org.br/content/Arquivos/Catecismo_Maior_de_Westminster.pdf (Acesso em 15 de setembro de 2023).

humana, demandando ao homem que glorifique a Deus, louvando-o. A expressão do louvor a Deus, portanto, afigura-se então numa necessidade premente da alma humana, uma demanda existencial; somente por meio do louvor a Deus o ser humano poderá realizar seu mister essencial, em sintonia com o desígnio daquele que o criou e em que consiste sua própria natureza – seu propósito e principal razão de existir neste mundo. Como, porém, poderá realizá-lo? Como dar voz a esse anseio profundo, que brota do âmago de sua condição existencial, de sua alma humana?

A MÚSICA E SEU POTENCIAL EXPRESSIVO

A música é uma das variadas formas de se produzir arte (cf. MED, 1996, p.9)⁶. Pode-se classificar os modos próprios da atividade artística segundo diferentes critérios: temos, por exemplo, as Artes Visuais, também chamadas Artes Plásticas (entre as quais incluímos o desenho, a pintura e a escultura), as Artes Literárias (como a poesia e o drama) e as Artes Performáticas (como o teatro e a dança), dentre outras. A atividade musical pode ser incluída em diferentes rubricas, de acordo com o critério que empregamos para sua apreciação: Arte Sonora; Arte Performática; Arte Sacra, etc. Em todo caso, permanece sendo arte (assim como a dança, a pintura, a escultura ou a literatura /cf. PENNA, 2008, p.18), distinguindo-se, no entanto, de todas as demais artes naquilo que lhe é próprio – a começar por sua “matéria-prima”, por assim dizer.

Técnica e expressão são elementos constitutivos que, por definição, se conjugam nas manifestações artísticas (cf. COHON, 2013, p.19). O termo “arte” deriva do latim “*ars artis*” (cf. CUNHA, 1991, p.72), que remete à técnica ou habilidade para se realizar algo - ontologicamente, portanto, a noção de arte passa pela questão da técnica. Esta noção é atestada pelo célebre compositor russo Ígor Fiódorovitch Stravinsky (1882-1971): “*A arte, no sentido verdadeiro, é o modo de trabalhar uma obra de acordo com alguns métodos adquiridos, seja pelo aprendizado, seja pela inventividade*” (cf. STRAVINSKY, 1996, p.32). Agostinho de Hipona (354-430 d.C.), em suas Confissões, fala-nos também a respeito do mister do artista em termos gerais: “*O artista impõe uma forma à matéria que, já existindo, pode recebê-la: assim é a terra, a pedra, a madeira, o*

⁶ Para fins deste artigo, partimos de uma noção amplamente consensual acerca do que é música; por outro lado, destaca-se que a definição deste conceito se torna deveras complexa quando o problema é abordado desde as perspectivas filosófica e ontológica. Para aprofundamento e melhor entendimento acerca desta questão, recomendamos o excelente trabalho de Vanessa Martins Couto, “UMA REVISÃO DA ONTOLOGIA MUSICAL” (cf. COUTO, 2019).

ouro ou qualquer outra coisa.” (cf. AGOSTINHO, 1997, p.334). Tal qual a dança articula o movimento corporal, a pintura se ocupa da manipulação de pigmentos /cores e a literatura maneja a palavra, a música toma por matéria-prima o som (cf. SOUZA, 2016, p.15-16). José Miguel Wisnik fala sobre o mundo em que estamos inseridos como um grande acervo sonoro, onde mesclam-se de forma desordenada muitos ruídos (barulho) e silêncio; nessa perspectiva, a tarefa da música consistiria em selecionar materiais sonoros e ordená-los com vistas à produção de sentido:

O mundo é barulho e silêncio. A música extrai o som do ruído num sacrifício cruento, para poder articular o barulho e o silêncio do mundo. (...) Para fazer música, as culturas precisam selecionar alguns sons entre outros: já falamos sobre o caráter ordenador de que se investe essa triagem, na qual alguns sons são sacrificados (vale o termo, também nesse sentido), isto é, jogados para a grande reserva dos ruídos, em favor de outros que despontarão como sons musicais doadores de ordem. (WISNIK, 2002, p.35,59)

Stravinsky, de igual modo, distingue os sons disponíveis no ambiente daquele evento sonoro que resulta da manipulação dos mesmos, chamando apenas a este de música:

Esses sons são promessas de música (...). Daí concluo que elementos sonoros só se tornam música quando começam a ser organizados, e (...) essa organização pressupõe um ato humano consciente. (...) a música nos fará participar ativamente do trabalho de um espírito que ordena, dá vida e cria. (STRAVINSKY, 1996, p.31)

Para fazer-se música, sons são selecionados, portanto, e trabalhados segundo parâmetros como altura, timbre, ritmo, intensidade, melodia e harmonia, dentre outros (cf. LACERDA, 1967, p.1; PRIOLLI, 2006, p.6), obedecendo a critérios estéticos⁷ e ordenadores. Por meio da manipulação técnica do evento sonoro a música se configura como arte e, como tal, num meio de expressão. O renomado compositor austríaco Arnold F. W. Schönberg (1874-1951), em seu manual para estudantes de composição, sublinha a categoria de expressão como elemento constitutivo e fundamental da verdadeira música, distinguindo-a daquilo que classifica como “meras notas áridas”, conforme segue:

O que produz música verdadeira é única e exclusivamente a capacidade inventiva, a imaginação e inspiração de uma mente criadora - sempre e quando um criador "tiver algo que expressar". Não obstante, um estudante nunca deveria escrever meras notas áridas. Em todo momento deve tratar-se de "expressar algo". (cf. SCHÖNBERG, p.4)⁸

⁷ O termo “música” deriva do latim “*mūsica*” e este, por sua vez, do grego “*mousikḗ*”: lit., “arte das musas”; verifique-se, portanto, desde a sua etimologia, a evocação de um ideal de beleza (cf. CUNHA, 1991, p.541).

⁸ Tradução livre do texto publicado em espanhol.

Todas as manifestações artísticas podem ser compreendidas como meios de expressão – e, nesse sentido, como linguagens através das quais o ser humano encontra ferramentas para se comunicar (cf. PASSOS, 2011, p.1; SCHROEDER, 2012, p.79). A linguagem artística se distingue fundamentalmente da linguagem objetiva (como aquela empregada no discurso científico, por exemplo) dado seu caráter eminentemente subjetivo: ao invés de afigurar-se unívoca (discurso direto), é de sua natureza a polissemia (discurso indireto /simbólico; cf. SCHROEDER, 2012, p.81). Ela favorece a expressão daquilo que é subjetivo - e que, por conseguinte, seria difícil expressar objetivamente; e, quanto ao que é subjetivo, referimo-nos eminentemente ao que sentimos - sejam sentimentos, sejam sensações.

Comunicar aquilo que sentimos (seja sentimento, seja sensação) e que, portanto, é eivado de subjetividade, é tarefa demasiado difícil ou mesmo inexecutável. Por mais meticolosos que sejamos ao descrever aquilo que provamos ao degustar uma maçã, jamais seremos capazes de comunicá-lo a outrem: empregamos nossos esforços para enumerar os mecanismos sensoriais que são ativados em nosso corpo durante sua degustação - visão, olfato, paladar, tato; descrevemos a forma e a textura da fruta, frisando as diferenças entre a casca (mais dura) e a parte interna (mais macia), e o modo como são percebidas durante a mastigação; salientamos sua suculência e o caráter adocicado do seu sabor; minuciosos, destacamos a presença de sementes e talo; não poupamos detalhes, todavia, a despeito de todo o empenho, por fim, verificaremos nossa incapacidade para comunicar algo acentuadamente eivado de subjetividade e que somente poderia ser conhecido pela experiência direta.

Seguindo-se o mesmo pensamento, dificilmente conseguiríamos comunicar a outrem a melancolia que um homem romântico do século XIX poderia experimentar ao observar o reflexo da lua sobre o espelho d'águas calmas do lago Lucerna, na região central da Suíça; no entanto, é possível que nós captemos algo desse sentimento ao ouvir a “*Sonata ao Luar*” (Ludwig van Beethoven, 1770-1827) sob a execução de um intérprete habilidoso. De modo análogo, alguém talvez se visse em dificuldades para expressar a impressão de gloriosa majestade experimentada por ocasião da manifestação do Messias; por outro lado, não é difícil imaginar que alguém possa experimentar algo dessa impressão de glória e majestade ao ouvir o célebre “*Hallelujah*”, do oratório “*Messiah*” (HWV56, 1741 /Georg Frederic Handel, 1685-1759).

Não por acaso, a música acompanha as mais variadas manifestações sociais e pessoais do ser humano desde os tempos mais remotos (cf. SCHERER, 2010, p.247), e

seu potencial expressivo eventualmente se intensifica quando à mesma se conjuga o uso da palavra e o canto articula o sofisticadíssimo instrumento musical que é a voz humana. Samuel Kerr discorre sobre as potencialidades inerentes à canção, exaltando-a como elemento mobilizador e unificador de indivíduos e massas, estabelecendo conexões:

Que pulsão é essa que nos leva a cantar, que nos une com outras pessoas, que nos induz a lembranças, que nos identifica como povo? Uma canção. Às vezes, um hino, ou um acalanto. Muitas vezes nem soa, murmura em nossa cabeça. Outras vezes, soa na voz de um passante que, de estranho, passa a ser cúmplice. Emerge da multidão nas passeatas, nos jogos, nas comunidades, identificando condutas, embalando idéias, soando segundo a busca invisível de um ideal (...). A canção faz parte do universo sonoro que nos rodeia, é a música da nossa ancestralidade. E a voz é o instrumento que a faz soar, às vezes em solo, às vezes a muitas gargantas. (KERR, 2006, p.120)

A capacidade expressiva da música, porém, não está subordinada ao uso da palavra, podendo inclusive prescindir da mesma, e mesmo “(...) *o som mais elementar*” é capaz de “*provocar estados de alteração ou sublimação da consciência lógica*” (cf. BOHMANN, 2011, p.76). Almir Sater, célebre compositor da música popular brasileira e autor de numerosas e mui conhecidas canções, fez-se notório também por composições de caráter estritamente instrumental; e, numa entrevista, falando sobre o potencial expressivo da música, disse: “*A música, quando está perfeita, basta tocar; quando ela não fica muito boa você canta em cima, daí você ajuda a música com a poesia; mas quando a música fica perfeita não precisa da poesia. (...) Só a música já fala por si mesma*”.⁹

Em síntese, verifica-se que a arte em geral e a música em particular articula um enorme potencial de comunicação, apresentando-se como um meio privilegiado para a expressão de conteúdos que de outro modo dificilmente seriam comunicáveis. Por assim dizer, a música nos possibilita exprimir o inexprimível, sendo este o enfoque pelo qual apreciamos-la no presente trabalho. Seria a música, no entanto, um meio legítimo ou mesmo adequado à expressão do louvor a Deus, dando voz ao mais profundo anseio da alma humana? O biblista espanhol Luis Alonso Schökel (1920-1998) sugere que sim: “*O crente pode encomendar aos instrumentos musicais a expressão de seus sentimentos religiosos, economizando palavras ou compensando misteriosamente sua pobreza e limitação*” (cf. ALONSO SCHÖKEL, 1998, p.1668). Sua conclusão emerge da análise

⁹ Cf. Documentário “*Viroleiros do Brasil*” (2008), de Myriam Taubkin e Sérgio Roizenblit, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q3BeRFHStOs> (Acesso em 14 de setembro de 2023).

do Salmo 150 e, na etapa a seguir, nos dedicaremos a apreciá-lo também, fazendo-o desde uma perspectiva exegética.

SALMO 150: UM CHAMADO AO LOUVOR

O livro dos Salmos consiste numa coleção de poemas – ou, mais precisamente, numa coleção de coleções -, na qual estão reunidas cento e cinquenta composições. Estas, juntas, articulam uma enorme variedade de temas, estilos e formas, provendo-nos um testemunho absolutamente único, em sua diversidade e riqueza, da lírica hebraica. Quanto ao título do conjunto, na tradição judaica é referido por ספר תהילים [sēfer tehîllîm /lit., “livro de cânticos”]; na tradição grega da Septuaginta temos o termo Ψαλμοί [lit., “canções para instrumentos de corda”], do qual deriva o português "Salmos". Na tradição cristã emprega-se também a expressão Saltério, que deriva do grego Ψαλτήριον (termo que designa um instrumento de cordas em particular, mas que também serve à evocação de uma coleção de cantos).

O Salmo 150, sendo aquele que dá fechamento ao saltério numa espécie de doxologia (cf. GONZALEZ, 1966, p.640; HARMAN, 2011, p.477-478), consiste por inteiro num triunfante hino de glorificação a Deus (cf. BRUEGGEMANN, 2014, p.618; GOULDER, 1998, p.301), num veemente apelo ao louvor (cf. GONZALEZ, 1966, p.639; ROSS, 2016, p.962) e numa peça deveras singular. Se, por um lado, o Salmo 1 nos introduz ao saltério, colocando-nos perante a obediência à Torah como meio de vida, por outro lado, o Salmo 150 encerra o conjunto, apontando-nos nossa meta maior, que é glorificar a Deus: a obediência à Lei conduz ao louvor ao Senhor (cf. BRUEGGEMANN, 1984, p.167).

A maneira enérgica e direta como o salmista se pronuncia chama a atenção, e se evidencia com clareza não apenas na forma hebraica do texto, mas também nas traduções disponíveis em língua portuguesa. O texto não se ocupa em explicitar argumentos que justifiquem o louvor a Deus, ou sirvam de razão para o mesmo: simplesmente conclama-o, fazendo-o enfaticamente (cf. BRUEGGEMANN, 1984, p.167). Neste salmo encontra-se a maior concentração do verbo הָלַל (*hālāl*) no modo *piel* (expressando, portanto, a ideia de “louvar”) de todo o cânon veterotestamentário: treze ocorrências (cf. HARMAN, 2011, p.477) ao todo (num texto de apenas seis versículos), sendo doze destas no imperativo, todas orientadas à pessoa de Deus. A variante oferecida pelo Texto Massorético (Códice Leningradense /cf. ELLIGER-RUDOLPH, 1977) traz ainda, como conclamação inicial e

final (emoldurando, portanto, todo o escrito), o enfático *piel* imperativo plural יהללו יה (*halelû yāh* /lit., “louvai a Yhwh”; “aleluia”; cf. 150.1,6; cf. BRUEGGEMANN, 2014, p.618)¹⁰, que sumariza o espírito de todo o salmo (cf. ROSS, 2016, p.964); na Vulgata (cf. GRYSON, 2007), a primeira ocorrência da expressão (que encabeça o Salmo) se dá em letras maiúsculas (“ALLELUIA” /cf. Sl 1.1), funcionando como uma espécie de título e sublinhando a tônica fundamental de todo o escrito: louvor a Deus, e a ele somente. A mesma expressão torna a ocorrer no fim do escrito (cf. Sl 150.6), dando fechamento não apenas a este salmo em particular, mas a todo o Livro dos Salmos, fazendo com que todo ele seja convergente para este brado sonoro (cf. THOLUCK, 1858, p.497) e, por fim, seja englobado por ele (cf. DELITZSCH, 1871, p.416).

Lançando seu chamado ao louvor, o salmista, de maneira inequívoca, aponta a música como meio para sua realização. O texto apresenta uma extensa lista de instrumentos musicais – poder-se-ia dizer, a mais abrangente de todo o Antigo Testamento (cf. GONZALEZ, 1966, p.640): שׁוֹפָר (*šôfār* /lit., "trombeta", cf. Sl 150.3), נְבֵל (*nēbel* /lit., "saltério", cf. Sl 150.3), כִּנּוֹר (*kinnôr* /lit., "harpa", cf. Sl 150.3), תּוֹפ (*top* /lit., "tamborim", cf. Sl 150.4), מִן (*mēn* /lit., "corda", cf. Sl 150.4), עֹגָב (*‘ûgāb* /lit., "flauta", cf. Sl 150.4) e צִלְצֵל (*šēlāšal* /lit., "címbalo", cf. Sl 150.5). O caráter abrangente da lista oferecida pelo salmista denota a abrangência de seu apelo: basicamente, todos os instrumentos musicais disponíveis (percussão, cordas e sopro /cf. ROSS, 2016, p.969) estão sendo recrutados neste chamado, a fim de que Deus seja louvado por meio da música, mas também para que a música por meio da qual este louvor será entoado seja “sonora” (שָׁמַע /*šāma'*, cf. Sl 150.5) e “retumbante” (תְּרוּעָה /*têrû’āh*, cf. Sl 150.5), “conforme a imensidão da grandeza” (כְּרֹב גְּדֻלּוֹ /*kêrob gudlô*, cf. Sl 150.2) daquele que é exaltado. A abrangência do apelo expresso no Salmo 150, porém, engloba ainda todos os homens e além: כּל הַנְּשָׁמָה (kol hannēšāmāh /lit., "todo fôlego", cf. Sl 150.6), diz o salmista, de forma totalizante: não apenas sacerdotes e levitas; não apenas Israel; não apenas os seres humanos. Eis o sujeito e protagonista do louvor a Deus, conforme o chamado universal (cf. BRUEGGEMANN, 2014, p.618) do salmista: todo ser que respira, ou seja, a totalidade dos seres vivos (cf. KIRKPATRICK, 1903, p.833; HARMAN, 2011, p.478) – e o louvor a Deus é o elemento que conecta e dá sentido a toda a vida no mundo (cf. WEISER, 1962, p.841).

¹⁰ Estas duas ocorrências (inicial e final) da expressão יהללו יה (*halelû yāh* /lit. “louvai a Yhwh”; “aleluia”) não estão presentes em algumas versões antigas, como a Vulgata (cf. GONZAGA, 2018, p.163-164).

Em síntese, o Salmo 150 ressalta o lugar de decisiva importância que tem a música sacra, realizada na esfera da coletividade com o intuito de louvar a Deus (cf. KRAUS, 1995, p.840). Invocando a terra e os céus (o santuário e o firmamento [Sl 150.1]; cf. HARMAN, 2011, p.478; MACLAREN, 1894, p.459), o salmista convoca a todos os homens, juntamente com todas as forças vivas da criação, a um grandioso ato de louvor ao Criador – um grandiloquente e universal canto de “aleluia”, no qual devem ser empregados todos os instrumentos musicais disponíveis: “(...) *a função da salmodia é justamente conectar o homem a Deus e não existe forma melhor que a de louvor (...)*” (cf. GONZAGA, 2018, p.198). Na perspectiva do Salmo 150, a grandiosidade de Deus demanda uma resposta da criação (cf. ROSS, 2016, p.963) – consoante à grandeza daquele que é louvado –, e o ensejo do salmista é que tal resposta seja dada precisamente de forma musical; particularmente, por meio do canto (acompanhado por toda sorte de instrumentos musicais) – uma poderosa canção, conjugando som e palavra, mobilizando todas as criaturas vivas e proclamando um eloquente “aleluia”, que há de ressoar indefinidamente (cf. GONZALEZ, 1966, p.639).

CONCLUSÃO

Na seção inicial do presente trabalho, havendo estabelecido o entendimento de que o homem experimenta, em sua alma, um anseio profundo e existencial por louvar a Deus, colocamos a questão acerca de como realizar tal mister e dar expressão a esse louvor. Na seção seguinte, conhecendo algo do destacado poder expressivo da música e do modo como a mesma favorece a comunicação daquilo que sentimos, pusemos então o problema de ser a música (ou não) um meio legítimo e adequado à expressão do louvor a Deus. Por fim, na última seção, a leitura exegética do Salmo 150 evidenciou o chamado escriturístico para que todos os homens louvem a Deus e façam-no precisamente por meio da música, através de um grande canto de “aleluia”. Tem-se na música, por fim, um meio autorizado e apontado pela própria Escritura para que o homem realize a sua vocação fundamental – a saber, a glorificação do Deus que o criou; no canto, uma ferramenta capaz de dar voz ao anseio fundamental da alma humana, e exprimir, portanto, o inexprimível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO. CONFISSÕES. São Paulo: Paulus, 1997.
- ALONSO-SCHÖKEL, L. SALMOS II. São Paulo: Paulus, 1998.
- BOHMANN, K. O SENTIDO DA MÚSICA EM F. NIETZSCHE. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2011
- BRUEGGEMANN, W. & BEELINGER Jr., W. PSALMS. New York: Cambridge University Press, 2014.
- BRUEGGEMANN, W. THE MESSAGE OF THE PSALMS: A THEOLOGICAL COMMENTARY. Augsburg /Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1984.
- COHON, J. TÉCNICA E EXPRESSÃO NA FILOSOFIA DA MÚSICA DE ADORNO. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo /USP, 2013.
- COUTO, V. UMA REVISÃO DA ONTOLOGIA MUSICAL. Dissertação de Mestrado. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto /UFOP, 2019.
- CUNHA, A. DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO NOVA FRONTEIRA DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- DELITZSCH, F. THE PSALMS. Vol. 3. Edinburgh: T&T Clark, 1871.
- ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. BIBLIA HEBRAICA STUTTARTENSIA. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1977.
- GONZAGA, W. O SALMO 150 À LUZ DA ANÁLISE RETÓRICA BÍBLICA SEMÍTICA. In: REVISTA BRASILEIRA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA /REBÍBLICA, vol. 1, nº2. Porto Alegre: PUC-RS, 2018. p.155-170.
- GONZALEZ, A. EL LIBRO DE LOS SALMOS. Barcelona: Herder, 1966.
- GOULDER, M. THE PSALMS OF THE RETURN: BOOK V, PSALMS 107-150. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998.
- GRYSON, R. (ed.). BIBLIA SACRA IUXTA VULGATAM VERSIONEM. 5ª Ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2007.
- HARMAN, A. SALMOS. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- KERR, S. CARTA CANTO CORAL. In: LAKSCHEVITZ, E. (Org.). ENSAIOS: OLHARES SOBRE A MÚSICA CORAL BRASILEIRA. Rio de Janeiro: FUNARTE /Centro de Estudos de Música Coral, 2006. p.118-143.
- KIRKPATRICK, A. (Ed.). THE BOOK OF PSALMS (XC-CL). Cambridge: University Press, 1903.
- KRAUS, H.-J. LOS SALMOS. Vol. 2. Salamanca: Sigueme, 1995.

- LACERDA, O. COMPÊNDIO DE TEORIA ELEMENTAR DA MÚSICA. 3ª Ed. São Paulo: Ricordi Brasileira, 1967.
- MACLAREN, A. THE PSALMS (XC-CL). New York: A. C. Armstrong and Son, 1894.
- MED, B. TEORIA DA MÚSICA. 4ª Ed. Brasília: MusiMed, 1996.
- PANNENBERG, W. TEOLOGIA SISTEMÁTICA. Vol. 2. Santo André: Academia Cristã & Paulus, 2009.
- PASSOS, J. ARTE COMO DISCURSO OU A DISCURSIVIDADE DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS. In: CENA EM MOVIMENTO, Nº2. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. p.1-18.
- PENNA, M. MÚSICA(S) E SEU ENSINO. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.
- PRIOLLI, M. PRINCÍPIOS BÁSICOS DA MÚSICA PARA A JUVENTUDE. 48ª Ed. Rio de Janeiro: Casa Oliveira de Músicas, 2006.
- ROSS, A. A COMMENTARY ON THE PSALMS. Vol. 3. Grand Rapids: Kregel, 2016.
- SCHERER, C. A CONTRIBUIÇÃO DA MÚSICA FOLCLÓRICA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA. In: REVISTA EDUCATIVA, v.13, nº2. Goiânia: PUC-Goiás, 2010. p.247-260.
- SCHÖNBERG, A. MODELOS PARA ESTUDANTES DE COMPOSICION: EJEMPLOS MUSICALES, GUÍA Y GLOSARIO. Buenos Aires: Melos (Ricordi Americana), 2019.
- SCHROEDER, S. A ARTE COMO LINGUAGEM: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. In: LEITURA: TEORIA & PRÁTICA, v.30, nº58. Campinas: Associação de Leitura do Brasil, 2012. p.77-85.
- SOUZA, C. MITOS E POSSIBILIDADES DO ENSINO DE MÚSICA NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA ANÁLISE CRÍTICA À LUZ DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL. Tese de Doutorado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2016.
- STRAVINSKY, I. POÉTICA MUSICAL EM 6 LIÇÕES. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- THOLUCK, A. A TRANSLATION AND COMMENTARY OF THE BOOK OF PSALMS. Philadelphia: William S. & Alfred Martien, 1858.
- VV. AA. CATECISMO MAIOR DE WESTMINSTER. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- VV. AA. MANUAL PRESBITERIANO /IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.
- WEISER, A. THE PSALMS: A COMMENTARY. Philadelphia: The Westminster Press, 1962.
- WILLIAMSON, G. (Ed.). O CATECISMO MAIOR DE WESTMINSTER COMENTADO POR JOHANNES GEERHARDUS VOS. Recife: Os Puritanos /CLIRE, 2013.
- WISNIK, J. O SOM E O SENTIDO: UMA OUTRA HISTÓRIA DAS MÚSICAS. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

WOLFF, H. A DESTINAÇÃO DO SER HUMANO. In: ANTROPOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO. São Paulo: Hagnos, 2008. p.335-344.



O CULTO A DEUS E O LAÇO MATRIMONIAL EM OSEIAS

Rev. Ely Costa Júnior¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é compreender a advertência de Yahweh ao seu povo, “*Pois, misericórdia quero e não sacrifício; e o conhecimento de Deus mais do que holocaustos*” (6.6), à luz do laço matrimonial em Oseias. Há algo que antecede o momento da adoração que precisa ser levado em conta. A rejeição divina à prática cültica de Israel é sinal de que algo não está indo bem nesta relação que deveria ser de amor e intimidade. A falta de conhecimento de Deus, a indiferença e inconstância do povo, sua falta de misericórdia para com o próximo e o culto prestado a Yahweh associado à prostituição e idolatria, são ingredientes que levaram à rejeição de sua adoração. A aliança de Deus com o seu povo, que em Oséias é comparada com a aliança do matrimônio, traz à luz uma compreensão maior sobre a origem de tantos problemas que nos levam a errar o alvo na hora de prestarmos culto a Deus.

PALAVRAS-CHAVE: Pacto, misericórdia, adoração, culto, sacrifício, idolatria.

ABSTRACT

The purpose of this article is to understand Yahweh's warning to his people, “*For I desired mercy, and not sacrifice; and the knowledge of God more than burnt offerings*” (6.6) based on marriage bond Hoseah. There is something that precedes the moment of worship that needs to be taken into account. God's rejection of Israel's cultic practice is a sign that something is not going well in this relationship that should be one of love and intimacy. The lack of knowledge of God, the indifference and inconstancy of the people, their lack of mercy towards their neighbors and the worship of Yahweh associated with prostitution and idolatry, are ingredients that led to the rejection of his worship. God's covenant with his people, which in Hosea is compared to the marriage covenant, it brings

¹ Mestre em Divindade com concentração em Estudos Bíblicos Hermenêuticos/Antigo Testamento pelo CPAJ/SP; Bacharel em Música Sacra (Sem. Presbiteriano José Manoel da Conceição, SP); Bacharel em Instrumento/Piano (UNESP), Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano A. G. Simonton, RJ. Secretário executivo do Conselho de Hinologia, Hinódia e Música da IPB. Este artigo é baseado na monografia “O Culto e o Laço Matrimonial em Oseias”, escrita sob a orientação do Prof. Dr. Daniel Santos Júnior, no CPAJ/SP.

to light a greater understanding of the origin of so many problems that lead us to miss the mark when it comes to worshipping God.

KEYWORDS: Covenant, alliance, knowledge, mercy, adoration, worship, sacrifice, burnt offering, idolatry.

INTRODUÇÃO

As palavras de Deus na boca de Oseias, “Pois misericórdia quero e não sacrifícios, conhecimento de Deus, mais do que holocaustos”, demonstram que algo estava errado no momento em que o povo se reunia para adorá-lo. Alguma coisa não ia bem, não só na hora do culto, como também no que lhe antecedia. Esta advertência parece extrapolar o momento da adoração e apontar para algo anterior a ela. Este problema não foi exclusivo da época de Oseias, mas parece acompanhar o ser humano e seu relacionamento com o Criador. O próprio Senhor Jesus, oito séculos depois, ao ser acusado de comer com pecadores (Mt 9.13) e de profanar o dia de sábado (Mt 12.7) juntamente com seus discípulos, repetiu as palavras desta profecia. A compreensão do que Deus exige de nós em todas as áreas da vida, parece ser reduzida aos momentos de culto e de adoração.

Como entender a advertência divina à luz do laço matrimonial em Oseias? As palavras deste oráculo ainda soam verdadeiras e urgentes para o povo de Deus assim como foi no passado. O ritual do momento da adoração, seja em forma de oração, leitura da Palavra ou canto, parece se sobrepôr sobre o conhecimento de Deus, o amor a Ele dispensado e também ao próximo. Ao falar sobre adoração, bispo e escritor inglês J. C. Ryle², aponta que milhares de cristãos, homens e mulheres, não sabem por que creem, nem sabem porque fazem o que fazem. Ele argumenta que são levados de um lado para o outro por todo vento de doutrina e que estão sujeitos a seguir o primeiro herege sagaz que encontrar.

A igreja de Cristo segue a sua marcha, muitas vezes longe dos ensinamentos do próprio Cristo. O pastor Emílio Garofalo Neto cita o movimento *seeker-sensitive*, sensíveis ao necessitado, que coloca a ênfase no “adorador”³. Tudo na igreja deve ser

² RYLE, J. C. *Adoração: prioridade, princípios e prática*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2018, p.8.

³ NETO, Emílio Garofalo. Antes só do que mal acompanhada: o risco de casar-se com o espírito de seu tempo – Uma análise das propostas de revitalização de igreja, dos movimentos seeker-sensitive e emergente. *Fides Reformata*, São Paulo, v. 20, n. 2, p.41-69, 2015. P. 44.

pensado e planejado de forma a agradar aquele que entra para prestar culto como se os adoradores fossem consumidores em um grande shopping center. O Deus adorado é colocado em segundo plano. Desta forma, assim como no tempo do profeta, a igreja peca por não conhecer ao seu Deus como deveria e dele se afasta a cada dia. O número de publicações que nos alertam para este afastamento é alarmante. Títulos como “Pregação centrada no Evangelho”, “Sermão Cristocêntrico”, “Pregação Cristocêntrica”, “O que fizeram do Evangelho?” dentre tantos outros, tentam trazer o povo de Deus para uma adoração sadia e centrada em Deus.

A profecia de Oseias é mais que uma advertência à adoração e ao culto. O profeta vai mais fundo e mostra que o pacto de Yahweh com o seu povo é uma aliança matrimonial, com privilégios e deveres. Mostra onde e como o povo caiu e se afastou do seu Deus. Acima de tudo, fala do amor incondicional de Yahweh por Israel. Amor que corrige, mas também que cura e restaura. Um convite ao retorno, à restauração da comunhão, da aliança, do conhecimento íntimo e por fim de uma adoração saudável e agradável aos olhos de Deus. O entendimento correto desta profecia, portanto, se dará a partir do estudo da relação entre o culto e a quebra do “laço matrimonial” entre Yahweh e o seu povo.

Neste artigo veremos o que Deus espera de nós como adoradores segundo a profecia. Como devemos nos aproximar Dele no momento da adoração e o que ele espera de nós. A relação entre pecado e arrependimento parece ser central nesta passagem, assim como a relação do homem com Deus (vertical) e do homem com o seu próximo (horizontal).

1 O LAÇO MATRIMONIAL ENTRE YAHWEH E SEU POVO

O livro de Oseias fala do amor incondicional de Deus por seu povo Israel. Desta forma todo o conteúdo do livro é melhor entendido a partir da metáfora do casamento. Para que a mensagem do profeta tivesse maior impacto, o Senhor lhe ordenou que se casasse com uma prostituta e tivesse filhos com ela. Como uma alegoria ou parábola, assim é o casamento de Oseias. A mensagem que por ele é pregada, é também vivida literalmente, causando maior impacto naqueles que a recebem.⁴

⁴ GARDNER, Paul; MERRIL Eugene. *Quem é quem na Bíblia Sagrada*. São Paulo: Editora Vida, 2000, p. 500.

O casamento de Oséias e toda a sua narrativa deixa claro o que virá pela frente. Assim como a sua esposa Gômer foi infiel, se prostituiu e abandonou o profeta, de igual modo o povo de Israel estava se prostituindo com outros deuses e se afastando de Deus. Da mesma forma que o profeta amou sua esposa adúltera e a perdoou, o Senhor faria o mesmo com o seu povo. Entretanto, vamos entender melhor esta relação de aliança de Yahweh com o seu povo.

1.1 Berith entre Yahweh e seu povo

O termo *berith* é geralmente traduzido como pacto. Aparece pela primeira vez no Antigo Testamento, nos capítulos 19 e 24 do livro de Êxodo, como um arranjo ou acordo bilateral. Geerhardus Vos explica que os termos são estabelecidos estritamente por parte de Yahweh, cabendo ao povo a aceitação voluntária do *berith*. Apesar do pacto ser estabelecido por Yahweh, é apresentado ao povo e seu assentimento é requerido⁵.

1.2 O laço matrimonial entre Yahweh e seu povo

Ao analisar o *berith* no livro de Oseias, Vos destaca que o profeta iguala a ideia de aliança feita entre Yahweh e o Israel, com base no casamento entre os dois⁶. Portanto, casamento e *berith* com Yahweh são idênticos para Oseias. Quatro características desta aliança conjugal são importantes para o entendimento de todo o contexto: a) *A união é originada por parte de Yahweh.*⁷ Não foi Israel que se ofereceu a Ele, mas foi o contrário, ele é que procurou por Israel. B) *A relação tinha um começo histórico definido. Israel não foi sempre unido a Yahweh.*⁸ Esta união, que pertence mais à revelação especial do que a geral, acontece pela primeira vez no livro de Êxodo como citado acima. Vos conclui que a metáfora do casamento soa apropriada. Marido e mulher primeiramente existem, e então, são unidos num ponto definido de tempo. C) *Apesar da união ter sido originada em Yahweh, Israel foi deixado livre para entrar nela.*⁹ Yahweh é representado como aquele que corteja o seu povo, que o atrai e requer sua afeição. Ele supre as necessidades do seu povo e dá ainda mais, bondade amorosa, misericórdia, fidelidade. Geerhardus Vos explica que Yahweh dá a si mesmo de modo sacramental. Ele está presente em todos os seus favores para o desfrute perfeito por parte de seu povo. D) *O berith estabeleceu uma*

⁵ VOS, Geerhardus. *Teologia Bíblica - Antigo e Novo Testamentos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 153.

⁶ Ibid, p. 313.

⁷ Ibid, p. 315.

⁸ Ibid, p. 316.

⁹ Ibid, p. 316.

*fonte legal definida*¹⁰. O casamento existe sob uma lei matrimonial. A nação é considerada culpada legalmente por ter violado promessas distintas.

1.3 Expectativas de um casamento

Onde há um pacto, há expectativas. O casamento é um pacto com contornos especiais, pois não é algo frio e calculista, levando somente em conta os interesses de ambas as partes. É antes de tudo um laço de amor, onde as partes se comprometem, não por obrigação ou interesse, mas acima de tudo por amor. Oseias deixa claro, através de sua linguagem carregada de emoção, que está falando de algo que vai além da formalidade legal. Para ele a quebra do pacto é mais que descumprir regras, é rejeitar o amor, é ser infiel, é se prostituir.

Em uma aliança matrimonial espera-se que haja conhecimento de ambas as partes. Não conhecimento superficial somente, mas conhecimento íntimo, advindo de uma relação de amor e intimidade. Espera-se também que haja firmeza e convicção nas decisões, pois, pressupõe-se que são tomadas por amor. Neste tipo de relação é esperado também a fidelidade de ambos os lados. Contudo, houve uma quebra, uma ruptura do laço, por parte do povo de Deus. Este drama é trazido à tona de forma realista e contundente através do casamento de Oseias.

1.4 A Singularidade do casamento de Oseias

Uma característica singular de Oseias é o uso que ele faz do drama para transmitir sua mensagem profética. Para que esta mensagem tivesse maior impacto, Deus ordenou que o profeta casasse com uma “mulher de prostituições” e tivesse “filhos de prostituição”.¹¹ Esta união seria uma metáfora viva da aliança entre Yahweh e o seu povo Israel. Oseias casou-se com Gômer e teve filhos com ela. Quando Gômer se envolveu com seus amantes, ignorando assim o amor do marido fiel, Deus ordena algo ainda mais difícil para o profeta. Ele deveria trazê-la de volta, perdoá-la e redimi-la. Esta história de amor entre Oseias e Gômer é a história da aliança entre Yahweh e seu povo Israel.

Brian Gault, em seu artigo Marido vingador e amante redentor, lembra que Israel tinha Yahweh por seu amor, mas acabou prostituindo-se com outros deuses, até atribuindo suas provisões como bênção de Baal.¹² A metáfora do casamento se torna especialmente apropriada, porque demonstra de forma vívida e contundente a seriedade da ruptura de

¹⁰ VOS, *Teologia Bíblica*, p.318.

¹¹ GARDNER, *Quem é quem na Bíblia Sagrada*, P. 500.

¹² GAULT, Brian P. Avenging husband and redeeming lover? Opposing portraits of God in Hosea. *Journal of the Evangelical Theological Society*. v. 60, n. 3, p. 489-509, 2017, p. 490.

um pacto tão especial, feito por e em amor. O que se esperava de ambas as partes está sendo cumprida de forma perfeita unilateralmente. O descumprimento da aliança matrimonial se torna cada vez mais grave à medida que compreensão de tudo o que envolve este tipo especial de laço também aumenta.

2 A RUPTURA DO LAÇO

Assim como em um casamento a infidelidade do povo é vista por Deus como prostituição e adultério. Israel não só se afastava de Deus, mas prostituía todas as vezes que dava crédito a Baal pelas bênçãos recebidas. Por meio de seus profetas o Senhor chama seu povo a retornar à obediência, à aliança.

A profecia em estudo foi escrita no século oitavo antes de Cristo. Neste período tanto Israel quanto Judá viviam um tempo de prosperidade e poder desconhecidos desde os tempos de Davi e Salomão. Entretanto, se por um lado os dois reinos gozavam de riqueza e prosperidade, por outro encontrava-se em um estado avançado de decadência moral e religiosa.¹³ A mensagem de Oséias confronta tanto a liderança religiosa quanto o povo acerca desta situação de decadência.

O profeta prega contra a corrupção moral, o culto paganizado à Yahweh, o culto a Baal, o afastamento e o esquecimento do povo em relação aos benefícios de Yahweh. Assim como em um casamento se espera a fidelidade de ambos os lados, Yahweh, sendo casado com a nação de Israel, esperava dela a fidelidade. Portanto, para Oséias, tanto a infidelidade do Reino do Norte como a do Reino de Sul era comparável à prostituição ou o adultério no casamento. Contudo, assim como em sua experiência conjugal havia perdoado e reabilitado a sua esposa, Oséias acreditava que Yahweh em seu infinito amor perdoaria e reabilitaria seu povo se este se voltasse para Ele em arrependimento sincero.¹⁴

Após relatar sua experiência pessoal nos três primeiros capítulos, Oséias registra agora a sua mensagem falada. O profeta confronta o pecado de Israel e profere o julgamento divino. A falta de verdade e amor de Israel revelam a sua falta de conhecimento de Deus.¹⁵ Oseias acusou os israelitas de três pecados principais¹⁶: a) *Não*

¹³ BRIGHT, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 311.

¹⁴ Ibid, p. 320, 321.

¹⁵ GAULT, Brian P. Avenging husband and redeeming lover? Opposing portraits of God in Hosea. *Journal of the Evangelical Theological Society*. 60, 3, p. 489-509, 2017. p. 495.

¹⁶ SMITH, Gary V. *Interpretação dos livros proféticos: Um prático e indispensável manual de exegese*. São Paulo: Cultura Cristã, 2023, p. 74.

havia conhecimento de Deus na terra. No capítulo quatro a infidelidade de Israel é ressaltada. Os sacerdotes e os profetas não ensinavam ao povo as instruções de Deus na Lei. O povo não demonstrava conhecimento de Deus. Sua adoração envolvia prostituição, vinho, ídolos e sacrifícios a Baal. b) *Israel não tinha firme amor de aliança por Deus.* Nos capítulos seis a oito, o profeta aponta para inconstância do amor a Deus por parte de Israel. Homicídio, prostituição, falsidade, assaltos, assassinatos de reis, dependência de outras nações, adoração do bezerro de ouro e esquecimento de Deus. Estes foram pecados consequentes do esfriamento e da inconstância de Israel. c) *Não havia fidelidade, nem verdade no relacionamento de Israel com Deus.* Semelhantes à Jacó, os israelitas eram enganadores em todos os seus caminhos e ainda alegavam não ter pecado.

2.1 A corrupção do ritual da adoração

Geerhardus Vos atesta que uma grande fonte de pecado unanimemente atacada pelos profetas é o culto, a adoração ritual de Israel a Yahweh¹⁷. Segundo ele, os profetas não estavam interessados na forma, como muitos acreditam, mas primordialmente com princípios de importância espiritual. No caso específico da profecia de Oseias, a acusação é de que o culto é conduzido, com grosseira prática imoral, de modo a separar o interesse religioso de Yahweh de seus requerimentos éticos. Segundo Oseias a adoração a Deus (vertical), caminha junto com a vida com Deus (horizontal). Portanto, a forma de viver, de se relacionar com as pessoas, a ética cristã, deve caminhar lado a lado com o culto a Yahweh.

2.2 Misericórdia e conhecimento

Em Oseias 6.6 temos a impressão que Deus aprova a misericórdia e rejeita totalmente o sacrifício. Entretanto, segundo Vos, a primeira frase “misericórdia quero e não sacrifício” não deve ser entendida isoladamente, mas, junto com a segunda frase “e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos”. Há aqui uma variação idiomática do mesmo pensamento. Vos afirma que:

A segunda cláusula é uma maneira de falar como qualquer um: eu quero ação e não meras promessas. Portanto, isso não deveria ser considerado mais fraco que o “não” faz com a primeira, mas deve ser interpretado em harmonia com ela: Yahweh deseja o conhecimento de Deus e não ofertas queimadas. A rejeição é absoluta em ambos os casos.¹⁸

¹⁷ VOS, *Teologia Bíblica*, p. 322.

¹⁸ VOS, *Teologia Bíblica*, p.326.

Portanto, fica claro que Deus não rejeita o sacrifício e ofertas queimadas indistintamente. O que está sendo rejeitado aqui é o sacrifício sem misericórdia e holocaustos sem o conhecimento de Deus. São coisas que precisam caminhar juntas. Conhecimento de Deus e misericórdia do próximo caminham de mãos dadas com sacrifício ou qualquer outro rito de adoração.

Outro ponto a ser esclarecido é sobre o que esta rejeição dupla está baseada. Há algo que antecede o momento da adoração que deve ser considerado, como a ponta de um *iceberg*, que revela apenas uma parte do seu verdadeiro tamanho. Ainda segundo H. Vos¹⁹, o contexto fornece a resposta. O que Deus despreza é o sacrifício como um meio para aplacar o justo desagradado. Mais grave ainda é o sacrifício oferecido sem arrependimento.

2.3 Arrependimento e o culto a Yahweh

No início do oráculo, capítulo 5.15, Deus diz “*Irei e voltarei para o meu lugar*” (15a). Olhando para trás, para o que já foi dito acerca do pecado do seu povo, Deus resolve voltar para o seu lugar, a sua morada, seu santuário. O povo de Deus é representado aqui por dois reinos, reino do Norte e do Sul, chamados pelo nome das duas tribos maiores, Efraim e Judá respectivamente. Ambas as nações desonraram a Deus quando mudaram os marcos (10), andaram segundo a sua vaidade (11) e buscaram à Assíria em sua necessidade (13), não a Deus. O castigo de Deus foi decretado (14) e agora Ele vira o rosto para as duas nações e volta para a sua casa. O recado é claro. É preciso que haja arrependimento. Esta situação perdurará “*até que se reconheçam culpados*” (15b). Esta é a condição imposta por Deus. Efraim e Judá precisam reconhecer a sua culpa, precisam se arrepender de ter se afastado de Deus e procurado a solução por meio de aliança com a nação inimiga, a Assíria.

Entretanto, o arrependimento é importante e necessário, mas não é suficiente. É preciso voltar-se para Deus. Que reconheçam a sua culpa “*e busquem o meu rosto*” (15c). As duas atitudes são complementares e precisam caminhar juntas. Arrependimento e busca por Deus. Arrependimento sem voltar-se para Deus é sem valor. Voltar-se para Deus sem arrependimento é presunção e tolice. O arrependimento é urgente ao pecador assim como buscar a face de Deus.

¹⁹ Ibid, p. 326.

Felipe Fruto, no artigo O amor como a névoa da manhã²⁰, confirma que a busca cültica de Deus é consequência da consciência do pecado. Ele ressalta o poético paralelismo que há entre “*até que se reconheçam culpados (15b) e busquem a minha face (15c)*”.

3 CASTIGO E CURA

No livro de Oséias há uma alternância entre os temas *pecado/julgamento* e *convite/renovação*. Através deste padrão Oséias contrasta a vontade de Deus com os caminhos tortuosos de Israel. Há um apelo enfático e repetido para que o povo de Deus retorne a Ele através da renovação da Aliança.²¹

No livro todo é possível perceber Yahweh como um *marido vingador* que disciplinará Israel por seu adultério espiritual e um *amante* que redime, que traz sua amada de volta. Esta tensão entre a justiça de Deus e a sua misericórdia é destacada na estrutura e na mensagem de Oseias.²² Tanto o povo quanto a sua liderança são convocados ao arrependimento e a voltar-se ao Senhor.

No início da profecia (5.15), como já vimos, há um chamado ao arrependimento. Yahweh retorna ao seu lugar e aguarda que as nações se arrependam e o busquem. Nos versos seguintes (6.1-3) há um canto penitencial onde o povo é convocado a voltar-se ao Senhor.

3.1 Canção Penitencial

Nos primeiros versos deste capítulo (6.1-3) encontramos uma canção penitencial que é facilmente identificada como seção dentro da perícopes pelo uso do pronome da primeira pessoa do plural em quase todas as linhas.²³

Na primeira estrofe temos um convite ao povo para o retorno ao Senhor. “*Vinde e voltemos para o Senhor*” (1a). Estas palavras contém uma confissão implícita, um reconhecimento de que Israel se afastara do Senhor em suas práticas idólatras. Agora, o tempo de voltar-se ao Senhor havia chegado. “*Pois ele nos dilacerou e nos curará, fez a*

²⁰ RAMIREZ, Felipe Fruto. A love like a morning mist: Hosea 5.15 – 6.6. *Landas*. v. 27, n. 2, p. 101-135, 2013. p. 110.

²¹ VANHORN, W. Waine. Historical background and literary in Hosea. *The Theological Educator*, n. 48, p. 53-61, 1993, p. 58.

²² GAULT, Brian P. Avenging husband and redeeming lover? Opposing portraits of God in Hosea. *Journal of the Evangelical Theological Society*. 60, 3, p. 489-509, 2017, P. 489.

²³ RAMIREZ, Felipe Fruto. A love like a morning mist: Hosea 5.15 – 6.6. *Landas*. v. 27, n. 2, p. 101-135, 2013. p.112.

ferida e nos sarará” (1b). O Deus que exerceu juízo e os despedaçou, era o mesmo que os curaria por sua misericórdia. Justiça e misericórdia divinas caminham juntas.

Algo que devemos perceber também é que as feridas de Israel não poderiam ser curadas pelo Egito, nem pela Assíria. Efraim procurou a Assíria e seu Rei para que o acudisse, conforme o verso 13 do capítulo 5. Era preciso reconhecer agora, que só Deus poderia curar e dar nova vida à nação.

“Depois de dois dias nos revigorará e no terceiro dia nos levantará” (2a). Michael Russel sugere que não devemos insistir muito no significado literal da passagem, pois em qualquer explicação dada para a referência de tempo, é importante perceber que estamos lidando com poesia litúrgica que pode ser usada em várias ocasiões. Ele explica que se “ferida” e “doença” podem significar qualquer tipo de situação humana (guerra, peste, calamidade), “depois de dois dias” e “terceiro dia” podem significar qualquer período de tempo no qual a cura ocorre.²⁴

Charles F. Pfeiffer esclarece que estas palavras não devem ser aplicadas à Ressurreição em um sentido primário, embora possam ser consideradas como um tipo dela. Ou seja, assim como Deus trouxe Israel do exílio depois de “dois dias” (um breve espaço de tempo) da mesma forma ressuscitou Jesus da sepultura no terceiro dia.²⁵

Depois deste breve espaço de tempo, diante da cura que Deus nos oferece, há uma profunda declaração teológica *“e viveremos diante dele”* (2b). A ação de cura de Deus vai além da restauração física, mas pode erradicar o pecado que é o motivo básico do afastamento dele. Agora, depois de curados das suas feridas e de seus pecados, o povo de Deus poderá então viver diante do seu Senhor.

A segunda estrofe da canção penitencial assume outro tema que está intimamente relacionado com a reconciliação: o conhecimento de Deus. Somos convidados a um conhecimento mais profundo de Deus. *“Conheçamos e prossigamos em conhecer”* (3a). Aqueles que retornaram ao Senhor e deixaram a sua apostasia são agora convidados a conhecer o Senhor.

Este chamado também sugere que o povo de Deus chegou a esta situação calamitosa por sua falta de conhecimento de Deus. Isto foi dito pelo profeta no capítulo 4.6 *“O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento”* e no final do

²⁴ RUSSEL, Michael. On the third day, according to the Scriptures. *The Reformed Theological Review*, 67, no 1, p. 1-17, 2008.

²⁵ PFEIFFER, Charles F. *Comentário bíblico Moody*, v.1. São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2017. p. 1346.

versículo, completa “visto que te esqueceste da lei e do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos.”

“*Como a alva a sua vinda é certa*” (3b), assim como no início da perícopa Deus havia dito que voltaria para o seu lugar e só voltaria quando o seu povo reconhecesse a sua culpa e o buscasse, agora, Deus responde às necessidades do seu povo. Aquele que se arrepende dos seus pecados, volta-se para Deus e o busca, procurando conhecê-lo cada vez mais, a vinda do Senhor é tão certa quanto a madrugada e como a chuva primaveril.

3.2 Imagens terapêuticas e meteorológicas

Para ilustrar o contraste entre castigo e cura, o profeta se utiliza de imagens terapêuticas e para estabelecer um paralelismo entre a fidelidade de Deus e a infidelidade e inconstância do seu povo, Oseias se utiliza de imagens meteorológicas²⁶.

Na primeira estrofe da canção, Deus é aquele que pune, que castiga, mas ao mesmo tempo é também o que cura, que liga a ferida. Imagens como “*nos despedaçou*”, “*fez a ferida*”, são acompanhadas de “*nos sarará*”, “*ligará*”, “*nos revigorará*” e “*nos levantará*”. Estas imagens terapêuticas não só ajudam na assimilação da mensagem como também conferem maior brilho e realismo ao texto.

Quanto às imagens meteorológicas, há um nítido contraste entre a constância das decisões Divinas, na segunda estrofe da canção penitencial e a inconstância do amor de Israel, exposta na resposta de Deus no verso seguinte. Imagens como “*alva*” e “*chuva serôdia*”, demonstram como as ações prometidas por Deus se cumprirão no tempo determinado. Imagens como “*nuvem da manhã*” e “*orvalho da madrugada*” por sua vez, indicam a instabilidade e a fugacidade do amor de Israel.

3.3 Castigo presente, cura futura

Enquanto não houver arrependimento sincero, a face de Deus continuará virada contra o seu povo, conforme havia dito: “*Irei e voltarei para o meu lugar, até que se reconheçam culpados e busquem a minha face*” (5.15) Por causa de sua falsa conversão, de seu inconstante e falso amor para com Yahweh, o castigo continuaria assolando Israel. “*Assim, eu os abati por meio dos profetas, pelas palavras da minha boca os matei*” (5a). Estas duas primeiras frases são paralelas. A primeira explica a ação de Deus e a segunda

²⁶ RAMIREZ, Felipe Fruto. A love like a morning mist: Hosea 5.15 – 6.6. *Landas*. v. 27, n. 2, p. 101-135, 2013. p.112.

o instrumento que Deus usou. Desta forma, este verso explica a ação punitiva de Deus contra o seu povo.

Felipe F. Ramirez explica que os verbos *abati* e *matei* no tempo perfeito falam do castigo que já foi dado, mas ainda continua no presente.²⁷ Os instrumentos da ação ou do castigo de Deus são os profetas e as palavras de sua boca. Os profetas advertiram o povo das consequências do pecado e com Palavras dadas pelo Senhor proferiram o julgamento. Deus procurou moldar o seu povo através dos profetas, “*meu julgamento vai adiante como a luz*” (5b).

Ramirez relaciona este verso com o final da canção penitencial (6.3c). Segundo ele a intenção é fazer uma poderosa comparação entre a vinda benéfica de Deus, para restaurar as pessoas e a sua vinda em julgamento para castigá-las. No verso três Ele descera como chuva para a restauração do seu povo, enquanto no verso cinco seus juízos irão adiante como luz. “O primeiro fala de reconciliação no futuro, o segundo fala de julgamento de Deus no presente.”²⁸

Como já foi citado, há uma alternância entre os temas *pecado/julgamento* e *convite/renovação* que se faz presente aqui. Na primeira parte do oráculo há um convite ao arrependimento e à renovação. Entretanto, na segunda parte da profecia há uma sentença pelo pecado cometido, caso não haja arrependimento.

Nos capítulos que se seguem é ressaltado a iniquidade de Israel e de Judá e a sua dureza de coração. As consequências de tal pecado são ressaltadas. O julgamento acontece e o castigo definitivo chega. No último capítulo há a promessa de perdão e restauração da parte de Deus.

Desta forma a mensagem da profecia é cumprida. Castigo e restauração acontecem ao povo de Deus. O seu amor misericordioso é ressaltado e o casamento com seu povo é restaurado assim como foi o de Oséias.

4 O DESEJO DE DEUS

O final da profecia é um lema que Deus desejou para seu povo. Toda a estrutura do verso é construída em torno do contraste entre o que o Senhor quer e o que não quer. Aqui se

²⁷RAMIREZ, Felipe Fruto. A love like a morning mist: Hosea 5.15 – 6.6. *Landas*. v. 27, n. 2, p. 101-135, 2013. p.124.

²⁸ Ibid. p.126.

encerra a profecia. Misericórdia sim, sacrifício não. Conhecimento de Deus sim, ofertas queimadas (holocaustos) não.

Entretanto é preciso cuidado ao interpretarmos estas palavras. Isto não significa que Oséias rejeita o sacrifício e prioriza a ética. O problema aqui é que a maneira como o povo demonstra seu amor por Deus está em desacordo com a característica do amor que Deus deseja. Paba N. de Andrado diz que como consequência de sua falta de valores genuínos e seu comportamento inconstante, os sacrifícios das pessoas são inaceitáveis para Deus. Segundo Paba este verso apresenta o desejo de Deus que é o de um ritual integrado com a ética. O que o profeta está dizendo é que adoração sem ética é vazia e inaceitável ao Senhor. A dimensão religiosa (vertical) e ética (horizontal) estão intimamente ligadas.

A fidelidade e o culto a Deus envolvem o compromisso da observância dos preceitos morais e éticos que regem o relacionamento com os outros. É importante lembrar ainda, que na primeira frase é a misericórdia que está em oposição ao sacrifício e na segunda frase é o conhecimento de Deus que faz esta contraposição. Portanto, o que Deus deseja de seus filhos, segundo este pequeno verso é misericórdia e conhecimento d'Ele. Misericórdia é viver o amor ao próximo como Deus requer de nós. Os sacerdotes do tempo de Oséias não faziam isto ao oferecer sacrifícios a Deus, pelo contrário, exploravam o povo e praticavam excessos (cf. 5.2). Conhecimento de Deus é o que Ele requer do seu povo, mas segundo a segunda estrofe da canção penitencial no terceiro verso (*conheçamos e prossigamos em conhecer*), isto não estava acontecendo. Por isto a rejeição ao ritual, ao sacrifício. Este só será aceito se vier acompanhado de misericórdia e do conhecimento de Deus.

No capítulo quatro podemos perceber isto pelas próprias palavras do profeta. “Ouvi a palavra do Senhor, vós, filhos de Israel, porque o Senhor tem uma contenda com os habitantes da terra, porque não há verdade, nem amor, nem conhecimento de Deus. O que prevalece é perjurar, mentir, matar, furtar e adulterar, e há arrombamentos e homicídios sobre homicídios”. (4.1,2) Não somente o povo estava se corrompendo, mas a liderança, tanto religiosa como civil, era a primeira a se corromper e promover a corrupção.

A mensagem da perícopes estudada para a época em que foi escrita era em primeira instância de reconhecimento de culpa e arrependimento. Deus aguardava que o povo reconhecesse a sua culpa e se arrependesse de seus pecados. Esta era a condição para a ação favorável de Deus ao seu povo. A segunda mensagem, ou condição, era que este

povo arrependido buscasse a face do Senhor. Isto significa que eles precisavam conhecer o Senhor e se aprofundar neste conhecimento. Somente desta forma Deus os ouviria e os sararia.

Partindo deste princípio, na segunda parte da profecia (6.4-6), a mensagem clara é que se isto não acontecesse (arrependimento dos pecados e busca por conhecimento de Deus), a sua adoração, ou culto, não seria aceito por seu Deus. Esta situação perduraria até que reconhecessem a sua culpa. Esta é a condição imposta por Deus. É preciso haver reconhecimento culpa, arrependimento por terem se afastado de Deus e ainda voltar-se para Deus.

4.1 Laço matrimonial restaurado

Assim como Yahweh ordena que Oseias renove seu amor por Gômer, mesmo apesar de sua infidelidade contínua, ele mesmo resgatará seu povo, apesar de sua rebelião em seguir outros deuses. Seu objetivo redentor foi o de restaurar o laço matrimonial com Israel. Yahweh é descrito também como aquele que ama e corteja sua amada. Embora tenham sido cortados de uma aliança de relacionamento com Deus, o profeta prediz um tempo futuro para Israel, em que os efeitos do julgamento anterior serão revertidos. Yahweh não se esqueceu de sua antiga aliança. A nação irá para o cativeiro, mas a promessa de Deus não será invalidada. Ele promete renovar a seu laço matrimonial com Israel para sempre.

4.2 Adoração restaurada

Quanto ao culto, Heerhardus Vos esclarece que Oseias condena o espírito egoísta no qual ele é conduzido²⁹, e isso pela única razão de que ele vicia a raiz da relação entre Israel e Yahweh. O que Israel traz diante de Yahweh é apenas uma afeição passageira. Isto não será aceito porque este serviço pertence ao paganismo.

Entretanto, ao redimir o seu povo e trazê-lo de volta a uma relação de aliança matrimonial onde haja fidelidade, amorosidade e conhecimento de Yahweh, a relação de adoração também é restaurada.

O culto deixa de ser conduzido em paralelo com práticas imorais, não há mais separação entre interesse religioso e os requerimentos éticos de Yahweh. O povo de Deus reconhece os seus pecados e volta-se para Yahweh em adoração. O culto não é prestado como forma de aplacar a ira de Deus, mas como reconhecimento e amor pelo que Ele é. Misericórdia para com o próximo e para com os irmãos na fé, anda de mãos dadas com a

²⁹ VOS, *Teologia Bíblica*, p.336.

adoração e o conhecimento de Deus é a fonte inspiradora e norteadora do culto a Ele prestado. Como o próprio profeta disse no início do oráculo: “*Ele nos revigorará...e viveremos diante dele*” (2b).

CONCLUSÃO

Através do estudo da profecia de Oseias à luz do laço matrimonial de Yahweh com o Israel, foi possível aprofundar no conhecimento de Deus e de sua vontade para com seu povo como seus adoradores. Este foi o objetivo central deste artigo. Outros aspectos importantes desta relação matrimonial tão singular, também ajudaram a solidificar a compreensão do assunto. O estudo do termo *berith*, e da forma como este pacto era entendido no livro de Oseias, também foi fundamental para o correto entendimento das ações de Yahweh para com sua noiva a igreja. A compreensão da linguagem metafórica, afetiva e carregada de emoção, usada por Oseias, não só traz beleza ao texto, como também proporciona uma experiência vívida e marcante. Da mesma forma os contrastes entre o amor e a fidelidade de Yahweh com a inconstância e a infidelidade de Israel ajuda na compreensão deste oráculo tão especial.

A quebra do laço matrimonial por parte do povo, leva ao afastamento de Deus e conseqüentemente uns dos outros. Chegar-se para adorar a Deus sem levar em conta a amor para com o próximo desagrada a Deus, assim como a adoração sem o devido conhecimento de Yahweh. A falta de reconhecimento dos pecados, assim como de arrependimento, leva o povo de Israel a uma adoração equivocada. É preciso arrependimento, é preciso voltar-se para Yahweh em adoração sincera, sem nunca se esquecer que amar ao próximo também é preciso, assim como conhecer a Deus é fundamental.

Por fim, desejo que este artigo contribua para uma compreensão mais aprofundada do culto a Deus, nossa relação com Ele e com o nosso próximo, dentro de um contexto mais amplo, o da Aliança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOWMAN, Craig D. Reading the Twelve as one: Hosea 1-3 as an introduction to Book of the Twelve. *Stone-Campbell Journal*, v. 1, p. 41-59, 2006.
- BRIGHT, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulus, 2003.

- CRABTREE, A. R. *O livro de Oseias*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1961.
- DE ANDRADO, Paba Nidhani. Hēsed and Sacrifice: The Prophetic Critique in Hosea. *The Catholic Biblical Quarterly*. v. 78, n. 1, p. 47-67, 2016.
- GARDNER, Paul; MERRIL Eugene. *Quem é quem na Bíblia Sagrada*. São Paulo: Editora Vida, 2000.
- GAULT, Brian P. Avenging husband and redeeming lover? Opposing portraits of God in Hosea. *Journal of the Evangelical Theological Society*. v. 60, n. 3, p. 489-509, 2017.
- GOSWEEL, Greg. Davi their King: Kingship in the Prophecy of Hosea. *Journal for the Study of the Old Testament*, v. 42, n. 2, p. 213-231, 2017.
- HARRISON, R. K. *Oseias*. In: MERRIL, C. Tenney (Org.); BARABAS, Steven [Ed.]. *Enciclopédia da Bíblia*. v. 4. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, 1336 p.
- HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Vida, 2005.
- HUBBARD, David A. *Oseias: Introdução e comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão, 1993, 248 p.
- KIDNER, Derek. *A mensagem de Oseias: A Bíblia fala hoje*. São Paulo: ABU, 1988.
- MACARTHUR, John. *Manual Bíblico MacArthur*. 1 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2015.
- MACKAY, John L. *Comentários do Antigo Testamento: Oseias*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.
- MEAD, James. Let us press on to Know the Lord: preaching the knowledge of God in Hosea 5.15 – 6.1. *Word & World*. v. 28, n. 2, p. 196-202, 2008.
- NETO, Emílio Garofalo. Antes só do que mal acompanhada: o risco de casar-se com o espírito de seu tempo – Uma análise das propostas de revitalização de igreja, dos movimentos seeker-sensitive e emergente, in: *Fides Reformata*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 41-69, 2015.
- PEDRO, Enilda de Paula; NAKANOSE, Shigeyuki. *Como ler o livro de Oseias: Reconstruir a casa*. São Paulo: Paulus, 2005.
- PFEIFFER, Charles F. *Comentário bíblico Moody*, v.1. 2 ed. São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2017, 1521 p.
- PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Hagnos, 2006, 1806 p.
- RAD, Gerhard von; *Teologia do Antigo Testamento*. 3 ed. São Paulo: Aste/Targumim, 2006.

- RAMIREZ, Felipe Fruto. A love like a morning mist: Hosea 5.15 – 6.6. *Landas*. v. 27, n. 2, p. 101-135, 2013.
- ROBERTS, J. J. M. Hosea and the sacrificial cultus. *Restoration Quarterly*. v. 15, n.1, p.15-26, 1972.
- RUSSEL, Michael. On the third day, according to the Scriptures. *The Reformed Theological Review*. v. 67, n. 1, p. 1-17, 2008.
- RYLE, J. C. *Adoração: prioridade, princípios e prática*. 1 ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 2018.
- RYKEN, Leland. *Para ler a Bíblia como literatura*. 1 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.
- SHEPHERD, Michael. *A commentary on the book of the twelve: The minor prophets*. Kregel Academic, 2018.
- SMITH, Cooper. The Wilderness in Hosea and Deuteronomy: A Case of Thematic Reappropriation. *Bulletin for biblical research*, v. 28, n. 2, 249-260, 2018.
- SMITH, Gary V. *Interpretação dos livros proféticos: Um prático e indispensável manual de exegese*. 1 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2023, 208 p.
- VANHORN, W. Waine. Historical background and literary in Hosea. *The Theological Educator*, v. 48, p. 53-61, 1993.
- VOS, Geerhardus. *Teologia Bíblica - Antigo e Novo Testamentos*. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, 496 p.
- WILLIS, John T. Hosea's unique figures of Yahweh. *Restoration Quarterly*, v. 61, n. 3, 167-180, 2019.
- WOOD, F. M. *Oseas: Profeta de la reconciliacion*. Casa Bautista de Publicaciones, 1975.

PAPERS
ARTIGOS
ENSAIOS
E RESENHAS

WWW.REVISTASEMENTES.COM.BR



REFLEXÕES SOBRE A PARÁBOLA DO FARISEU E DO PUBLICANO

Rev. Lander de Assis Macedo¹

RESUMO

A parábola do fariseu e do publicano, em Lucas 18.9-14, é um dos textos bíblicos mais conhecidos no meio cristão. Ele é utilizado, principalmente, para enfatizar a falta de humildade de determinada pessoa. No entanto, a presente pesquisa pretende mostrar que, à luz do contexto, é bem possível que a perseverança em humilde e o não se considerar justo diante de Deus quando em oração, sejam as principais lições que Jesus quer ensinar a “certas pessoas” de ontem e de hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Jesus, Novo Testamento, Parábola, Fariseu, Publicano, Justificação.

ABSTRACT

The parable of the Pharisee and the publican, in Luke 18:9-14, is one of the best-known biblical texts in Christian circles. It is mainly used to emphasize a certain person's lack of humility. However, this research aims to show that, in the light of the context, it is quite possible that persevering in humility and not considering oneself righteous before God when in prayer are the main lessons that Jesus wants to teach "certain people" of yesterday and today.

KEYWORDS: Jesus, New Testament, Parable, Pharisee, Publican, Justification.

INTRODUÇÃO

O presente artigo fará reflexões sobre a parábola do fariseu e do publicano em Lucas 18.9-14. Justifica-se tal empreendimento porque, a parábola tem sido compreendida ao longo do tempo por muitos cristãos como uma lição a respeito da humildade na oração. Na

¹ O autor faz parte da equipe pastoral da Associação Internacional de Missões com formação em Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Betel Brasileiro e Pós-Graduado em Ciências das Religiões com ênfase em Ensino Religioso pela Faculdade Unida de Vitória. Este artigo foi escrito como requisito para obtenção de título de pós-graduação em estudos bíblicos pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. Ashbel Gren Simonton. E-mail: landerprofessor@gmail.com.

verdade, o intento deste artigo é mostrar que a sua ênfase é a questão da justificação. Para efetuação da presente pesquisa foi usada a metodologia da pesquisa bibliográfica em obras de teologia bíblica e exegética. A primeira parte da pesquisa consiste em compreender o contexto histórico da parábola; definir seu contexto mediato e imediato dentro do Livro de Lucas, pois isto possibilitará delimitar a perícopes, situá-la historicamente e conhecer seu ambiente cultural. Em seguida, faz-se uma abordagem do texto, o interesse aqui é a tradução e a crítica textual. Na terceira parte, que compõe o cerne da pesquisa, busca-se pela intenção original do autor, isto é, a exegese do texto. Encerra-se, na quarta parte, destacando-se alguns temas teológicos da parábola do fariseu e publicano, tais como, a justificação, especificamente como apresentada pela confissão de fé de Westminster, a oração e o legalismo.

1 CONTEXTO HISTÓRICO

O contexto histórico da parábola do fariseu e do publicano está no cenário e nas circunstâncias históricas, narradas no Evangelho de Lucas, que foi escrito após acurada pesquisa e depurada ordem segundo o autor que afirma ter “investigado tudo cuidadosamente, desde o começo” e que após tal investigação, ele redigiu um “relato ordenado” (Lc.1.3). Esse Livro possui uma estrutura com cinco principais seções: 1 - Primórdios cristãos (1.1-4.13); 2 - Jesus na Galileia (4.14-9.50); 3 -A viagem de Jesus a Jerusalém (9.51-19.44); 4 - Jesus em Jerusalém (19.45-21.38) e 5 - A crucificação e ressurreição de Jesus (22.1-24.53) (CARSON, D. A., MOO, Douglas, MORRIS, Leon, 1997, p.123-125). Nessa estrutura, percebe-se que a parábola do fariseu e do publicano (Lc.18.9-14) está inserida na seção três, que marca o início da viagem de Jesus a Jerusalém. Em concordância com os autores citados, a harmonia de Thomas e Gundry, coloca a parábola no ministério de Cristo na região da Pereia e em torno dela, no itinerário para Jerusalém. (THOMAS, Robert L., GUNDRY, Stanley N. 2004, p. 121- 131).

Enfatiza-se que o texto do Evangelho nesta seção central (9.51-19.44), traz uma ênfase que revela a atitude resoluta de Jesus em subir para Jerusalém com o fim de cumprir sua missão. Há três textos que elucidam esta postura. O primeiro se encontra em Lc.9.51, onde Jesus “manifestou, no semblante, a firme resolução de ir para Jerusalém”; o segundo está em Lc.13.22, quando, “Jesus passava por cidades e aldeias, ensinando e caminhando para Jerusalém”; e, por último, em Lc.17.11, mostrando mais uma vez Jesus “de caminho para Jerusalém...”. À luz desses textos, pode-se afirmar que o contexto

histórico mais amplo da parábola do fariseu e do publicano inicia em Lucas 9.51, quando Jesus resolutamente parte para Jerusalém para concluir sua missão entre nós.

1.1 Os fariseus

Fariseu significa “separado”, nome devido ao zelo exacerbado para com a observância da Lei. Na verdade, os fariseus “consideravam a Lei ou Torá como instrução divina que ensina ao homem como ele tem que viver; nessa suposição, só restava ao fiel estudar a Lei e pô-la em prática em todos os setores de sua existência” (MATEOS, J., CAMACHO, F. 1992, p.35). Os fariseus entendiam que era necessário manter as observâncias da Lei não restrita aos sacerdotes no templo, mas estendê-las para o povo. É nesse sentido que os fariseus queriam formar a verdadeira “comunidade santa” de Israel. Por trás desse zelo, estava a dolorosa experiência do Exílio, que segundo eles foi causado pela não observância das Leis de Deus pelo povo.

Este fato os levou a buscar a pureza e a se separar de qualquer forma de contaminação. Nessa busca, não mediam esforços, todos os mandamentos eram importantes e deviam ser minuciosamente cumpridos, pois “o decisivo é obedecer a Deus, seja no que for; e toda a vida, até nos mínimos particulares, tem que ser exercício desta obediência” (MATEOS, CAMACHO, 1992, p.35). A obediência à Lei definia então a questão do ser puro ou impuro; quem cumpria a Lei era puro, quem não cumpria era impuro. “Esse programa farisaico tinha como objetivo fazer de cada israelita um sacerdote e de cada refeição uma ceia como a que era servida no Templo” (SKARSAUNE, Oskar. 2004, p.119). Para que pudessem alcançar esses objetivos, os rabinos afirmavam que se deve erguer uma cerca em torno da Lei que “significa expedir regras complementares que não permitam a um homem ou a uma mulher sequer pensar em quebrar um mandamento da Escritura” (SKARSAUNE, 2004, p.116).

Constata-se que Jesus confrontou os fariseus devido a esse rigorismo no cumprimento da Lei, intentando mostrar-lhes que “a obsessão de ser fiel ao pormenor eclipsa a relação pessoal com Deus: no caso extremo, o observante se relaciona com o texto escrito. A relação homem- Deus se converte na relação homem-Lei” (MATEOS, CAMACHO, 1992, p.35). Em outras palavras, perde-se o espírito da Lei e estabelece-se um relacionamento mecânico, com tradições de homens e não com o próprio Cristo. Esse fato é evidenciado quando João coloca a seguinte frase na boca de um desses fariseus: “Quanto a esta plebe que nada sabe da lei, é maldita” (Jo.7.49). Isso mostra que o não se estudar as Escrituras e as tradições era motivo para divisão; por um lado, os fariseus que conheciam as Leis e as tradições e, por outro, o povo ignorante.

O ato de coisificar a Lei gerou uma busca obsessiva da pureza nos mínimos detalhes da vida, especialmente no seu aspecto exterior, pois os fariseus estabeleceram a partir desta pretensa pureza uma separação entre “justos” e “pecadores”. Uma separação entre “nós” e “eles” que colocava a maioria do povo na categoria de pecadores, imundos, sem religião e malditos que, cheios de culpa e sentimento de inferioridade, eram afastados de Deus e do Templo.

O fato de os fariseus suporem se situar do lado dos puros, dos que conhecem e observam a Lei em suas minúcias, não os livrou de severas repreensões de Jesus, pois a obediência da Lei era centrada neles mesmos, em seus próprios esforços e méritos em cumpri-las. A consequência direta desta atitude foi colocar em relevo o orgulho, a vaidade e a autossatisfação.

Centrados em si mesmos, a principal preocupação do fariseu consistia em dar rigorosamente o dízimo de tudo, mas omitiam o principal, como afirmado por Jesus: “Mas ai de vós, fariseus! Porque dais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as hortaliças e desprezais a justiça e o amor de Deus; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas” (Lc.11.42). Preocupavam-se, também, em se manter puro a qualquer preço, isto significa na prática afastar-se dos pecadores, enfermos e de quem eles julgassem indignos. Jesus, condenou esta atitude dizendo a eles que “...o vosso interior está cheio de rapina e perversidade” (Lc.11.39).

1.2 Os publicanos

Verifica-se nos Evangelhos que os publicanos eram os cobradores de impostos em favor dos romanos. Era uma classe extremamente desprezada e odiada pelos patrícios, considerados religiosamente de caráter imundo devido a seu contato permanente com os gentios. Confirma-se isto pelas associações encontradas nos Evangelhos em expressões tais como, “publicanos e pecadores” (Lc.5.30, etc.) e “publicanos e prostitutas” (Mt.21.31). João Paulo faz um excelente resumo a partir do texto bíblico (AQUINO, João Paulo Thomaz de, 2022, n. p.):²

A partir dos próprios textos bíblicos é possível ter algumas certezas sobre os publicanos. A primeira é que eles eram muito desprezados pelos judeus do primeiro século, estando na base da escala de vergonha e honra da qual fariseus se encontravam no topo. De maneira proverbial, visando ilustrar as pessoas desonradas da época, os publicanos eram normalmente equiparados a pecadores (Mt 9.10-11; 11.19; Mc 2.15-16; Lc 5.30; 7.34; 15.1); gentios (Mt 18.17) e prostitutas (Mt 21.31-32) [...] por vezes é suficiente apenas falar dos publicanos para ilustrar um tipo desprezível de gente, como em Mt 5.46. Os publicanos eram desprezados por serem judeus que trabalhavam direta ou indiretamente em prol do império Romano e por comumente extorquirem o

² Usa-se neste artigo a abreviatura n.p. para obras, extraídas da internet, não paginadas.

povo, cobrando mais do que deveriam (Lc 3.12-13). Também eram desprezados por serem o símbolo maior de um sistema econômico que privilegiava as pessoas ricas e oprimia as mais pobres. As fontes extrabíblicas como o Talmude, a Mishnah e escritores gregos e romanos confirmam esse retrato bíblico. Os publicanos eram normalmente malquistos como pessoas muito corruptas e, de fato, por vezes tinham como obrigação desapropriar casas e transformar devedores em escravos. É evidente que eram odiados!

Os publicanos negociavam o direito de recolher os diversos tipos de impostos em muitas regiões específicas e lucravam muito com o que arrecadavam, especialmente com o que cobravam além do combinado com os seus contratantes romanos (SNODGRASS, Klyne. 2010, p.652).

1.3 O Templo

O Templo e a adoração que se realizava em seu interior eram parte central da religião judaica até o ano 70d.C., ano em que foi destruído. Três vezes ao ano faziam-se grandes peregrinações para celebrar as festas da Páscoa, do Pentecoste e dos Tabernáculos. Observa-se que essas festas movimentavam tanto o aspecto religioso, como a economia em Jerusalém, trazendo prosperidade para a cidade.

O significado religioso do Templo encontra-se em dois conceitos segundo Skarsaune: “O primeiro deles é a ideia do Templo como morada de Deus na terra” e o segundo “é o da expiação por meio de sacrifícios ali realizados” (SKARSAUNE, 2004, p. 87-88).

Ressalta-se, que não somente os fariseus, mas, também os saduceus e essênios definiam-se através de suas respectivas relações com o Templo e o com o serviço ali prestado e com o ambiente de pureza demarcado pela área do Templo (SKARSAUNE, 2004, p. 90).

2 TEXTO: LUCAS 18:9-14³

9 A alguns que confiavam em sua própria justiça e desprezavam os outros, Jesus contou esta parábola:

10 "Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e o outro, publicano.

11 O fariseu, em pé, orava no íntimo: ‘Deus, eu te agradeço porque não sou como os outros homens: ladrões, corruptos, adúlteros; nem mesmo como este publicano.

12 Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho’.

13 "Mas o publicano ficou à distância. Ele nem ousava olhar para o céu, mas batendo no peito, dizia: ‘Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador’.

³ Usa-se neste artigo a BÍBLIA Sagrada: Nova Versão Internacional. São Paulo: SBB, 2000. Doravante NVI.

14 "Eu lhes digo que este homem, e não o outro, foi para casa justificado diante de Deus. Pois quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado".

2.1 Transmissão do texto

A transmissão do texto não apresenta muitas complicações. A crítica textual aponta apenas uma variante no v.11 “ὁ Φαρισαῖος σταθεὶς πρὸς ἑαυτὸν ταῦτα προσήχητο, Ὁ θεός, εὐχαριστῶ σοι ὅτι οὐκ εἰμι ὡςπερ οἱ λοιποὶ τῶν ἀνθρώπων, ἄρπαγες, ἄδικοι, μοιχοί, ἢ καὶ ὡς οὗτος ὁ τελώνης”. A questão que se apresenta diz respeito a expressão πρὸς ἑαυτὸν = si mesmo. Ela se refere ao verbo σταθεὶς = ficar de pé ou ao verbo προσήχητο = orar? Dependendo da resposta a leitura do texto sofre variação.

Segundo Omanson (OMANSON, Roger L., 2010, p.142),

a evidência externa favorece a leitura ταῦτα πρὸς ἑαυτὸν προσήχητο (essas coisas a respeito de e /p a ra si mesmo ele orava)”. O sentido provável da leitura que aparece como texto é este: O fariseu, em pé, sozinho, orava assim ...” Alguns intérpretes, todavia, sugerem que a locução πρὸς ἑαυτὸν, que aparece imediatamente após o particípio σταθεὶς, deveria ser entendida como uma expressão idiomática aramaica, com o significado de “posicionando- -se” ou “ocupando o seu lugar”. O significado da variante ταῦτα πρὸς ἑαυτὸν προσήχητο é este: “O fariseu se pôs em pé e orou para si mesmo.

A maioria das traduções seguem a posição defendida por Omanson. A NVI, “O fariseu, em pé, orava no íntimo”; a ARA⁴, “O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo”; a A21⁵, “O fariseu, de pé, orava consigo mesmo”; a ARC⁶, “O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira”; a NAA⁷, “O fariseu, ficou em pé e orava de si para si mesmo” e a BJ⁸, “O fariseu, de pé, orava interiormente”.

No versículo nove, “Ἐἶπεν δὲ καὶ πρὸς τινας τοὺς πεποιθότας”, o verbo πεποιθότας, tanto a NVI, ARA, NAA, ARC e A21 traduz como “confiavam”. “A alguns que confiavam em sua própria justiça” (NVI). Porém a Bíblia de Jerusalém traduz como “convencidos”. “Contou ainda esta parábola para alguns que, convencidos de serem justos” (BJ). É necessário deixar claro que o correto é traduzir o verbo πεποιθότας como confiavam, como fazem a maioria das versões.

⁴ Abreviação para ALMEIDA, João Ferreira de. Trad. A BÍBLIA Sagrada (revista e atualizada no Brasil) 2 ed. São Paulo. Sociedade Bíblica Brasileira, 1993.

⁵ Abreviação para BÍBLIA SAGRADA ALMEIDA SÉCULO XXI, Antigo e Novo Testamento. São Paulo, Ed. Vida Nova, 2008.

⁶ Abreviação para ALMEIDA, João Ferreira de. Trad. A BÍBLIA Sagrada (revista e corrigida no Brasil) 2 ed. São Paulo. Sociedade Bíblica Brasileira, 1995.

⁷ Abreviação para ALMEIDA, João Ferreira de. Trad. A BÍBLIA Sagrada (nova Almeida atualizada no Brasil) 1 ed. São Paulo. Sociedade Bíblica Brasileira, 2017.

⁸ Abreviação para A BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 1985.

Conforme Gingrich e Danker, o verbo πείθω tem o sentido primeiro de convencer, persuadir (GINGRICH, F. Wilbur, DANKER, Frederick W., 2007, p.162). O que justificaria a tradução da Bíblia de Jerusalém. Porém, como alerta Gingrich e Danker e, adverte o professor Gourgues, “o verbo é empregado aqui na segunda forma do perfeito πεποιθότας e, nessa forma o verbo tem o sentido de “ter confiança, fiar-se, contar com” (GOURGUES, Michel, 2005, p.189); portanto, a tradução correta é “confiavam”, pois o assunto aqui “é justiça e, em particular, justiça própria” (BAILEY, Kenneth, 1995, p.326).

2.2 Contexto literário

Como já visto, a parábola do fariseu e do publicano está inserida na parte central de Lucas, na subida de Jesus para Jerusalém. Laurence E. Porter, a coloca no “ministério final na Judéia (9.51-19.27)” (BRUCE, F.F. 2008, p.1641) e, corroborando com Porter, Charles Ryrie a situa na seção “a rejeição do Filho do homem (9.51-19.27)” (RYRIE, Charles. 1994. p.1266). O comentarista Lawrence O. Richards, por verificar o tema da fé iniciado no capítulo dezessete de Lucas, estabelece a perícopé em Lucas 17.1-19.44. Em razão dele estabelecer a fé como um fio condutor desta perícopé, ele a denomina de “cre samente” e tece um precioso comentário interligando toda a estrutura textual (RICHARDS, Lawrence O, 2008, p.177):

Uma história fascinante lembra os discípulos de Jesus que, para aqueles que creem, a questão muda da fé para a obediência (17.1-10). Além disso, uma fé que torna uma pessoa completa é caracterizada por um relacionamento contínuo com Deus expressado em gratidão e louvor (17.11-19). Um dia Deus irá intervir diretamente e visivelmente nos assuntos humanos, até lá existirá um reino oculto de Deus que só é experimentado através do nosso relacionamento com Cristo (17.20-37). O que permite este tipo de fé é a nossa percepção de que Deus responde àqueles que recorrem a Ele (18.1-8), e que Ele se relaciona com os pecadores em sua misericórdia (18. 9-14), como qualquer adulto se relacionaria com um bebê indefeso (18.15-17).

Percebe-se a coesão textual imediata da parábola através do próprio texto que é determinado pela presença de um marcador constante em Lucas, a conjunção coordenativa δὲ = então. Logo no início do capítulo dezoito temos a primeira ocorrência marcando justamente o início do contexto imediato da parábola do fariseu e do publicano. Diz o texto, “λεγειν δὲ” (Lc.18.1), “Então Jesus contou aos seus discípulos uma parábola, para mostrar-lhes que eles deviam orar sempre e nunca desanimar”. Esta é a parábola do juiz iníquo. O princípio que Jesus ensina aqui é que se um juiz iníquo julga a causa de uma viúva, quanto mais Deus fará ἐκδίκησις = justiça, ainda que pareça demorada, aos escolhidos.

A segunda ocorrência da conjunção δὲ = então, está justamente no início da perícopé que é objeto de estudo desta pesquisa, “Εἶπεν δὲ” Lc.18.9, “a alguns que confiavam em sua própria justiça e desprezavam os outros, Jesus contou esta parábola”. O elo fica evidente, também, pela presença da palavra δίκαιος = justos. Nesta parábola, Jesus trata da rapidez com que Deus irá julgar, condenando aqueles que se apresentam a Ele como justos.

Verifica-se que a parábola do juiz iníquo deixa claro que a esfera de ação no campo da justiça é humana, portanto, inferior e que, na parábola do fariseu e do publicano a esfera da ação é de Deus, portanto superior. Isso significa que o tema é de justiça nas duas parábolas, porém as esferas de ação são diferentes, trata-se da inferior para a superior, da humana para a divina. Por inferência, conclui-se que se na esfera humana, um juiz iníquo e injusto fez justiça por causa da perseverança de uma viúva, quanto mais rápido em julgar não será Deus, o Justo, diante de homens que se julgam como justos.

A conjunção coordenativa, “Προσέφερεν δὲ”, aparece pela terceira vez em Lc.18.15, texto que narra Jesus abençoando as crianças e dizendo que “quem não receber o Reino de Deus como uma criança, nunca entrará nele” (v.17). A ligação com a parábola do fariseu e do publicano é evidenciada com a expressão de Jesus, “receber como criança”. Interpreta-se a frase “receber como criança”, como receber o reino de Deus com o coração humilde e vazio de si mesmo, confiando em Deus e Sua graça. Essa mesma postura é vista no publicano que foi justificado.

Estabelece-se que a perícopé ora estudada tem como contexto imediato anterior a parábola do juiz iníquo (Lc.18.1-8), e contexto imediato posterior, Jesus abençoando as crianças (Lc.18.15-17).

3 EXEGESE DO TEXTO

O versículo nove é a introdução da parábola. Jesus logo de início denuncia que havia alguns que convencidos de sua própria justiça, confiavam em si mesmos e tinham em pouca conta os outros e os tratavam com menosprezo. Diz o texto: “A alguns que confiavam em sua própria justiça e desprezavam os outros” (Lc.18.9). O erro desses “alguns” era que confiavam ἐφ' ἑαυτοῖς = em si mesmos, isto é, “eles acreditavam que tinham a justiça exigida pela lei” (LANGE, Johann Peter, 2022, n. p.). John Gill, faz o seguinte comentário acerca desses que confiam em si mesmo (GILL, John, 2022, n. p.):

a base de sua confiança e a confiança eram eles mesmos, seus corações e a suposta bondade deles, sua santidade externa, seu comportamento moral, seus deveres e boas obras, suas esmolas e exercícios religiosos, suas observâncias cerimoniais e privilégios carnis; por causa disso, eles se consideravam pessoas muito justas, que não podiam deixar de ser aceitas por Deus e justificadas aos seus olhos; [...] Tal confiança é vã e surge da ignorância; da ignorância de Deus, da perfeição de sua justiça e da natureza de sua lei justa; e de si mesmos, da impureza de seus corações e da imperfeição de sua obediência. Estes eram do tipo "farisaico", e cuja aparência era a generalidade dos judeus; e muitos destes estavam agora de pé junto a Cristo, e ouvindo esta parábola.

A consequência desta justiça própria, desse orgulho religioso, se encontra no fato dos fariseus acharem que podiam desprezar, ἐξουθενοῦντας, “considerar como nada” (RIENECKER, Fritz, ROGERS, Cleon, 1995, p.144), as demais pessoas. O texto enfatiza a postura farisaica de que eles não faziam caso das demais pessoas, as tinham em pouca conta e as tratavam como pessoas indignas da consideração de Deus, e não aptas a ficar perto deles, ou serem contadas junto a eles. Esta palavra ἐξουθενοῦντας, aparece somente aqui e em Lucas 23.11, quando Jesus estava diante de Herodes e este, juntamente com sua guarda, o tratou com desprezo. Segundo MacArthur, “a palavra se refere à zombaria mais baixa, desdém, chacota, escárnio, sarcasmo. Estavam tão imersos em seu estilo de piedade “mais santa do que a de vocês todos” que realmente viam seu desdém pelos outros como símbolo de sua própria justiça” (MACARTHUR, John. 2016, p.117). Como se constata, então, a postura “desses alguns” em menosprezar o outro é a mais profunda forma de orgulho espiritual manifestada na justiça própria.

O versículo dez põe em cena os personagens- um fariseu e um publicano; o ambiente- subiram ao Templo e o propósito- para orar - "Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e o outro, publicano” (Lc.18.10).

Tem-se levantado a questão sobre o fato dessa oração ser ou não comunitária, pois ela foi realizada no Templo. Bailey defende a tese, a partir da ótica cultural do Oriente Médio, de que se trata de uma adoração pública, diz ele que “o povo do Oriente Médio lê o mesmo texto e subentende que é uma parábola acerca da adoração pública” (BAILEY, 1995, p.327). Essa posição de Bailey é questionada pelo próprio texto, pois não há na parábola nem alusão à oração litúrgica, nem presença de comunidade reunida, nem outros homens além do publicano e do fariseu. Além disso, “os judeus de Jerusalém costumavam fazer sua oração nas horas costumeiras (às 9 h da manhã e às 3 h da tarde). Contudo, fora dos horários regulares de oração (Lc.1.10; At.3.1) também sempre havia pessoas orando no templo (Lc.2.37; At.22.17)” (RIENECKER, Fritz, 2005, p.240). Essa pesquisa adotará os limites que o texto propõe, permitindo, ao mesmo tempo, que se faça inferências com

relação ao que se sucede como adoração pública e privada no ambiente do Templo em Jerusalém. Pode-se concordar com Bailey quando ele afirma que “qualquer tipo de oração na área do templo (devoções particulares ou oração em conexão com a adoração coletiva) necessariamente pressupõe o contexto dos sacrifícios realizados duas vezes por dia, que são mencionados especificamente na parábola” (BAILEY, 1995, p.330).

O texto relata que dois homens, um fariseu e um publicano, sobem ao Templo para orar simultaneamente. No judaísmo daquele tempo, havia uma barreira enorme entre essas duas classes de pessoas. O fariseu, era o religioso, o exemplo de moralidade, “homem de cumprimento exemplar rigoroso e inatacável da lei” (RIENECKER, 2005, p.240). John Gill faz um resumo sobre esses dizendo que “esta era a seita mais estrita entre os judeus; eram homens que oravam e jejuavam muito, e eram grandes defensores das cerimônias da lei e das tradições dos anciãos, e faziam tudo o que faziam para serem vistos pelos homens” (GILL, 2022, n. p.). Já o publicano, “era considerado pela opinião geral como uma pessoa que vivia em flagrantes pecados e vícios, e era equiparado aos gentios (RIENECKER, 2005, p.240). Como diz Morris, “o publicano era um candidato improvável para os exercícios religiosos, sendo normalmente tanto desonesto quanto um traidor dos seus próprios patrícios” (MORRIS, Leon. L., 2000, p.248).

A narrativa nos versículos onze e doze se concentra no fariseu, com o objetivo de mostrar como ele apresenta sua oração. “O fariseu, em pé, orava no íntimo: Deus, eu te agradeço porque não sou como os outros homens: ladrões, corruptos, adúlteros; nem mesmo como este publicano. Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho” (Lc.18.11-12).

O texto informa que o fariseu, σταθείς = em pé orava. O comentarista John Gill, diz que se pode observar dois sentidos aqui, porque ou “ele estava em algum lugar de eminência, para que pudesse ser visto pelos outros; ou ele ficou em uma postura fixa, de uma maneira muito grave e solene, mostrando grande devoção e seriedade” (GILL, 2022, n. p.). É bem possível que seja essas duas atitudes na oração do fariseu que a parábola esteja enfatizando.

Estando a orar, o fariseu εὐχαριστῶ = deu graças. A oração judaica “incluía primeiramente a expressão de agradecimentos/louvor a Deus por todos os seus dons, e petições referentes às necessidades do adorador” (BAILEY, 1995, p.333). “Era o costume começar uma oração com uma nota de ação de graças. Neste caso acabou sendo uma expressão de autoadmiração” (RIENECKER, ROGERS, 1995, p.144-145), pois ele orou apenas em relação a si mesmo, ele estava totalmente concentrado em si mesmo. O elogio

de si mesmo era o assunto de sua oração. Agindo assim, “o fariseu não exprime nenhuma expectativa a respeito de Deus” (GOURGUES, 2005, p.193) e, a sua oração transforma-se em uma não oração, ou seja, ela se degenera “em uma mera autopropaganda” (BAILEY, 1995, p.333).

Na oração, o fariseu pensa sua virtude em termos da degeneração do publicano, ou seja, ele não se contentava em exaltar a si mesmo, era-lhe necessário menosprezar o publicano enquanto se vangloriava de suas virtudes. Gourgues, chama isto de “justiça comparada” e ressalta a expressão οὗτος ὁ τελώνης = este publicano aí, designação de desprezo do mesmo gênero que a utilizada pelo filho mais velho em referência a seu irmão em Lc.15.30: ὁ υἱός σου οὗτος = teu filho aí” (GOURGUES, 2005, p.193). Isto mostra que há um desprezo no coração pelo outro. Gill resume dizendo que (GILL, 2022, n. p.):

a fim de se exaltar, e coloca sua justiça em suas próprias obras, e trata todos os outros homens com desprezo e desdenho. Agradece a Deus, ou melhor, abençoa a si mesmo, e mesmo afirmando que não é como os outros homens, ainda assim é como os outros homens, não melhor. Ele era um pecador em Adão, como os outros homens e um pecador por natureza, como os outros são; e tinha as mesmas iniquidades e corrupções em seu coração, como outros e não tinha mais bondade nele do que outros homens, e está tão longe da verdadeira justiça real.

O erro do fariseu consiste em pensar que se pode ser obediente a Deus e manter uma atitude de desprezo pelo publicano e as demais pessoas. Amar ao próximo é um mandamento da Lei (Lv.19.18). Jesus enfatizava que amar o próximo é semelhante ao mandamento de amar a Deus e, que desses dois mandamentos, dependem toda a Lei e os profetas (Mt. 22.37-40).

Diz o fariseu enaltecendo-se “porque não sou como os outros homens: ladrões, corruptos, adúlteros; nem mesmo como este publicano” (Lc.18.11). Não sou, ἄρπαγες, = vigarista, usurário; ἄδικοι = injusto; μοιχοί = adúltero; ἢ καὶ ὡς οὗτος ὁ τελώνης = ou também (nem também) como este publicano aí, em tom de desprezo, indicado pela presença do pronome – clímax dos pecados. É interessante notar o que Jesus diz a respeito dos fariseus e o que este fariseu da parábola pensa a respeito de si mesmo. O fariseu da parábola pensa que é honesto; Jesus afirma em Mt.23.14, que: “...vocês devoram as casas das viúvas e, para disfarçar, fazem longas orações. Por isso serão castigados mais severamente”. O fariseu da parábola se acha justo; em Mt.23.28, Jesus diz: “...por fora parecem justos ao povo, mas por dentro estão cheios de hipocrisia e maldade”.

A oração do fariseu continua deslocando-se agora dele mesmo para as suas boas obras. Ao analisar a auto exaltação do fariseu, Bailey afirma que “temos aqui o retrato de

um homem que se orgulha da sua observância mais que perfeita da sua religião” (BAILEY, 1995, p.336) e J. Jeremias descreve o extremo zelo do fariseu para com a Lei da seguinte forma (JEREMIAS, J. 1986, p.146):

1) A lei prescreve só um jejum no ano, no dia da reconciliação, mas ele jejua espontaneamente duas vezes por semana, às segundas e quintas-feiras, provavelmente em representação-substituição pelos pecados do povo. Quem conhece o Oriente sabe que o maior sacrifício de jejum consiste na renúncia da beber, apesar do calor. 2) Paga o dízimo de tudo o que compra, para estar inteiramente seguro de que não experimenta nada que não tenha sido dizimado, ainda que o grão, o mosto e o óleo já devam ser dizimados pelo próprio produtor. Uma grande disposição ao sacrifício: à doação pessoal ele acrescenta a econômica.

Esse zelo dos fariseus era uma tentativa de garantir que nenhuma parte da Lei fosse violada. Como diz Leon Morris acerca do fariseu, “seu problema não era que não tinha progredido suficientemente ao longo da estrada, era que estava na estrada totalmente errada” (MORRIS, 2000, p.248). Essa estrada o conduziu a um extremo rigor que se tornou motivo de orgulho e autopromoção.

No versículo treze o publicano também faz a sua oração. "Mas o publicano ficou à distância. Ele nem ousava olhar para o céu, mas batendo no peito, dizia: Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador” (Lc.18.13). A primeira atitude que chama atenção é que ele ficou μακρόθεν = à distância, de longe, bem afastado (HAUBECK, Wilfrid, SIEBENTHAL, Heinrich Von. 2009, p.519). Ele “não fica afastado com indiferença, mas, ao longe, pois acha que não é digno de permanecer junto com o povo de Deus diante do altar” (BAILEY, 1995, p.337).

O publicano orava com olhos abaixados e coração contrito, pois se via como um pecador que precisava da graça de Deus. Essa atitude era a de alguém que se sabe pecador, indigno. Agindo assim ele “chegou diante de Deus com mãos vazias. Não apresentava méritos nem exigências. Não usou desculpas ou explicações. Comparar-se a outros estava fora de cogitação. Ele sabia que era o pecador implorando misericórdia” (KISTEMAKER, Simon J. 1992, p.281). O texto diz que ele batia = ἔτυπεν em seu peito; essa é “uma expressão forte e definida para uma contrição dolorosa e arrependida Lc.23.48 (RIENECKER, 2005, p.242).

Na sua oração ele clama por ἰλάσθητί μοι τῷ ἁμαρτωλῷ. A BJ traduz como, “tem piedade de mim, pecador!”; a A21, “tem misericórdia de mim, um pecador!”; a ARC, “tem misericórdia de mim, pecador!”; a ARA, “sê propício a mim, pecador!” e a NVI “tem misericórdia de mim, que sou pecador!”. Todas estas traduções perdem a ênfase do artigo definido τῷ no grego. No caso do publicano, ele não se vê apenas como “pecador”,

nem mesmo como “um pecador”, pois o texto quer enfatizar que ele via a si mesmo como “o pecador”; “se alguma vez houve um, eu sou ele” (JAMIESON, R. FAUSSET, A. R., BROWN, D. 2022, n. p.). Como Paulo falava a respeito de si, “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o pior” (1Tm.1.15); o publicano “fala de si mesmo, como se fosse o único pecador do mundo; pelo menos, como se não houvesse ninguém como ele” (GILL, 2022, n. p.):

Quanto a expressão *ἰλάσθητί μοι*, é necessário que se atente que este verbo está na voz passiva, ou seja, é Deus quem executa a ação, o publicano apenas a receberá. Nida e Louw define *ἰλάσκομαι* como, “ter compaixão de alguém que se encontra em dificuldade, apesar do fato de esse alguém ter cometido uma ofensa moral- ter misericórdia, ter compaixão” (LOUW, Johannes, NIDA, Eugene, 2013, p.667). HAUBECK e SIEBENTHAL definem como deixar-se reconciliar; ser gracioso (HAUBECK, SIEBENTHAL, 2009, p.519). Sendo assim, o sentido do texto é “deixa-te reconciliar comigo, que sou pecador”. O comentarista Lange afirma que “é totalmente desnecessário pressionar a palavra *ἰλάσκεσθαι* de tal maneira que veja nela a concepção dogmática de expiação” (LANGE, 2022, n. p.). Link e Brown, sobre este ponto específico, afirmam que a parábola “focaliza dois aspectos: do lado do homem, o que importa é o voltar-se a Deus de todo o coração; do lado de Deus, a justiça própria dos homens de nada vale, mas Deus tem misericórdia dos ímpios que se voltam para Ele, pedindo misericórdia” (LINK, H. G., BROWN, C., 1983, p.65). Deve-se enfatizar que, há probabilidade de que o publicano esperava pelo perdão que somente Deus poderia conceder. Caso contrário, ele não teria ido ao Templo, local de sacrifícios e orações. É com este raciocínio que Klyne conclui que “a oração do publicano é uma súplica comovente para que o sacrifício seja suficientemente efetivo a fim de que Deus possa ter misericórdia dele” (SNODGRASS, 2010, p. 660).

Jesus encerra a parábola, dizendo que o publicano desceu justificado, isto é, recebeu um juízo favorável de Deus e o fariseu recebeu um juízo desfavorável. “Eu lhes digo que este homem, e não o outro, foi para casa justificado diante de Deus. Pois quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado” (Lc.18.14).

O verbo utilizado para dizer que o publicano foi justificado é *δεδικαιωμένος* = tendo sido justificado é empregado aqui neste versículo no tempo perfeito, isto significa que ele “exprime um estado presente resultante de uma ação passada e deve indicar que o publicano foi justificado de maneira durável” (GOURGUES, 2005, p.195). O verbo também está na voz passiva, indicando claramente que o ato de justificar é uma ação divina. Pode-se afirmar que “aqui a declaração da justificação constitui a resposta de Deus à oração do publicano, em contraposição à confiança farisaica na justiça própria” (RIENECKER, 2005, p.243); e, essa justificação é graça de Deus, porém “não era, como era no caso de Paulo, pela fé em relação ao ato salvífico de Cristo (Rm3.20-27) nem em relação à Lei (Rm.8.4; cf. 7.1-25; Gl.3.10 e segs.). O desenvolvimento destes aspectos da

reconciliação e justificação pertencem à igreja de depois do Pentecoste” (LINK, H. G., BROWN, C., 1983, p.65).

A parábola encerra com a declaração: “Pois quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado” (Lc.18.14). “O significado não diz respeito tanto à humildade ou ao orgulho na sociedade humana, mas perante Deus, que em todas as Escrituras mostra compaixão pelos mansos e humildes, ao passo que rejeita os arrogantes” (BAILEY, 2016, p.351).

É importante ressaltar que os três verbos estão na forma passiva: δεδικαιωμένος = tendo sido justificado; ταπεινωθήσεται = será humilhado e ὑψωθήσεται = será exaltado. A importância está no fato de que justificar, humilhar e exaltar são passivos divinos. Deus é quem executa a ação. É Deus quem tem poder para justificar e para não justificar aqueles que se aproximam Dele em oração. É Deus quem humilha aquele que se exalta a si mesmo e menospreza o próximo. É Deus quem exalta aquele que se humilha diante Dele.

A conclusão da parábola é que o orgulhoso fariseu que a si mesmo exaltou diante de Deus com suas virtudes e boas obras, desceu do Templo não justificado. Por outro lado, o publicano que clamou para que Deus fosse favorável a ele, o pecador, obteve a graça de Deus e desceu do Templo justificado.

4 TEMAS TEOLÓGICOS

Tendo abordado o texto propriamente dito, faz-se necessário apontar os temas teológicos que surgem naturalmente da leitura do próprio texto. É isso que se fará.

4.1 Um conceito errôneo de justificação

Para que se compreenda a doutrina da justificação corretamente, é necessário iniciar com uma definição. A definição utilizada é a da declaração de abertura do capítulo XI, “Da justificação”, da Confissão de Fé de Westminster (NETO, Felipe Sabino de A. 2022, n. p.):

Os que Deus chama eficazmente, também justifica livremente. Essa justificação não consiste em Deus infundir neles a justiça, mas em perdoar os seus pecados e em considerar e aceitar as suas pessoas como justas. Deus não os justifica em razão de qualquer coisa neles operada ou por eles feita, mas somente em consideração da obra de Cristo; não lhes imputando como justiça a própria fé, o ato de crer ou qualquer outro ato de obediência evangélica, mas imputando-lhes a obediência e a satisfação de Cristo, quando eles o recebem e se firmam nele pela fé, que não têm de si mesmos, mas que é dom de Deus.

A atitude do fariseu é marcada por seu extremo para com a Lei de Deus, mas “do início ao fim, o Novo Testamento deixa claro que a doutrina dos fariseus e o cristianismo

não combinam. Na verdade, certos princípios centrais da religião dos fariseus e de sua visão do mundo são contrários à mensagem do evangelho” (MACARTHUR, 2016, p.109).

Ao contrário do que pensavam os fariseus, Jesus através desta parábola ensina que não há nenhuma forma de se obter relacionamento, comunhão com Deus, através do cumprimento da Lei. A Lei não possui poder justificador, pois ela condena o pecador. Paulo ensina este princípio dizendo, “visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado” (Rm 3.20). Paulo nos diz que a lei é capaz de revelar os pecados mais ocultos e conduzir o indivíduo à luz, diz ele que “eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei” (Rm 7.7), “pois não teria eu conhecido a cobiça, se a lei não dissesse: Não cobiçarás” (Rm 7.7). Vê-se nestes textos que Paulo dá testemunho da ação da lei em sua vida, citando inclusive o décimo mandamento, mas ele entende que “a lei foi o nosso tutor até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé” (Gl.3.24).

O ponto nevrálgico desta parábola e da questão da justificação está no fato de Jesus afirmar que o pior dos pecadores pode ser justificado enquanto um líder religioso devoto não pode, pois confia em si mesmo para isso. MacArthur, chama a atenção dizendo que isso “deve ter parecido um ataque frontal à justiça divina, à Lei de Moisés e a cada regra de justiça e piedade” (MACARTHUR, 2016, p.109).

Ridderbos, deixa bem claro ao afirmar que o fariseu “representa aqueles que tentam se justificar diante de Deus de acordo com a doutrina do mérito” (RIDDERBOS, Herman, 2010 p.166) e, é mais contundente ao dizer que “a ideia da recompensa é e permanece o grande elemento dominante da doutrina judaica da redenção” (RIDDERBOS, 2010, p.167). Portanto, o que temos nesta parábola é uma alma farisaica que pensa a salvação como uma questão de méritos pessoais, uma questão de performance pessoal diante de Deus ou uma questão de merecimento diante daquilo que faço. Essa foi a posição do fariseu que não olha para Deus, mas para si mesmo, suas conquistas e suas performances espirituais. Não percebe em si nenhuma necessidade da graça, do perdão e da misericórdia divina, pois é autossuficiente, por isso se orgulha da sua justiça “conquistada por esforço próprio”; sinal claro de que supõe não necessitar de perdão.

Jesus, através desta parábola, deixa claro que não há possibilidade de autojustificação. O preço é elevado demais e, somente o filho de Deus pôde pagá-lo. “A causa da justificação dos crentes não está neles, mas na “livre graça” de Deus. A pena de morte que Cristo sofreu declara os crentes isentos de culpa e não merecedores de

condenação, e eles recebem o crédito da justiça de Cristo” (BEALE, G.K. 2018, p.417). Já está pago. Agora está acessível a todos quanto queiram recebê-lo pela fé. O apóstolo Paulo coloca esta verdade dizendo que: “sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus. Deus o ofereceu como sacrifício para propiciação mediante a fé, pelo seu sangue, demonstrando a sua justiça. Em sua tolerância, havia deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; mas, no presente, demonstrou a sua justiça, a fim de ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rm.3.24-26).

4.2 Um conceito errôneo de oração

O objetivo do publicano do fariseu era o mesmo, orar. O fariseu diz: “Deus, eu te agradeço porque não sou como os outros homens: ladrões, corruptos, adúlteros; nem mesmo como este publicano; jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho” (Lc.18.11-12). O publicano, por sua vez, em uma curta frase clama: “Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador” (Lc.18.13). Verifica-se aqui duas posturas antagônicas diante de Deus. É da postura que se toma diante de Deus em oração que depende a resposta que se obterá. O fariseu não desceu justificado, o publicano, sim.

Ao verificar as orações do fariseu e do publicano, constata-se a postura de humildade por parte do publicano, pois vê-se nele a maneira certa de compreender-se diante de Deus. Ele sabe que é fraco moralmente, o pecador, como ele mesmo se chama e, triste por ser assim, anseia voltar para Deus. Em razão deste posicionamento humilde, ele desceu do Templo justificado.

Por outro lado, tem-se o fariseu cheio de orgulho. Houston afirma que (HOUSTON, James, 2003, p. 21):

o orgulho bloqueia a ação da oração, tal como aconteceu na famosa parábola de Jesus sobre o fariseu e o publicano. Nunca aprenderemos a orar, se dissermos em nosso coração: “Agradeço-te, por não ser como os demais”, como disse o fariseu. Pelo contrário, a oração requer desnudamento espiritual diante de Deus: reconhecemos nossa culpa e damos um novo início em nossas vidas. Exige uma desconfiança saudável de nosso próprio sentido de realização, juntamente com o desejo de aprendermos de Deus.

Essa atitude diante de Deus, foi sua ruína. Disse Jesus que ele desceu sem receber o favor, a graça de Deus, porque “quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado” (Lc.18.14).

4.3 Uma recusa ao legalismo

Como a questão da justiça própria foi abordada, ressalta-se apenas o que Kittel e Gerhard afirmam a respeito do justo na sinagoga, pois esclarecerá o “modus operandi” do

legalismo que, possivelmente, estava por trás da atitude de muitos fariseus na época em que Jesus contou a parábola do publicano e do fariseu. Dizem eles (KITTEL, G., GERHARD, F., 2013, p.186):

Há aqui uma distinção entre os justos e os ímpios, que é apropriada ao conceito de retribuição e se baseia na habilidade humana de manter a lei. Os justos são aqueles cujos méritos superam as faltas. Uma divisão mais detalhada inclui aqueles que seguem a lei plenamente, aqueles que fazem mais o mal do que o bem, aqueles que fazem igualmente o bem e o mal e, finalmente, o penitente. Os patriarcas são colocados na primeira classe e muitos mestres são contados entre os justos. A oração do justo transforma os pensamentos severos de Deus em pensamentos misericordiosos.

Jesus está justamente denunciando esta atitude, pois o legalismo “frusta a graça divina, por buscar a retidão mediante a religiosidade e as obras da lei, encarando-as como parte do fundamento de nossa aceitação diante de Deus, juntamente com os méritos de Cristo” (PACKER, J. I., 1994, p. 93).

Batzig chama a atenção para o fato de que (BATZIG, Nicholas T. 2022, n. p.):

A refutação do legalismo no Novo Testamento é primariamente uma resposta às perversões da doutrina da justificação somente pela fé. A maioria dos oponentes do Salvador eram aqueles que acreditavam que eles eram justos em si e por si mesmos, com base em seu zelo e compromisso com a lei de Deus. Os fariseus, saduceus e escribas exemplificavam, por suas palavras e ações, o legalismo doutrinário nos dias de Cristo e dos Apóstolos. Enquanto eles faziam apelos ocasionais à graça, eles se auto justificavam, truncavam e distorciam o significado bíblico da graça.

Jesus está corrigindo exatamente esse desvio doutrinário do legalismo na parábola do fariseu e do publicano.

CONCLUSÃO

O presente artigo procurou demonstrar que é possível afirmar que mesmo em se tratando de uma parábola inserida no contexto de oração, a lição central que Jesus queria ensinar era sobre a justificação. No primeiro momento procurou-se destacar que a parábola foi contada àqueles que confiavam em sua justiça própria e desprezavam os outros. Este era o público-alvo de Jesus, as pessoas as quais Ele desejava atingir e as motivações dela – justiça própria e desprezo ao próximo. Em seguida, ressaltou-se, através de exegese do texto, os motivos pelos quais Jesus vaticinou – “Eu lhes digo que este homem, e não o outro, foi para casa justificado diante de Deus”. Buscar a Deus, é a solução para os problemas da humanidade. A postura daqueles que O buscam definirá a resposta que

receberão. Orgulho e religião legalista e desprezo pelo próximo – atitude do fariseu, afastam a graça de Deus. Por outro lado, como se verificou neste artigo, a humildade daquele que se considera o pecador – postura do publicano, fez com que ele descesse do templo justificado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, Felipe Sabino de A. Confissão de Fé de Westminster. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/credos/cfw.htm>. Acesso em: 10 de maio de 2022.
- AQUINO, João Paulo Thomaz de. Quem Eram os Publicanos? Disponível em: <https://issoegrego.com.br/2018/05/10/quem-eram-os-publicanos/>. Acesso em: 04 de maio de 2022.
- BAILEY, Kenneth E. Jesus Pela Ótica do Oriente Médio: estudos culturais sobre os evangelhos. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- BAILEY, Kenneth. As Parábolas de Jesus: poesia e o camponês uma análise literário-cultural. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- BATZIG, Nicholas T. Definindo Legalismo. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/definindo-legalismo/>. Acesso em: 11 de maio de 2022.
- BEALE, G. K. Teologia Bíblica do Novo Testamento: a continuidade Teológica do Antigo Testamento no Novo, São Paulo: Vida Nova. 2018.
- BÍBLIA Sagrada: Nova Versão Internacional. São Paulo: SBB, 2000.
- CARSON, D. A., MOO, Douglas, Morris, Leon. Introdução o Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- GILL, John. Exposição de Lucas. Disponível em: <https://www.biblestudytools.com/commentaries/gills-exposition-of-the-bible/luke-18-10.html>. Acesso em: 12 de maio de 2022.
- GILL, John. Exposição de Lucas. Disponível em: <https://www.christianity.com/bible/commentary/john-gill/luke/18>. Acesso em: 12 de maio de 2022.
- GINGRICH, F.W., DANKER, F. W. Léxico do Novo Testamento: Grego/Português. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- GOURGUES, Michel. As Parábolas de Lucas: do contexto às ressonâncias. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

- HAUBECK, Wilfrid, SIEBENTHAL, Heinrich von, Nova Chave Linguística do Novo Testamento Grego: Mateus – Apocalipse. São Paulo: Targumim: Hagnos, 2009.
- HENDRIKSEN, William. Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de Lucas Vol. 2. São Paulo: Editora: Cultura Cristã, 2003.
- HOUSTON, James. Orar com Deus. São Paulo: Abba Press Editora, 2003.
- JAMIESON, R. FAUSSET, A. R. BROWN, D. Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible Disponível em:
<https://www.studydrive.org/commentaries/eng/jfb/luke-18.html>. Acesso em 12 de maio de 2022.
- JEREMIAS, J. As Parábolas de Jesus. São Paulo: Paulus, 1986.
- KISTEMAKER, Simon J. As Parábolas de Jesus. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.
- KITTEL, Gerhard, GERHARD, F., Dicionário Teológico do Novo Testamento V.1. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- LANGE, Johann Peter. Comentário sobre as Sagradas Escrituras: Crítico, Doutrinário e Homilético. Disponível em: <https://www.studydrive.org/commentaries/eng/lcc/luke-18.html>. Acesso em: 11, maio, 2022.
- LINK, H. G., BROWN, C. Reconciliação. Em COENEN, L; BROW, C., Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, volume IV. São Paulo: Editora Vida Nova, 2000.
- LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene. (editores) Léxico Grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos. São Paulo: SBB, 2013.
- MACARTHUR, John, As parábolas de Jesus comentadas por John MacArthur: os mistérios do Reino de Deus revelados nas histórias contadas pelo Salvador. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.
- MATEOS, J., CAMACHO, F. Jesus e a sociedade de seu tempo. São Paulo: Paulus, 1992. MORRIS, Leon L. Lucas. Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- OMANSON, Roger L. Variantes Textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”. São Paulo: SBB, 2010.
- PACKER, J. I. Vocabulários de Deus. São Paulo: Editora Fiel, 1994.
- PORTER, Laurence E. Lucas em: BRUCE, F. F. Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Editora Vida, 2008.
- RICHARDS, Lawrence O. Comentário Histórico-Cultural Do Novo Testamento. R.J.: Editora CPAD, 2008.

- RIDDERBOS, Herman. A Vinda do Reino. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- RIENECKER, F., ROGERS, Cleon, Chave Linguística do Novo Testamento Grego. São Paulo: Editora Nova Vida, 1995.
- RIENECKER, Fritz. Evangelho de Lucas: Comentário Esperança. Paraná: Editora Evangélica Esperança, 2005.
- RYRIE, Charles C. A Bíblia Anotada. Mundo Cristão, 1994.
- SKARSAUNE, Oskar. À Sombra do Templo: as influências do judaísmo no cristianismo primitivo. São Paulo: Editora Vida, 2004.
- SNODGRASS, Klyne R., Compreendendo Todas as Parábolas de Jesus. R. J.: Editora CPAD, 2010.
- THOMAS, Robert L.; GUNDRY, Stanley N. Harmonia dos Evangelhos. São Paulo: Editora Vida, 2004.

A COMPREENSÃO DA DOCTRINA DA PROVIDÊNCIA

Rev. Otávio Augusto Freitas da Silva¹

RESUMO

O presente artigo visa expor o estudo teológico da doutrina da providência, tema por muitas vezes esquecido na atualidade, mas que é central na caminhada de fé cristã. Essa doutrina defende que Deus rege o universo segundo o beneplácito da sua vontade, utilizando até mesmo situações complexas aos olhos humanos, para realizar os seus decretos, sem que absolutamente nada lhe escape do controle. Assim, com todo cuidado paternal, ainda que não entendamos, há um objetivo sublime para os que amam ao Senhor, que é sermos conformes a imagem do Filho, sendo conduzidos para a morada celeste, processo este que o próprio Deus garante. Mesmo diante de um mundo que vive em oposição a Deus, o cristão pode ter conforto e certeza de que ele está regendo a sua história, inclusive em momentos difíceis e de grande aflição. Para a defesa desse artigo, além de considerarmos literaturas que corroborem nosso entendimento a respeito da doutrina, abordaremos um dos textos mais significativos do Novo Testamento quanto à segurança do cristão na Providência Divina, apresentado pelo apóstolo Paulo em Romanos 8:28-30. Este trabalho consiste em exibir de forma sucinta a doutrina da providência, negando a aparente ideia de que Deus não possui um controle exaustivo do cosmo e nem se relaciona com os seus. Ao fim desse artigo o leitor poderá concluir que o Senhor age providencialmente a todo momento, cooperando de forma especial com o seu povo. Dessa forma, a doutrina da providência deve ser lembrada como a certeza de que o propósito final da vida dos filhos de Deus é alcançado pela perfeita condução do Senhor para o bem dos que o amam.

PALAVRAS-CHAVE: Criador; Deus; Doutrina da Providência; Propósito; Sagradas Escrituras; Soberania.

ABSTRACT

The aim of this article is to present a theological study of the doctrine of providence, a topic that is often forgotten today, but which is central to the Christian faith journey. This doctrine

¹ O autor é pastor presbiteriano na Igreja Presbiteriana da Esperança em Mal. Hermes, RJ. Este artigo foi escrito como requisito para a Pós-graduação em Estudos Bíblicos do Novo Testamento no Seminário Teológico Presbiteriano Reverendo Ashbel Green Simonton (STPS). E-mail: otavioaugustofs@gmail.com.

argues that God governs the universe according to the good pleasure of his will, using even complex situations in human eyes to carry out his decrees, with absolutely nothing escaping his control. So, with all this paternal care, even if we don't understand it, there is a sublime goal for those who love the Lord, which is to be conformed to the image of the Son, being led to the heavenly dwelling, a process that God himself guarantees. Even in the face of a world that lives in opposition to God, Christians can take comfort in the certainty that he is governing their history, even in difficult times and times of great affliction. To defend this article, in addition to considering literature that corroborates our understanding of the doctrine, we will address one of the most significant texts in the New Testament regarding the Christian's security in Divine Providence, presented by the apostle Paul in Romans 8:28-30. This work consists of succinctly displaying the doctrine of providence, denying the apparent idea that God does not have exhaustive control of the cosmos nor does he relate to his own. At the end of this article, the reader will be able to conclude that the Lord acts providentially at all times, cooperating in a special way with his people. In this way, the doctrine of providence should be remembered as the certainty that the ultimate purpose of the lives of God's children is achieved by the Lord's perfect guidance for the good of those who love him.

KEYWORDS: Creator; God; Doctrine of Providence; Purpose; Holy Scriptures; Sovereignty.

INTRODUÇÃO

Diante de um mundo que busca constantemente se desviar da existência de Deus, procurando ser autônomo em relação a ele desde a Queda, e em meio aos mais variados acontecimentos da história, com frequência é levantada a ideia de que não há um propósito para todas as ocorrências do universo. Isso é facilmente perceptível ao analisarmos como o mundo tem se comportado frente aos acontecimentos mais comuns. Por exemplo, muitos olham a beleza do cosmo e pressupõem não haver uma ordem em tudo o que existe.

Uma parte da humanidade olha para os acontecimentos da vida como simples acidentes ou ações realizadas apenas pela obra do homem. Outros são levados a crer em forças impessoais que regem o universo, como o destino ou o acaso. Em alguns casos, se crê que a própria natureza seria aquilo que determina a ação de todos os acontecimentos. Dentre variadas visões existentes, algumas têm adentrado de maneira quase que imperceptível o meio cristão e expurgado o verdadeiro conhecimento em relação ao sentido que Deus dá a todas as coisas. De forma quase que natural, cristãos têm se entregado aos costumes do mundo e adotado ações e pensamentos divergentes dos da Escritura. Atribuem aos acontecimentos palavras como sorte, azar, acaso, destino ou até mesmo Mãe Natureza, associando um tipo de força impessoal ao governo de tudo o que existe.

O estudo da doutrina da providência divina tem como objetivo demonstrar a relação de Deus com o mundo e, de forma mais específica, a relação de Deus com a raça humana, sendo uma resposta para os pensamentos apresentados anteriormente que são latentes no mundo. A

partir dessa linha de entendimento, surge o estudo da teleologia que pode ser definido como o estudo da finalidade do universo, ou seja, o propósito da criação guiada pela mão providencial de Deus.

Muitos, influenciados por uma diversidade de pensamentos, têm se desviado do conceito central de uma regência cósmica realizada pelo Deus bíblico. Para intensificar esse viés contrário às Escrituras Sagradas, notamos que, na história da raça humana, sempre houve pessoas que matam por prazer, guerras ocorrem frequentemente, aparentando nunca cessarem, e homens destroem constantemente a criação de Deus. Injustiças ocorrem todos os dias e bons homens e mulheres sofrem severas punições enquanto pessoas de má índole são impropriamente inocentadas. Há fome em diversos pontos da terra, catástrofes naturais como tempestades, furacões, erupções vulcânicas e tsunamis devastam cidades e destroem lares e famílias. No decorrer dos tempos, doenças devastaram vidas e hoje somos testemunhas da maior pandemia já vista nesse século. Pessoas de diferentes classes sociais, raças, idades, sexos e religiões sofreram desse mal, ou seja, todos se encontraram sujeitos à contaminação e à morte, sem distinção. São centenas de milhares de mortos até hoje no nosso país, o que causa muita tristeza e muitas dúvidas na mente da população, principalmente quanto à regência de Deus no mundo, levando muitos a pensarem que, se há um Deus, este estaria totalmente distante ou não dando a importância que se esperava de um Deus conhecido como um Deus de amor.

Não conseguimos compreender o porquê Deus permite que tudo isso aconteça. Como cristãos, somos afligidos diariamente por variados casos. Vamos aos cultos do Senhor, oramos, buscamos agir com fidelidade, exercer a piedade, mas, mesmo assim, padecemos ao ver a morte de familiares, ao adoecermos, ao sermos injustiçados ou no simples fato de nos dirigirmos ao nosso trabalho e sermos surpreendidos pela ação maligna de assaltos e roubos cometidos por homens sem temor algum a Deus. Ao demonstrarmos nossa fé em Cristo, somos perseguidos, maltratados, injuriados e excluídos em diferentes ambientes. E, apesar de tudo isso, permanecemos fiéis ao chamado de Deus. Coisas ruins acontecem aos cristãos assim como acontecem aos não cristãos. De igual modo, coisas boas também ocorrem para ambos. Mas é necessário saber que há um diferencial e misericordioso agir de Deus entre essas duas classes. Deus cuida de maneira especial dos seus. Para seu povo, há uma condução na história realizada de forma extraordinária com um propósito superior ao do mundo.

O ensino a respeito da ação de Deus e seu governo soberano na história pode ser observado por toda Escritura, mas, em especial, é o apóstolo Paulo que escreve uma das mensagens mais belas a esse respeito ao enviar sua carta aos romanos. Em Romanos 8:28-30, Paulo afirma que Deus age em todas as circunstâncias para o benefício dos que foram redimidos

pelo sangue de seu Filho, com a finalidade de fazê-los semelhantes ao próprio Jesus. Sua mensagem visa dar aos cristãos a segurança da vida eterna em Cristo, ainda que diante de todos os males presentes no mundo. O apóstolo ensina aos seus leitores que permaneçam fiéis e confiantes na obra que o Senhor Deus já garantiu, dando a certeza aos cristãos da glória que virá, pois é Deus quem a garante.

A motivação para esse trabalho está na necessidade de muitos cristãos compreenderem a poderosa segurança e conforto que há no Deus da providência. Assim, esse artigo procura servir à igreja de Cristo – enfatizando a importância do conhecimento dessa doutrina, especialmente diante das adversidades do presente tempo – buscando, assim, fortalecê-la. O trabalho consiste em apresentar, de forma sucinta, estudos históricos e exegéticos, através de pesquisas bibliográficas, valendo-se, para defesa dos argumentos, de referenciais teóricos da teologia reformada. As normas metodológicas para formulação dessa obra seguem a ABNT e o Seminário Teológico Presbiteriano Rev. Ashbel Green Simonton.

Os tópicos a seguir tratarão, em primeiro lugar, do abandono da doutrina da providência, realizado por variadas cosmovisões, culminando no abandono dessa doutrina por muitos cristãos. Em seguida, veremos como se apresenta a doutrina da providência dentro do Novo Testamento, realizando, para tanto, um panorama nos Evangelhos, Atos dos apóstolos e na visão paulina. Em terceiro lugar, será realizada uma exegese no texto de Romanos 8:28-30, a fim de investigar sua contribuição para a doutrina em questão. Por fim, concluiremos com as implicações desses ensinamentos para a igreja de Jesus Cristo nos dias de hoje.

Portanto, o objetivo deste trabalho é o de apresentar a doutrina da providência e seu estudo como sendo de extrema importância para garantir conforto e segurança ao povo de Deus, sabendo que ele tem cuidado de cada ponto do espaço e que nada foge do seu controle. Para isso, lidaremos com as seguintes questões: será que Deus possui controle de cada mínimo detalhe da história? É Deus quem conduz a história da humanidade? O cristão poderia encontrar certeza de segurança em um Deus que não possa ter todo domínio? O Criador realmente interage com sua criação? Mas, de início, veremos como a ideia do domínio de Deus sobre o cosmo foi sendo deixada de lado ao longo dos tempos, o que contribuirá para o esclarecimento do assunto abordado mais adiante.

1. O ABANDONO DA DOCTRINA DA PROVIDÊNCIA

Ao longo da história, a igreja se deparou com diversos tipos de pensamentos contrários aos entregues pela Palavra de Deus. As cosmovisões que circundavam a vida dos cristãos eram opostas em profundos aspectos. O pensamento cristão a respeito do propósito do universo, sobre os planos de Deus e a raça humana, é baseado primordialmente no evento da criação, realizado a partir do falar do Criador. A providência de Deus seria o seu cuidado constante na obra da sua criação. Mas, no decorrer da caminhada da humanidade, houve muitas maneiras de se buscar entender o universo e o seu propósito longe dos ensinamentos da Sagrada Escritura, sendo geradas várias concepções errôneas sobre a condução do mundo.

Quando paramos para analisar a história e o próprio ambiente de desenvolvimento do pensamento cristão, é impossível descartar o contato com a cultura grega. Suas ideias e filosofias foram de forte oposição ao pensamento bíblico e se mantêm firmes até os dias de hoje em muitos dos seus aspectos. De acordo com o entendimento dos epicureus, não havia governo ou ordem no mundo, e o que predominava era o conceito do acaso. Para eles a grande finalidade da existência era se ter uma vida rodeada de prazeres benéficos. Conforme cita Tenney:

O epicurismo era essencialmente antirreligioso. Se o mundo teve sua origem na matéria, e ele surgiu por acaso, então não era necessário a existência de um poder criador. Se é o acaso que domina o resultado dos assuntos cósmicos, então não há lugar para uma Mente com um fim em vista, uma Mente diretiva. Os epicuristas, sem dúvida alguma, falavam a respeito dos deuses, como eles os retratavam, fechados em um asilo de felicidade, gozavam o intercâmbio social uns com os outros e não tinham interesses nos fúteis problemas dos homens. O epicurismo, na melhor de suas expressões, era deísta e, na prática, era ateu, pois um deus inacessível ou desinteressado dos problemas humanos podia, igualmente, não ter existência real. (TENNEY, 2008, p. 87).

Somada à crença politeísta, havia predominância do pensamento deísta, o qual adota a visão de que, havendo divindades, essas não se relacionariam diretamente com o homem, dando a ideia de divindade distante e basicamente intocável. Já na crença panteísta, é apresentado o pensamento de que Deus e o universo são um só. É a visão de que o universo não é criado por Deus, mas é o próprio Deus, não existindo distinção entre o ser de Deus e o ser do mundo. Com isso, quando se diz que o universo é Deus, seria correto dizer que planetas, árvores, animais, pessoas e absolutamente tudo é Deus e que Deus é absolutamente tudo. Porém, essa também não é uma posição que possa ser aceita pela fé cristã. Caso o panteísmo fosse bíblico, e, assim, verdadeiro, toda ação realizada no universo seria uma ação realizada em Deus e, seguindo a mesma ideia, toda ação má seria uma ação que Deus estaria realizando. Mas Deus não pode

pecar, logo, entende-se que Deus não é um com o universo, conforme se crê no panteísmo. Para Paul Helm (2007, p. 63), o panteísmo não pode ser assumido de forma alguma pelo cristianismo; ele diz que: “Tal ponto de vista não é aceitável ao cristão porque nega a distinção entre Deus e o universo, e anula a ideia da criação, pois uma das características fundamentais da criação é que as criaturas são distintas de seu Criador, e dependem dele para sua existência.”.

Um dos temas relacionados à doutrina da providência é a questão de como Deus cuida da sua criação. Caso seja assumida a ideia panteísta, não seria possível dizer que Deus preserva aquilo que criou, pois estaria tratando de preservar a si mesmo. Seria desprezar a distinção que há entre Deus e toda a criação, excluindo qualquer ideia de intervenção divina no mundo. Sobre a crença panteísta, Bavinck escreve que:

Nessa posição não há lugar para o milagre, a auto-atividade das causas secundárias, personalidade, liberdade, oração, pecado e a religião como um todo. Embora o panteísmo possa se apresentar sob uma forma bonita e sedutora, ele leva seus adeptos novamente a adotarem o destino pagão. Sobre suas premissas, não há existência além da natureza; não há poder maior do que aquele que opera no mundo de acordo com lei firme; não há vida melhor do que aquela para a qual os materiais estão presentes nessa criação visível. Por algum tempo, as pessoas podem se empolgar com a esperança idealista de que o mundo se aperfeiçoará por meio de uma série imanente de desenvolvimentos, mas logo esse otimismo se transforma em pessimismo e o idealismo se transforma em materialismo. (BAVINCK, 2012, p. 611).

Deus é de fato o Criador de todo o universo e antecede transcendentalmente a criação que o pertence. A ideia de relação panteísta é totalmente contrária ao ensino bíblico da providência.

Outras visões continuam buscando ferir o ensino de Deus como sendo o regente soberano do cosmo. O dualismo defende o pensamento de que há uma grande disputa entre o bem e o mal no universo. Logo, Deus e as forças do mal possuem quase que a mesma proporção de forças, sendo necessário da parte de Deus empreender sucessivamente esforços para não permitir que o mal vença, podendo ser surpreendido a qualquer momento.

Apesar de todos os ataques, a doutrina da providência permanece vigente. Porém, a busca do homem por independência de Deus tem feito com que a raça humana se sinta autossuficiente, gerando, nos últimos tempos, uma visão naturalista do mundo. Tudo o que existe funciona unicamente pelas leis da natureza, segundo o seu fluxo. Com essa mentalidade mais atual, não demorou muito para que ganhasse força a ideia de um mundo autogerado, de forma natural, sem influência externa, sem Deus. Agora não apenas o homem buscaria uma autonomia da própria vida, mas uma autonomia da própria existência. Deus não seria mais aquele que conduz o universo e a vida do homem, mas o próprio universo seria a causa da sua

própria existência, e o homem, um ser independente. Não há doutrina da providência pois não há o Deus da providência. Conceito que gera consequências até os dias de hoje em diversos meios cristãos, com a ideia de uma liberdade humana acima da soberania divina.

Quando a humanidade não possui uma estrutura sólida no correto ensino das Escrituras, no que tange especialmente a doutrina da providência, a esperança em Deus se torna fraca. As adversidades se apresentam na vida de cada homem e mulher, e o propósito real da vida, que é a glorificação a Deus, fica esquecido. Muitos têm sofrido por não saberem que rumo seguir; outros, por viverem diante do sofrimento, não conseguem enxergar a mão de Deus em todos os detalhes – inclusive que há propósito nos mais variados conflitos. Para aprofundar o conhecimento do tema, iremos abordar como a doutrina da providência é vista através das páginas do Novo Testamento.

2. A DOCTRINA DA PROVIDÊNCIA NO NOVO TESTAMENTO

2.1 Um Panorama nos Evangelhos e Atos

Quando nos deparamos com os textos do Novo Testamento, conseguimos encontrar diversas passagens que apresentam a providência de Deus sobre os eventos da história. Um exemplo é o cumprimento das profecias na pessoa de Cristo. Vemos que Jesus é o Rei da linhagem de Davi, como está escrito: “Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai;” (Lucas 1:32). Ou seja, o próprio Deus havia prometido de forma escatológica que estabeleceria “para sempre o trono do seu reino” (2 Samuel 7:13), sendo Jesus o cumprimento dessa promessa na linhagem de Davi. De forma semelhante é conduzido o nascimento de Jesus. Através de um decreto de César Augusto, foi realizado um recenseamento, obrigando José a se deslocar de Nazaré para Belém, por ser José da linhagem de Davi. Assim, Maria, grávida de Jesus, se desloca junto ao seu marido a Belém, onde “ela deu à luz o seu filho primogênito” (Lucas 2:1-6). O nascimento do Messias é predito no Antigo Testamento, sendo nesse mesmo local, Belém, de onde é dito que “sairá o que há de reinar em Israel” (Miqueias 5:2). Essas, assim como outras profecias, nos fazem ver que a mão de Deus no percurso da história é bastante ativa, conduzindo cada detalhe, e que ele nunca falhou. A sua providência não cessou e determina os meios para os seus próprios fins, se utilizando até mesmo de suas criaturas livres para o cumprimento de seus propósitos. Em resposta aos pensamentos filosóficos existentes na atualidade, Deus não é um Deus distante, mas bastante presente.

Vemos que era necessário, com a vinda de Cristo, que ele fosse o sacrifício para

remissão de pecados do povo exclusivo de Deus. Para esse cenário, a Bíblia relata que Judas Iscariotes teve o desejo de trair o Mestre e, por isso, “foi ter com os sacerdotes, para lhes entregar Jesus” (Marcos 14:10). Um dos motivos que o levou a essa deslealdade foi o interesse por riqueza, “porque era ladrão” (João 12:6), e, assim, também quis obter lucro com essa entrega. Paralelamente, encontramos nas Escrituras que “entrou nele Satanás” (João 13:27) e, então, Judas foi possuído. Sendo Jesus entregue por Judas, ou ainda, por intermédio de Satanás, era necessário que ele fosse traído conforme predito, “até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar” (Salmo 41:9). Ou seja, ainda que Judas tivesse um coração inclinado ao mal, e ainda que Satanás tivesse conduzido Judas, foi cumprido o que estava anteriormente determinado nos planos eternos de Deus. O próprio Cristo diz que ele mesmo iria ser entregue “segundo o que está determinado” (Lucas 22:22). Visto isso, podemos afirmar que nada era, é ou será uma surpresa para Deus, nem mesmo a entrega do seu Filho, pois o Senhor guia a história do mundo e, desse modo, a história da redenção.

Além dos quatro evangelhos apresentarem variedades de casos acerca da providência, as demais narrativas do Novo Testamento continuam a tratar sobre o enredo providencial do Senhor, diante da sua Igreja. O relato de Lucas demonstra que, após a vinda do Espírito Santo, homens se levantaram verdadeiramente contra o Ungido de Deus, mas, também, que todas essas ações eram para fazer tudo aquilo que a mão do Senhor e o seu “propósito determinaram” (Atos 4:27-28). Os apóstolos, dias depois, são tirados de uma prisão por meio da ação divina, tendo um anjo do Senhor libertado-os, o que revela que Deus intervém no meio deles para que anunciem “ao povo todas as Palavra dessa Vida” (Atos 5:18-20), mostrando que Deus, além de realizar os seus propósitos, é também Deus presente.

É válido destacar que a providência divina não abrange apenas casos isolados e de extremo significado, mas Deus também age providencialmente nos menores detalhes. Jesus, ao ensinar que é vã a ansiedade do ser humano, destaca, através do cuidado com as aves dos céus, que até desses pequenos animais o Pai é quem cuida. E já que “valeis vós muito mais” (Mateus 6:26), ainda mais ele dará os meios para subsistência de seus filhos. Segundo Franklin Ferreira e Allan Myatt:

A providência de Deus abrange até o cuidado dos animais. Ele sustenta (τρέφο [trep̄hō]) as aves e assim podemos contar com o seu sustento para nós (Mt 6.26). A palavra trephō significa cuidado de um pai na criação dos filhos (Lc 4.16). Os pardais não caem em terra sem que Deus dê seu consentimento (Mt 10.29). Para sustentar as aves, Deus tem o controle dos elementos da criação, das quais elas recebem a sua alimentação. (FERREIRA e MYATT, 2007, p. 316).

2.2 Um panorama da visão Paulina

É interessante analisarmos a vida do apóstolo Paulo de Tarso, homem letrado, culto, altamente capacitado, com cidadania romana e, assim, fruindo de portas abertas por todo o império. Vemos que o apóstolo foi alguém preparado por toda a sua vida para que, no momento específico da história, viesse a proclamar o Reino de Deus, conduzindo o evangelho com profundidade de conhecimento, a fim de alcançar as mais variadas regiões e pessoas. Para Paulo, o maior escritor do cânon do Novo Testamento, o Senhor sempre foi o Deus da providência.

Quando escreve à igreja de Éfeso, o apóstolo diz que Deus elegeu a sua Igreja antes da fundação do mundo e que a predestinou segundo a sua própria soberana vontade (Efésios 1:4,11). Em sua visão, todo o rumo do mundo está sob a mão poderosa de Deus e não há força que consiga alterar isso. É Deus quem age na história e possui total domínio. É o Senhor que retira as escamas dos olhos dos seus e quem busca todo aquele a quem lhe apraz e foi determinado.

A providência de Deus, segundo Paulo, pode ser resumida na declaração de que Deus “faz (ἐνεργέω [*energeō*]) todas as coisas (τὰ πάντα [*ta panta*]) conforme o conselho (βουλὴν [*boulē*]) da sua vontade (θέλημα [*thelēma*]) Ef 1.11). A palavra *boulē* significa que Deus tem um plano, um objetivo e intenção. *Thelēma* mostra que este plano ocorre segundo a sua vontade, o querer de Deus. *Ta panta* deve incluir tudo que acontece, mas no contexto, é claramente incluída a eleição dos que crêem em Cristo. Todas as coisas ele *energeō* (trabalha, produz um efeito, leva a cabo). A bíblia afirma que Deus tem um plano para o universo e que ninguém pode frustrá-lo. (FERREIRA e MYATT, 2007, p. 317). Cremos que todo o universo foi criado pela palavra de Deus e que tudo caminha segundo seu querer, seja nos céus ou na terra. Mas o Senhor não apenas criou o universo, como o tem mantido firmado pelas suas próprias mãos todos os dias. Ele age de maneiras naturais e sobrenaturais ao longo dos tempos, não havendo limites para o seu agir. Ainda que homens maus tentem burlar os planos de Deus, a vontade do Senhor não pode ser rompida. Ao longo da história do cristianismo, servos piedosos enxergaram em Deus as maravilhas de sua provisão sobre a humanidade, seja antes da vinda de Cristo ou nos dias de hoje, e o apóstolo Paulo viu isso muito bem, expressando o rico ensino do cuidado de Deus na condução do mundo.

O conteúdo trabalhado por Paulo nessa perícopé não é exclusivo no Novo Testamento. Comparando a epístola aos Romanos com a escrita aos Efésios, por exemplo, vemos similaridades. Em ambos os registros, Paulo utiliza o termo “propósito”. Em Romanos, ele afirma àquele público que tudo coopera para os que são chamados segundo o propósito de Deus (Romanos 8:28). Não diferente disso, ele escreve aos Efésios que “nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas

conforme o conselho da sua vontade,” (Efésios 1:11); e “segundo o eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor,” (Efésios 3:11). Ao analisarmos a intenção de Paulo nesses textos, podemos dizer que o apóstolo, de modo consistente, apesar do público distinto, afirma com contundência que Deus é soberanamente autor de um propósito específico que envolve seu povo e o senhorio de Jesus Cristo. Assim, o apóstolo deixa clara a verdade sobre a condução divina na história do seu povo.

Em Romanos, ele associa a predestinação ao fato de os cristãos terem como finalidade serem conforme Jesus. Em Efésios 1:11, Paulo trata de predestinação também, assim como em Efésios 1:5, que diz “nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade”. A descrição de Paulo quanto à predestinação dos cristãos está associada ao fato de Deus ter separado pessoas que ele escolheu soberanamente, desde antes da fundação do mundo, para receberem da parte do próprio Deus a salvação e glória eterna.

Temas como o chamado eficaz de Deus, a sua justificação e a glorificação que dará aos seus, também são trabalhados tanto na perícopes em estudo, como em demais cartas do apóstolo. Deus dá o Evangelho e o Espírito a todos os seus eleitos, declarando-os justos “mediante a fé em Cristo Jesus” (Gálatas 2:16) e trará a todos os seus eleitos a glória eterna, guiando-os por meio da santificação para se tornarem semelhantes a Cristo, “de glória em glória” (2 Coríntios 3:18). Assim, não apenas a perícopes possui determinadas afirmações, como também se relaciona com outros pontos presentes no corpo do Novo Testamento. Para o apóstolo, é impensável que Deus não esteja conduzindo cada detalhe do mundo. Veremos agora a maneira como Paulo expressa poderosamente a valiosa providência divina em sua carta aos romanos.

3. A PROVIDÊNCIA EM ROMANOS 8:28-30

²⁸ Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.

²⁹ Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.

³⁰ E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.

(BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA, 2009).

Ao chegarmos no texto base desse trabalho, observamos que o apóstolo Paulo mantém o conflito que há entre os sofrimentos existentes na vida dos fiéis e a glória que virá. Diante das afirmações que ele apresenta, revelam-se as provas e a certeza do amor de Deus para com os seus, proporcionando a segurança aos cristãos, diante do mundo caído em que vivemos. O

apóstolo escreve essa perícopes como uma forma de motivar cristãos a permanecerem firmes no Senhor, mesmo que tudo pareça contrário ao entendimento dos cristãos.

No versículo 28, Paulo inicia a passagem expressando o conhecimento de fé necessário a um cristão frente aos cuidados de Deus, dizendo “Sabemos”. O termo pode ser uma inferência do ensino imediatamente anterior, sobre as aflições da vida cristã, quando o apóstolo instruiu seus leitores sobre como os sofrimentos presentes nunca poderão interromper a salvação que há em Cristo Jesus; antes, são ferramentas de aperfeiçoamento em uma vida ligada a Deus. “O uso que faz da partícula conclusiva [e portanto] não apresenta nenhuma objeção, pois ele tinha o costume de empregar também advérbios indiscriminadamente da mesma forma.” (CALVINO, 2014, p. 340). Para Hendriksen, a explicação quanto ao início dessa passagem pode ser resumida da seguinte forma:

Paulo já demonstrou que, para os que estão em Cristo Jesus, já não há condenação (vs. 1–8). Eles são habitados por esse Espírito que ainda ressuscitará gloriosamente seus corpos (vs. 9–11). Recebem a certeza de que são filhos de Deus, e, como tais, são seus herdeiros (vs. 14–17). Seu atual sofrimento por Cristo e por sua causa significa que, um dia, partilharão de sua glória, uma glória tão maravilhosa que, em comparação com ela, os obstáculos se transformam em nada (v. 18). Eles habitarão aquele novo céu e nova terra pelos quais toda a criação ora geme em expectativa (vs. 19–22). Eles mesmos igualmente gemem enquanto ardentemente aguardam sua adoção (vs. 23–25). O Espírito os auxilia em toda a sua fraqueza. Esse Espírito sempre intercede por eles em harmonia com a vontade de Deus, de sorte que essa intercessão, acompanhada de gemidos inexprimíveis, certamente será eficaz (vs. 26–27). (HENDRIKSEN, 2011, p. 352-353).

Logo, fica claro o uso desse verbo “Sabemos” no início do versículo: Paulo afirma que as aflições dessa vida devem ser por nós entendidas pelo fato de sermos filhos de Deus. John Murray assevera que a melhor forma de iniciar a passagem não é, como algumas traduções se utilizam, com a cláusula “mas”, argumentando que tal pensamento proposto por Paulo “não é adversativo, e sim transicional. Quando o apóstolo disse “sabemos”, estava novamente dando a entender que esta verdade não deve ser contestada” (MURRAY, 2016, p. 382).

Após, o apóstolo continua dizendo que “todas as coisas cooperam”. O que obviamente quer dizer com a palavra “todas” é que se trata de todas as coisas pertinentes ao contexto, ou seja, os sofrimentos. “Naturalmente, isso não significa que eventos além das aflições não operem juntos para o bem dos cristãos, mas apenas que o apóstolo está falando aqui sobre os sofrimentos presentes” (HODGE, 2019, p. 302). Para F. F. Bruce:

Gramaticalmente, “todas as coisas” tanto pode ser sujeito como objeto do verbo “cooperam”, é mais provável que aqui seja objeto. Neste caso, o sujeito será “ele”, que alguns textos antigos (inclusive P46) tornam mais explícito pelo acréscimo de “Deus” no nominativo (acrécimo que torna excessivamente pesada a sentença)

(BRUCE, 2014, p. 142).

Apesar do texto não tratar do assunto detalhadamente, o pensamento central de Paulo tem a ver com a soberania de Deus em fazer tudo convergir no alvo proposto. Dessa forma, o fim para o qual todas as coisas cooperam é “o bem daqueles que amam a Deus”, aqueles para os quais os sofrimentos são bençãos da parte do Senhor. Paulo inicia com a frase “aqueles que amam a Deus” para que não haja dúvidas sobre os que estão envolvidos nas “coisas que cooperam para o bem”. Essas coisas são para aqueles que continuamente expressam amor a Deus. Mesmo que o que ocorra seja mau, a sabedoria de Deus se revela no fato de que também isso, no enredo dos planos de Deus, é determinado a atuar para o bem.

Terminando esse versículo, o apóstolo se refere, como uma segunda parte (que não exclui a primeira), àqueles para cujo bem todas as coisas cooperam, isto é, aqueles “que são chamados segundo o seu propósito”. Então conclui-se que há duas atribuições nessa passagem, as quais caminham inseparáveis: os “que amam a Deus” e “que são chamados segundo o seu propósito”. Logo, a ação de Deus ao chamar esses deve ser altamente considerada, tendo um valor expressivo.

A palavra “chamado” não pode ser entendida como um mero convite externo ao Evangelho. Seu melhor significado está associado ao chamado interno de Deus ao homem. “Portanto, a palavra é muitas vezes equivalente a ‘escolhido’, como nas frases ‘chamado para ser apóstolo’ (1 Co 1:1; Rm 1:1) e ‘chamados para pertencerem a Jesus Cristo’ (Rm 1.6)” (HODGE, 2019, p. 302). Também deve ser considerado na narrativa bíblica que os cristãos não amam a Deus antes de serem chamados por ele, sendo válido observar que esse amor parte primeiramente do próprio Deus em direção aos que ele chama (1 João 4:10). Ao falar “segundo o seu propósito”, o apóstolo quer dizer que esses chamados são chamados pelo propósito eterno e determinado de Deus.

A partir do versículo 29, Paulo apresenta o propósito da graça de Deus, a saber, que os cristãos constituem um povo destinado a ser semelhante a Cristo, sendo este o objetivo de Deus desde a eternidade, por graça e misericórdia. Mas para isso o apóstolo apresenta uma ordem de informações que fazem parte dos atos de Deus no homem. Ao dizer “aos que de antemão conheceu”, não podemos interpretar tal conhecimento como uma presciência divina, baseada em uma previsão do futuro (como que Deus olhando para quem iria se converter e, por isso, passando, posteriormente, a “conhecê-los”, por serem boas pessoas em si mesmas). Pelo contrário, devemos interpretar que “Deus estabeleceu seu amor em determinados indivíduos, muito antes de nascerem, alegremente reconhecendo-os como Seus, elegendo-os para a vida e

glória eternas.” (HENDRIKSEN, 2011, p. 357). Portanto, é do total poder de Deus a decisão de se relacionar ou não, eleger ou não alguém previamente, baseado unicamente em seu beneplácito soberano. Para o reformador João Calvino, “O conhecimento antecipado de Deus, mencionado aqui pelo apóstolo, não significa mera presciência, como alguns neófitos tola mente imaginam, mas significa, sim, a adoção, pela qual o Senhor sempre distingue Seus filhos dos réprobos” (CALVINO, 2014, p. 343). “A palavra usada nesse caso pelo apóstolo Paulo, traduzida como “antemão”, é a palavra *Prōginō*. Ela vem de uma forma do substantivo *gnosis*, que é a palavra grega para conhecimento” (SPROUL, 2011, p. 265). Estes que Deus “de antemão conheceu” são, por óbvio, o mesmo grupo a que Paulo anteriormente se refere como tendo sido “chamado” segundo o propósito de Deus.

Aqueles que Deus conheceu anteriormente, ele “também os predestinou”. Hendriksen faz uma excelente avaliação do cenário que Paulo apresenta nessa passagem dizendo que:

Na realidade, “presciência” já implica “predestinação”. Não obstante, há uma diferença de ênfase. Enquanto o primeiro termo dirige nossa atenção para as pessoas a quem Deus elegeu e somente de uma forma geral a seu destino final (vida e glória eternas), o termo predestinação fixa nosso pensamento mais definidamente no propósito para o qual foram eleitos e nos meios de alcançá-lo. Esse alvo não é apenas “entrar finalmente no céu”, mas “conformar-se à imagem do Filho de Deus”. (HENDRIKSEN, 2011, p. 358).

Assim, a predestinação segue o conhecimento prévio de Deus e se fundamenta nele, ficando evidente a ideia de uma eleição soberana. Aos que Deus adota para si, também os conduz para serem conformados à imagem de Cristo, lembrando os cristãos da necessidade de imitarem o unigênito de Deus e o compromisso, ao serem, por adoção, chamados de filhos. Mais uma vez fica claro que é Deus o autor de toda a obra de salvação do homem, uma ação guiada pela mão soberana, realizada por Deus antes mesmo da fundação do mundo (Efésios 1:4), conduzida do início ao fim. Quando é dito que “também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho”, o apóstolo quer dizer que, assim como Cristo é, os crentes devem ser também; assim como Cristo é Filho, somos chamados de filhos; e assim como Cristo é conforme a semelhança do Pai, devemos ser conformes à sua semelhança. De igual modo, os sofrimentos da vida cristã podem ser comparados, em certa medida, com os sofrimentos que o Filho de Deus também experimentou, na esperança de que, assim como ele foi exaltado, nós seremos também.

O apóstolo continua o mesmo versículo dizendo “a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos”, nos mostrando que o propósito de Deus para os homens predestinados é que Cristo seja identificado como o ponto central de tudo, a saber: “que ele seja o primogênito

entre muitos”. Deus, desde a eternidade, tinha soberanamente um propósito de salvação: que, ao enviar seu Filho ao mundo, ele faria expiação pelos eleitos, e todo homem somente seria salvo por intermédio de Jesus. “Sua glória, como a glória de Deus na forma mais elevada de sua manifestação, é o grande objetivo da criação e redenção” (HODGE, 2019, p. 306). O objetivo de Deus, portanto, é que Cristo seja reconhecido como o Primogênito, o Cabeça, o Chefe da multidão daqueles que também podem ser chamados de filhos de Deus.

A conclusão dessa exposição se encontra no versículo 30, finalizando a série de categorias que o apóstolo apresenta a respeito dos que pertencem ao Senhor. Continuando o que Paulo havia dito, quanto aos que foram chamados segundo o propósito de Deus, esses foram conhecidos/escolhidos, predestinados; agora o apóstolo apresenta mais três novas categorias, expressas pelos verbos “chamou”, justificou” e “glorificou”. Todos esses atos são vistos como atos realizados por Deus, e não podem ser atribuídos ao próprio homem. Apesar dessa certeza, Stott deixa-nos clara a importância e a necessidade da proclamação das boas novas de Cristo:

O chamado de Deus é a aplicação histórica da sua predestinação eterna. Seu chamado chega às pessoas por meio do evangelho; quando esse evangelho é anunciado a elas com poder e elas lhe respondem com a obediência da fé, aí é que se sabe que Deus as escolheu. Assim a evangelização (o anúncio do evangelho), longe de se tornar supérflua em virtude da predestinação de Deus, é indispensável, pois é exatamente ela o meio proporcionado por Deus para que o seu chamado chegue às pessoas e desperte a sua fé. (STOTT, 2000, p. 305).

Podemos considerar, diante do que foi exposto pelo apóstolo, que a aplicação da redenção possui uma ordem. Essa ordem inicia nos planos predeterminados por Deus na eternidade, alcançando o momento da glorificação dos corpos de seus filhos. Assim, dando continuidade ao versículo anterior, é dito que aos que Deus “predestinou”, a esses ele “chamou”. Vale destacar que, quando Deus “conheceu” e “predestinou” alguém, isso se refere a aplicações ocasionadas antes que houvesse tempo, na eternidade; mas ao analisarmos o momento em que Deus “chamou”, devemos qualificar esse chamado dentro da linha temporal da história de todo homem que recebe o chamado específico. De igual modo, a justificação ocorre na imputação do caráter de Cristo no homem, quando este o reconhece como Salvador, tema esse bastante trabalhado por Paulo nessa carta. “O tempo aoristo grego usado aqui pode expressar a ideia de frequência” (STOTT, 2000, p. 307), em que podemos entender que aqueles que ele chama, ele, de igual modo, justifica.

O ponto ápice para os cristãos que possuem o conhecimento dessa passagem, em associação com a mensagem de toda a Escritura Sagrada, é a glorificação futura, quando

teremos a certeza da liberdade plena do mundo caído. Ainda assim, o apóstolo apresenta aos cristãos algo diferenciado. É dito que Deus os “glorificou”, dando a ideia de algo que já ocorreu, diferente de uma ideia de glória futura. Paulo não somente anseia pela glória vindoura, mas, diante dos atos de Deus, confiante na sua providência que não falha, apresenta aos cristãos a certeza de que esses podem contar com a garantia da glorificação futura já em seus atuais momentos, ainda que sob os sofrimentos evidentes. Já que é Deus quem cuida, do início ao fim, do processo de salvação do seu povo, é impossível que ele falhe. Logo, é impossível também que aqueles que ele “conheceu”, “predestinou”, “chamou” e “justificou”, na certeza plena do cumprimento de suas promessas, não estejam assegurados pelo Senhor até o fim. Pois todos esses atos são indissolúveis do processo de redenção. “Essa é a própria ideia que o apóstolo apresenta para o consolo e encorajamento dos crentes. Eles não têm motivo para desânimo se são filhos de Deus e são chamados de acordo com o seu propósito, porque nada pode impedir a salvação deles” (HODGE, 2019, p. 303).

Em síntese, podemos afirmar que, quando Paulo apresenta os seus argumentos em Romanos 8:28-30, ele quer argumentar que os cristãos têm o dever de confiar na obra providencial de Deus em todos os aspectos de suas vidas, ainda mais diante dos sofrimentos. Essa confiança vem de saber que há um propósito em Deus para os seus filhos, aos quais ele garante a salvação desde a eternidade e até a consumação dos tempos. Nada poderá alterar os propósitos de Deus para tornar os cristãos à imagem de seu Filho, pois é o próprio Senhor quem os “conheceu”, “predestinou”, “chamou”, “justificou” e “glorificou”, o que torna a garantia da caminhada cristã uma certeza de fé nas mãos de Deus.

4. IMPLICAÇÕES DE ROMANOS 8:28-30 PARA A IGREJA NA ATUALIDADE

O texto de Romanos 8:28-30 é de precioso valor para o corpo de Cristo, a Igreja. Paulo deseja orientar os crentes de Roma a não temerem diante das incertezas presentes em suas vidas, sendo esse um ensino extremamente importante para a igreja nos dias de hoje. Anteriormente (8:26-27), ele ensina que o Espírito Santo intercede pelos cristãos por conta de suas fraquezas. O homem, sendo pecador, se encontra em um estado de total indisposição em relação a Deus. Então, devido à limitação e fraqueza da raça humana, Deus concede do seu próprio Espírito para que esse os ajude em decorrência das necessidades que possam ocorrer.

Quando o Espírito Santo age na vida dos cristãos, esse mesmo Espírito possibilita que todas as coisas trabalhem para o bem dos que amam a Deus. O plano de Deus por meio do Espírito, então, é guardar, proteger e guiar os seus filhos até o fim. Ainda que em meio às

grandes dificuldades do cotidiano, podemos saber que Deus está conosco. O apóstolo diz que “todas as coisas cooperam para o bem dos que amam a Deus”, porém isso pode deixar a impressão de que: (1) quem ama a Deus não sofrerá aflições; (2) quem sofre certos males não deve amar verdadeiramente a Deus, já que sofre. Essas duas afirmações são completamente falsas. O que o apóstolo quer nos apresentar é que, tanto as coisas boas que nos provêm, quanto as más situações que nos circundam, trabalham em favor de Deus por nós. O sofrimento é parte da caminhada cristã, sendo afirmado por Paulo anteriormente também ao dizer que “os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós” (8:18). Crentes também sofrem, mas esperamos ansiosamente pela revelação gloriosa de Deus. Para Sproul:

Sabemos, a partir do ensino da Escritura, que o nosso destino final como cristãos é para o céu, um lugar, como nos é dito no livro do Apocalipse, onde não haverá noite, nem morte nem lágrimas. No céu, vamos viver para sempre, sem sofrimento e sem dor. O ambiente do céu nunca será arruinado pela presença do mal ou pecado. O céu é um lugar onde nada dá errado e o mal não tem lugar. O céu é um lugar pelo qual esperamos com alegre antecipação [...]. (SPROUL, 2011, p. 254)

O Novo Testamento, assim como a história da igreja, é repleto de testemunhos de cristãos que sofreram em nome de Cristo. O maior exemplo de amor diante de Deus é o apresentado pelo próprio Jesus, ele ensina e convida os seus discípulos a tomarem sua cruz, segui-lo e sofrerem em seu favor. Não somente isso, mas o próprio Cristo, que ama verdadeiramente o Pai, sofre aqui nesse mundo, sendo um exemplo para a Igreja. Dessa forma, podemos ver que nenhum sofrimento é sinal de um distanciamento de Deus, visto que Jesus Cristo sofreu até a morte. Mas os sofrimentos servem para nos preparar para o bem que Deus tem reservado a nós, um bem supremo, para que sejamos semelhantes ao seu Filho Jesus (8:29), um bem que é superior a tudo o que existe. Devemos reforçar que não estamos sozinhos, mas que Deus tem conduzido cada um dos seus para este fim sublime Assim, Sproul afirma que não há o que temermos em meio aos sofrimentos:

Uma das mais antigas afirmações da igreja antiga resume a essência do relacionamento entre Deus e seu povo: Deus *pro nobis*. Significa “Deus por nós”. Isso é a essência da doutrina da providência. É Deus sendo por seu povo. “Que diremos, pois, à vista destas coisas?”, pergunta Paulo. Se Deus é por nós, quem pode ser contra nós, e quem pode nos separar do amor de Cristo? Será a tristeza, o perigo, a espada, a perseguição, o sofrimento, a enfermidade ou a hostilidade humana? Paulo está dizendo que, não importando o que tenhamos de suportar neste mundo, como cristãos, nada tem o poder de desfazer o relacionamento que temos com uma providência amorosa e soberana. (SPROUL, 2017, p. 123)

O apóstolo Paulo continua ensinando para a igreja as garantias na poderosa mão de Deus, mesmo em dor e angústias, e que o plano eterno do Senhor não falhará, de modo que todo cristão deve permanecer com fidelidade e piedade, pois o trabalho do Espírito é que os conduzirá até o último momento. Deus preparou um plano na eternidade para que todos os cristãos verdadeiros contemplessem a salvação em Cristo. Para isso, nos tempos eternos, ele conheceu de antemão os seus filhos, antes que viessem à existência, e os predestinou. Em seguida, chamou-os eficazmente para responderem ao Evangelho e os justificou – ação evidenciada na mudança de vida do homem que faz parte do corpo de Cristo. Deus transforma o coração dos seus filhos e, então, coloca a justiça de Jesus neles. Ao fim, o mesmo Deus que realizou todas as coisas por nós, para sermos conformes o seu Filho, nos glorificará. Isso é tão certo para nós que o apóstolo usa o tempo verbal pretérito, como se a glorificação que teremos fosse algo já ocorrido, ele diz aos cristãos que Deus os “glorificou” (8:30). A nossa salvação está nas mãos de Deus, do início ao fim; dos tempos eternos anteriores até os tempos vindouros, somos assegurados pelo Criador de todas as coisas. Para João Calvino, não há mal que possa impedir a ação providencial de Deus. Ainda que em um primeiro momento não compreendamos, tudo coopera para um propósito glorioso:

Quando densas nuvens ocupam o céu e cai uma violenta tempestade, uma vez que também os olhos sejam impedidos por uma triste escuridão, e percutem trovões aos ouvidos, e todos os sentidos sejam tomados pelo terror, tudo nos parece confuso e agitado, e, no entanto, sempre permanece no céu a quietude e a serenidade. Assim, deve-se estatuir que, enquanto as coisas no mundo parecem turbulentas ao nosso juízo, a partir de sua pura luz de justiça e sabedoria, Deus, por um movimento excelentemente composto, a elas regula e dirige para o fim devido. (CALVINO, 2008, p. 197).

Para a Igreja, Paulo deixa claro que o conforto, segurança e esperança devem ser depositados em Deus. E, infinitamente melhor do que termos as garantias de uma vida plena em nossas próprias mãos, é termos as nossas vidas na condução perfeita do Senhor da Providência, que nos assegurará mesmo após longos percursos, e nos levará a uma morada perfeita através do seu poderoso agir

CONCLUSÃO

Ao fim desse artigo, que trata das contribuições de Romanos 8:28-30 para a Doutrina da Providência, podemos concluir que Deus é extremamente bondoso e generoso para os que o amam, para os seus filhos. Ele conduz cada detalhe do mundo e nos mantém graciosamente participantes do seu plano redentor. Soberanamente faz com que nós, seres frágeis e

inconstantes, tenhamos a certeza de que ele tem agido para o nosso bem, em nosso favor, pois estamos em Cristo Jesus. Logo, como vimos inicialmente, não podemos considerar o pensamento do mundo como legítimo e válido para adotarmos. Nos pensamentos que divergem da Bíblia, o mundo anda desgovernadamente, sem rumo, e, com isso, conseguimos perceber os resultados latentes da sociedade ao buscarem se afastar da presença de Deus na atualidade. Mas, nós, seus filhos, temos a plena convicção de que a providência do Senhor opera a todo instante. Vimos também que a doutrina da providência é bastante expressiva nas páginas das Sagradas Escrituras, pois Deus tem guiado o rumo da história por meio de suas próprias mãos, inclusive todos os aspectos da redenção. O Novo Testamento é a confirmação das promessas anunciadas anteriormente e Cristo é a coroa que revela a vontade do Pai. A direção de Deus é confirmada nos escritos neotestamentários e, em grande parte, pelas cartas do apóstolo Paulo, ficando claro o cuidado de Deus sobre o seu povo nas Escrituras. Com maior destaque no texto em estudo, Romanos 8:28-30 nos faz perceber que a certeza cristã está alicerçada nos propósitos eternos de Deus e que nada poderá alterar isso, pois não somos do mundo, mas somos dos céus e por isso podemos ver a condução do Senhor em tudo.

Esse estudo serve para me mostrar que, ainda que pareça que nada caminhará para o meu bem, ele é o Deus da minha vida, da minha história e da minha salvação e tem me conduzido, assim como a toda sua Igreja, para uma vida eterna de alegria e paz na sua presença, trabalhando o verdadeiro bem em nossas vidas. Fazer-nos semelhantes a Cristo é o auge do que podemos ter como o bem de Deus para nós. A certeza de que ele, eternamente, cuida de nós e nos prepara para Aquele dia é maravilhosamente confortante, e nos motiva a caminhar cada dia mais em favor do seu nome, na certeza de que ele age para o nosso bem.

Por isso, todos nós podemos nos entregar verdadeiramente ao senhorio de Cristo. Ele é Deus Emanuel, Deus presente, Deus conosco e nos guarda pelo poder do Espírito Santo para todo o sempre. Saber disso é motivo para imensa gratidão, conforto e esperança. Gratidão, porque Deus já realizou muitas coisas por nós, que não somos merecedores. Conforto, porque, mesmo diante de todo o mal do mundo, estamos seguros nas mãos do Todo-Poderoso Deus. Esperança, pois esperamos confiantes o dia da volta do Senhor, quando seremos glorificados e habitaremos com ele para todo o sempre, onde não haverá mais choro, não haverá mais dor e, enfim, poderemos contemplar a presença de Deus de forma nunca experimentada anteriormente.

Dessa forma, podemos desejar, todos os dias, que o plano eterno de salvação se conclua na vinda gloriosa de Jesus. Seja escassez, seja injustiça, seja sofrimento, podemos confiar na poderosa obra de Deus em todas as coisas, pois são instrumentos dele para nos conduzir para o

nosso bem.

REFERÊNCIAS

BAVINCK, H. **Dogmática Reformada: Deus e a criação.** Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BERKHOF, L. **Teologia Sistemática.** Tradução de Odayr Olivetti. 4. ed., São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BÍBLIA de Estudo de Genebra. 2. ed., São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

BRUCE, F.F. **Romanos: Introdução e comentário.** Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 2014. (Série Cultura Bíblica)

CALVINO, J. **A Instituição da Religião Cristã.** Tradução de Carlos Eduardo de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2008. Tomo I.

CALVINO, J. **Romanos.** Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: FIEL, 2014. (Série Comentários Bíblicos)

CAMPOS JÚNIOR, Heber Carlos de. **Triunfo da fé: Lidando com o problema do mal - Um estudo em Habacuque.** São Paulo: Fiel, 2012. (E-book Kindle).

FERREIRA, F.; MYATT, A. **Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual.** São Paulo: Vida Nova, 2007.

HELM, P. **A Providência de Deus.** Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. (Série Teologia Cristã)

HELM, P. **A Providência secreta de Deus: A glorificação de Deus na apresentação e defesa da doutrina da providência e da soberania divina.** Tradução de Elizabeth Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

HENDRIKSEN, W. **Comentário do Novo Testamento: Romanos.** Tradução de Valter Graciano Martins. 2. ed., São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

HODGE, C. **Romanos.** Tradução de Sharon Barkley. São Paulo: PES – Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2019

HODGE, C. **Teologia Sistemática.** Tradução de Valter Martins. São Paulo: Hagnos, 2001.

HORTON, M. **Doutrinas da fé cristã: Uma teologia sistemática para os peregrinos no Caminho.** Tradução de João Paulo Thomaz de Aquino. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

KELLER, T. **Romanos 8-16 para você.** Tradução de Jurandy Bravo. São Paulo: Vida Nova, 2017.

MURRAY, J. **Romanos: Comentário Bíblico.** Tradução de João Bentes. São Paulo: FIEL,

2012.

PATE, C.M. **Romanos**. Tradução de Suzana Klassen; Vanderlei Ortigosa. São Paulo: Vida Nova, 2015. (Série Comentário Expositivo)

PEIXOTO, L. B. **A mão de Deus ou o dedo do diabo?:** A mensagem do profeta Joel e a providência de Deus na história. Brasília, DF, Brasil: Box 95, 2020.

POHL, A. **Carta aos Romanos:** Comentário Esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1999.

SPROUL, R.C. **Estudos Bíblicos Expositivos em Romanos**. Tradução de Heloisa Cavallari; Márcio Santana Sobrinho; Mary Lane. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

SPROUL, R.C. **Somos Todos Teólogos:** Uma Introdução à Teologia Sistemática. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São Paulo: Fiel, 2017.

STOTT, J.R.W. **A mensagem de Romanos**. Tradução de Silêda; Marcos D.S. Steuernagel. São Paulo: ABU, 2007.

TENNEY, M. C. **O Novo Testamento sua origem e análise**. Tradução de Antonio Fernandes. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.



STANLEY, Andy e JONES, Lane. **Comunicação que transforma: ensinar para impactar vidas.** São Paulo: Editora Vida, 2013.

Rev. Luan Andrade Pena

O Andy Stanley é pastor sênior da comunidade de North Point, Igreja em Alpharetta, Geórgia. Ele estudou no seminário Teológico de Dallas. É autor de vários livros, incluindo “o líder da próxima geração”. O Lane Jones é o diretor do campus da comunidade Browns Bridge Church, um dos ministérios da comunidade de North Point. Também foi graduado no seminário Teológico de Dallas, e vive em Atlanta.

A obra "Comunicação que transforma: ensinar para impactar vidas", traz uma ideia bastante enfática na autoanálise da sua forma de falar para o público e a capacidade de conseguir progredir nesta área da oratória. Área pensada por muitos que não é possível ter alguma evolução, porém, no livro vemos a afirmativa desta possibilidade.

Esta obra afirma novas formas de se pregar, conseguindo deixar para o ouvinte o discurso mais chamativo, tentando da melhor maneira possível que o pregador seja ouvido. Pois não adianta ter um sermão com muitas informações pertinentes se não há quem consiga ouvir por tamanha falta de capacidade na oratória.

O grande problema dos pregadores que não são ouvidos, normalmente não é culpa dos ouvintes, porque os ouvintes desejam ouvir e receber uma boa mensagem para a sua vida, o problema que a obra enfatiza é que o pregador não consegue se comunicar de uma maneira agradável e direta com seu público, tendo assim, grandes dificuldades de passar a mensagem que transforma vidas.

Para facilitar esses ruídos que infelizmente acontecem na comunicação do pregador com os ouvintes, a obra procura elaborar o método de ter apenas um ponto na pregação, que desta forma, seria muito mais fácil para o ouvinte conseguir assimilar o que foi pregado, e que ele mesmo conseguiria resumir o que foi falado no dia, e facilitando a aplicação deste ponto na sua própria vida.

Os autores dividem o livro em duas partes: na primeira parte é: “Como está minha pregação?”, na segunda parte é: “Comunicação para uma mudança?”. Na primeira parte, começa a estória do pastor Ray Martin. Na narrativa da estória desse pastor de 35 anos, ele se percebeu com uma grande dificuldade na sua pregação, encontrando-se desorientado com esta percepção, porque o seu público não parecia conseguir entendê-lo mais, sua esposa o encoraja a buscar ajuda nessa área, e o jovem pastor Ray entendeu que precisava melhorar a sua oratória.

Aceitando o direcionamento da sua esposa, e partindo para a prática de tentar melhorar sua oratória, o pastor Ray conversa com Peter Harlen, um orador de longa data, e o Peter dá dois direcionamentos para o Ray, duas dicas: “se ouça” e busque ficar um tempo com Will Graham, um experiente pregador. Sendo assim, o pastor Ray aceita esses direcionamentos do Peter Harlen e segue para Atlanta para conhecer Will Graham.

O pastor Ray e Will se encontram e começam a viagem. Existe uma decepção por parte do pastor Ray, pois Will não era pastor, e isso frustrou alguns pensamentos do Ray. Contudo, o Will era um caminhoneiro que pregava o evangelho por onde quer que passasse, fazendo dele um pregador experiente, em lugares diferentes e com um “jeito de falar diferente” para cada público.

Durante a viagem, Will dá alguns imperativos para Ray, seis imperativos, que na verdade são sete no total: “determine o seu alvo”, “escolha o ponto para onde vai”, “crie um mapa”, “internalização da mensagem”, “envolva os ouvintes”, “encontre a sua voz”, e quando esses seis imperativos não funcionarem, o Will ensina outro imperativo: “encontre um ponto de tração”.

No primeiro imperativo, o pregador ou orador precisa definir o seu alvo na transmissão da mensagem para evitar erros. No segundo imperativo, é sobre saber exatamente para qual “local” está levando o ouvinte com a mensagem, é necessário sim ter uma mensagem que passa por alguns assuntos, contudo, precisa-se saber para onde ir exatamente com o ouvinte, pois assim ficará mais fácil o primeiro imperativo. No terceiro imperativo, ele abrange a ideia de colocar o ouvinte em um espaço, espaço pelo qual Deus também está inserido, conseguindo deixar tudo isso ligado na mensagem. No quarto imperativo, é sobre algo que a maioria dos pregadores devem ter, que é saber tanto sobre a mensagem, está com ela tanto no coração e na mente, que ela não se torna apenas uma pauta, mas ela fica internizada no pregador, pois assim ficará muito mais fácil a comunicação, pois o pregador carrega a mensagem no seu coração e a transborda na hora do sermão.

No quinto imperativo, trabalha-se a ideia do ouvinte se sentir envolvido com a mensagem e que isso realmente faz parte das vidas ali, “tornando práticas” para o ouvinte. No sexto imperativo, o Will direciona o Ray para que ele “encontre a sua voz”, e não imite alguém ou procure se “formatar” em algum jeito, mas que ele tenha a seu próprio jeito, sua própria “digital” na oratória. O verdadeiro último imperativo, alerta para caso os outros tenham falhado, alerta para que o pregador se humilhe diante de Deus e esteja antes de tudo de acordo com a vontade Dele. Na segunda parte do livro, retorna-se para os imperativos tratando a ideia de que os pregadores deveriam repensar em fazer muitos pontos para os seus sermões, pois isso pode trazer muita confusão e dificuldade para os seus ouvintes, e há um aconselhamento de caminhar com sermões de apenas um ponto.

Particularmente acredito que essa obra acerta precisamente em comunicar com o pregador da sua necessidade de ser humilde para ouvir as pessoas ao seu redor, de que é sempre necessário melhorar, de que muitas vezes essas melhorias vão precisar de um deslocamento do pregador e que terá que ouvir e aprender coisas um tanto desconfortáveis. Também vejo algo muito positivo na obra é que, ela não se esquece dos ouvintes em nenhum momento, ou seja, discutir sobre como ser um bom orador pensando apenas em táticas e pontos ao olhar a partir do pregador e não da plateia é um erro básico.

Gostei bastante sobre o imperativo de internizar a mensagem, pois isso faz o pregador trazer a mensagem de maneira mais leve, direta, e com aplicações bem traduzidas para o seu público, diferente de um sermão que está totalmente no papel e pouquíssimo dentro da mente e do coração do pregador, isso pode ser extremamente perigoso, pois pode criar pregadores que aprenderam a passar o sermão de forma distante e não porque a mensagem os acertou primeiro. Por isso, acho esse ponto de extrema importância. De modo geral, creio que todos os pregadores tendo a oportunidade de ler essa obra, deveriam fazer. Este livro tem aplicações atuais, pensam nos ouvintes, acreditam no quebrantamento do pregador, defendem atos de humildade do pregador, e também afirmam que para ter melhorias é necessário sair da zona de conforto. O que acho extremamente importante é que durante a obra não se vê um desligamento de uma vida com Deus, pelo contrário, estar debaixo das mãos do Senhor está nas linhas e entrelinhas da obra.

Neste livro também não buscam trazer respostas desatualizadas, nem procuram ter muitos pontos para serem defendidos ao decorrer da obra. São diretos naquilo que um pregador precisa para sua evolução, e sempre olhando para Deus.



Seminário Teológico Presbiteriano
Rev. Ashbel Green Simonton
Rua Isolina, 151 - Méier, RJ

SEMENTES

E-ISSN: 2764-9296

REVISTA CIENTÍFICA DE TEOLOGIA
VOL. 2 | Nº 2 | 2023